
HERBERTO HELDER
Apresentação do Rosto


HERBERTO HELDER
Apresentação do Rosto

Apresentação do Rosto
Herberto Helder

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

© Herdeiros de Herberto Helder, 2020
© Porto Editora, 2020

Apresentação do Rosto foi publicado pela Editora Ulisseia em Maio de 1968.
A presente edição foi revista por Luis Manuel Gaspar.

2.ª edição em papel da obra (1.ª na Porto Editora): Março de 2020

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68082-2

e tudo será devorado pelo exército que avança em força
todas as árvores de fruto até ao duplo tecido de sua casca
todas as bagas selvagens que a fecunda montanha faz crescer
e toda a água secará nas ribeiras
onde se mitiga a negra sede dos que bebem a longos tragos
e de longe se provocará uma nuvem de flechas como uma cúpula formada
sobre a cabeça dos soldados e um alto nevoeiro
como uma sombra ocultará o astro e o fogo se extinguirá
mas há-de florir o tempo de uma rosa de Locres
então depois de haver tudo queimado como se queima um deserto de restolho
por sua vez ele experimentará a fuga
buscará o abrigo da barca como uma rapariga
invoca e busca junto às sombras da noite
aterrorizado por uma espada nua

LYCOPHRON, dito «o Obscuro»

OS PRÓLOGOS

Sou o Autor, diz o Autor, e aproxima-se das pessoas que estão simplesmente a assistir e lhe deixam, a ele, a solidão incólume.

Boa-noite.

E as pessoas que assistem são estátuas com cabelo, um sorriso talvez — com esse ar ambíguo das estátuas: branco, fatal, atónito.

As estátuas não têm amor nem adivinhação.

Estão cravadas nas poltronas e nada fazem por esse Autor repentinamente aparecido no meio de sombras e luzes.

Contudo, esperemos ao menos que não sejam os «juízes».

São majores, advogados, comerciantes, professores.

Estátuas sentadas.

Estava ali a pensar, há pouco, para que serve aparecer.

(Ele refere-se, evidentemente, a um momento teatral anterior, que pode desenhar-se desta maneira:

O pano sobe.

A cena encontra-se na obscuridade.

Três panejamentos negros cobrem o fundo e os lados do palco.

A um canto, ao fundo, de preferência à esquerda, está um homem sentado numa poltrona de couro.

Fuma.

Tem ao lado um cinzeiro de pé alto.

Nada mais existe no palco.

O homem expele o fumo com força, uma última vez, e atira o cigarro para o cinzeiro.

Ergue-se devagar.

As luzes aumentam de intensidade sem, no entanto, iluminarem francamente a cena.)

Não serve para nada, continua, a menos.

Levanta um dedo, e todo o corpo como que se precipita para o alto desse jacto de energia.

A menos que se execute um milagre.

E toda a sala permaneceria muda e à margem da *(miraculosa)* solidão, se o Demónio, que passava pelos corredores, não tivesse encontrado a porta entreaberta e, espreitando, não dissesse: um milagre?

Sim, responde o Autor, um pequeno milagre.

Aqui é o lugar da malícia do Demónio.

Pequeno?, pergunta.

Então o Autor diz que tentará explicar.

Massas de sombra e de luz esperam atrás dele.

O espaço onde se encontra hesita entre vários, inconcluídos pensamentos.

Nem a temperatura, a pressão, a humidade se fixaram.

Eu apareço como exemplificador — mostro o estilo, o exemplo.

Um operário em fato-macaco levanta um dos panos laterais e introduz em cena meio corpo.

Pergunta: começa-se?

Ainda não, responde o Autor, estou a explicar umas coisas.

Quando acabar, chame, diz o operário, e desaparece.

Senhores militares, estudantes, médicos — minhas senhoras — meus senhores — ides assistir a um acto simbólico.

É esse o milagre, o pequeno?, pergunta o Demónio no fundo da sala.

Sim, é esse — e é pequeno.

Bate palmas, e entram alguns operários.

Agora?, perguntam.

Os operários saem e voltam com uma carpete, cadeiras, pequenas mesas e o mais que possa interessar para que surja uma sala-de-estar segundo a convenção.

Um momento, interrompe o Autor.

E os operários conservam-se a um canto, pacientemente à espera de poderem arrumar os móveis e objectos.

Eu ia pedir-vos, senhoras, senhores, para aceitardes o direito de poder imaginar a acção um pouco como quisésseis.

O que aqui se passar poderia passar-se noutro sítio qualquer, com pessoas diferentes e de maneira diversa.

Mete pessoas?, pergunta o Demónio.

Não haverá sempre pessoas?, não estaremos por acaso — tu, eu — bloqueados, sufocados, esmagados por pessoas? — há sempre pessoas.

E as pessoas estão em baixo, sorrindo, olhando — talvez, talvez.

Enfim, procuro defender o meu símbolo, apesar de tudo.

Podeis começar, senhores operários.

E para vós, senhoras, senhores, que simplesmente assistis, vou fazer, enquanto eles dão a este espaço o aspecto concreto da realidade, um pequeno truque de prestidigitação.

Uma coisa poética, pela qual procurarei dar a impressão de que repito o acto iluminante do Génesis.

É o milagre?, perguntam impertinentemente do fundo da sala.

Um milagre que não é precisamente uma arbitrariedade.

Os poetas arrogam-se o direito de recomeçar o mundo.

Aqui principia o mundo, se é verdade que pode principiar em qualquer parte e tempo.

E então arregaça as mangas do casaco como um prestidigitador de circo.

Mostra as mãos, de um lado e de outro.

Nada na manga, diz o Demónio.

Com efeito, nada na manga.

Dirige-se para os panejamentos negros que puxa, e caem, deixando à vista as paredes com estantes de livros, quadros, retratos de família, etc.

Bonito, não é?

Fiat lux!

E a luz fez-se.

Olha subtilmente para as estátuas, enquanto ao fundo rebenta uma gargalhada.

Depressa, diz para os operários, esta gente espera a acção.

A acção, não é?

Pois claro.

Onde estão as portas?

Uma para comunicar com o resto da casa.

Isto é a sala-de-estar de uma família.

Ora é preciso que as pessoas entrem e saiam.

Que vivam por toda a parte, por causa da verosimilhança.

Gosto muito da verosimilhança.

E outra, outra porta para fora.

Porque podem chamar de fora, da noite, do vento, e a pessoa por quem chamam poderá querer sair.

Estavam mal as pessoas, se o Criador.

Com a licença de todos, o Criador aqui sou eu.

Se o Criador, dizia, lhes não desse uma porta.

É tudo?, pergunta o Demónio.

Tudo, sim.

E o milagre?

Bem, o milagre.

Nada há a acrescentar, senão talvez que as pessoas que simplesmente assistem nunca se movem, porventura jamais se moverão.

Talvez nem mesmo sorriam, ou olhem.

Estão sentadas, vamo-lo supor.

Sentadas e hirtas, e se calhar não chegam a compreender que é para elas tudo o que se faça.

A paixão forma-se, cresce, desloca-se à sua frente.

Alguém se esgota à sua frente — o caloroso prestidigitador, sob a ironia de um demónio devoluto, emprestado pelas fábulas.

Escreve-se.

Há as nuvens, as árvores, as cores, as temperaturas.

Há o espaço.

É preciso encontrar a nossa relação com o espaço.

Fazer escultura.

Escultura: objecto.

Objectos para a criação de espaço, espelhos para a criação de imagens, pessoas para a criação de silêncio.

Objectos para a criação de espelhos para a criação de pessoas para a criação de espaço para a criação de imagens para a criação de silêncio.

Objectos para a criação de silêncio.

Temos enfim o silêncio: é uma autobiografia.

É algo que se conquista à força de palavras.

Pode-se morrer, depois, quero dizer.

Um amigo: quando já sabemos como viver estamos prontos para a morte.

Estou descontente.

Há primavera, verão, outono e inverno — no espaço.

Começa assim o *Ricardo III*:

Now is the winter of our discontent
Made glorious summer by this sun of York;
And all the clouds that lourd'd upon our house
In the deep bosom of the Ocean buried.
Now are our brows with victorious wreaths;
Our bruised arms hung up for monuments;
Our stern alarums changed to merry meetings;
Our dreadful marches to delightful measures.

Gloucester não é feito para estes tempos de paz, os jogos voluptuosos, os delicados labirintos da beleza.

É monstruoso.

Why, I, in this weak piping time of peace,
Have no delight to pass away the time,

Unless to see my shadow in the sun
And descant on mine own deformity.

E ele realizará uma autobiografia activa, uma sufocante acumulação de crimes.

Uma soma de cadáveres.

Um cadáver ele mesmo, acto V, cena V.

É o silêncio dele.

Estou descontente.

Eis o inverno do meu descontentamento.

Autobiografia.

Denominação: dominação das coisas.

O amor e a palavra são belos crimes — e imperdoáveis.

E quem pode amar o crime senão o criminoso e, por vezes, devido a um ainda mais raro talento, a sua vítima?

O autobiógrafo é a vítima do seu crime.

Melhor verdade, porém, é que a única graça concedida ao criminoso é o seu próprio crime.

Estou só: escrevo.

A alegria de escrever.

A temperatura, a velocidade, a cor das palavras — a maneira.

Latejam e respiram.

Dormem e despertam — andam.

Olham para a nossa ciência e para a nossa inocência.

Amam-nos.

Descobrir o seu sistema de cristalização, ver como a luz se refracta através delas.

As montanhas deslocam-se, pela energia das palavras, aparecem pessoas, animais, girassóis, plantas negras, lugares negros — e o sol, pela energia das palavras, cria-se o silêncio, pela energia das palavras.

année par année sont des années sans années
pas par pas sont des pas sans pas

Uma notícia de jornal: uma estátua em granito, com mais de 2 metros de altura e pesando meia tonelada, desequilibrou-se e tombou sobre o escultor que a tinha feito, esmagando-o.

Porque não é assim: o homem pesa 60 toneladas, mede 22 metros de altura e 24 de largura, e ocupa uma superfície de 70 metros quadrados — é em aço inoxidável.

Escrever é perigoso.

(…)

Sim — no entanto, já me disseram isso: que eu devia ser paciente.

E os que mo disseram foram tão pacientes, pelo seu lado, que apodreceram.

Quanto a mim, tenho pressa.

Porque eu penso que vou morrer, e então como posso ser paciente?

Gostaria de escrever o livro de que tenho medo, mas os meus dias, afinal longos, são ameaçados pela esterilidade.

Nada disto é fácil.

Suporto mal a carga das experiências e inexperiências: um homem, bela fábula também para apodrecer, e (desta vez) depressa.

A minha convicção era esta: eu esgotara a cidade.

Então fiz a mala e dirigi-me para o norte.

O norte era um espaço organizado segundo outras regras, de certo modo opostas às da cidade esgotada.

A experiência que possa ou julgue ter apresenta-me o norte como um estilo ao mesmo tempo rigoroso e livre, onde as primeiras qualidades são talvez a verdade, a pureza e o esforço.

A minha vida na cidade orientava-se pelo princípio da dissipação.

O facto que eu fugia de admitir, isto é: que o livro me perseguia, o livro aterrador que eu aspirava escrever, para que fosse a minha purificação — seria colocado, o livro, o facto, seria colocado, no norte, numa nova perspectiva.

Sim.

Já me não equilibrava nas linhas do antigo estilo.

Havia peste na cidade.

Suponho que um perfeito desamor se estabelecera entre mim e os dias.

Repugnavam-me as casas brancas, a cal martelada pelo sol, e o rio — as grandes águas pesadamente luminosas.

Era a peste.

Mas a peste não é só esta face quente e branca que confunde o poder e a delicadeza dos pensamentos.

O sul comporta as noites aparentemente plácidas, de que os dias vazios são uma ambígua anunciação, onde um furor sensual empurra à embriaguez, à alegria dramática — exigência de atingir depressa os limites.

Eu vacilava então entre diversas pistas, convencido de que o ardor me guiaria ao melhor lugar, quero dizer: à exaltação mais alta.

Onde me conduzia o livro, o tema, aquela perseguição?

Que espécie de morte me vigiava — terrível e salvadora?

Em pequenos escritos de uma crueldade minuciosa mas lateral, eu fazia perguntas, e do outro lado aparecia o norte, com a fascinação da sua luz imóvel.

Era a sua fábula o que eu deveria aprender: descobrir o seu prestígio inocente.

E nessa fixa claridade desabrochariam os meus obscuros bestiários — o livro.

(…)

O livro, o livro.

Nos dias nevoentos fecho as janelas, acendo a luz forte, e deito-me no tapete.

Leio ou penso.

Ou então fumo, enquanto as camadas de silêncio se sobrepõem, e as mais pesadas descem e as mais leves se tornam pesadas, até ser impossível destruir o silêncio.

É fascinante, debaixo de uma luz que brilha tanto.

Lá fora, a terra — a terra das criaturas que se aproximam umas das outras, se tocam e falam.

O silêncio é sólido, iluminado por cima, aquecido pelos lados.

Durante seis meses fumo e leio, estendido no tapete.

Depois chega o verão, e subo à montanha, e vou para o mar.

Rebento de sol e água, do odor a terra quente e agulhas de pinheiro.

Estou tremendamente forte.

Bebo vinho.

Uma noite começo a escrever.

Tenho uma memória: nada foi esquecido.

Vem adequado agora a um vivo sentido de expressão.

Feliz, eu caminho para o esgotamento, nesses terríveis dias da fecundidade.

As pessoas perdem o nome, os acontecimentos libertam-se do seu movimento centrífugo: fica um núcleo cerrado de significações.

Inspiro-me na minha alegria, na morte acumulada.

Vivo sobre um doloroso e minucioso sentimento de masculinidade — como se isso fosse uma doença.

Poderei dizê-lo: inspiro-me no que é uma força e uma terrífica fragilidade, diante da lembrança e do esquecimento.

Depois: um ritmo, uma libertação.

Há dentro da gaveta uma rima de folhas escritas de ambos os lados.

Escrevi-as para os sombrios tempos do esgotamento.

Eu sou — e ali está a minha prova.

Dias, dias, noites inteiras — sobre o tapete, enquanto a chuva, o sol, o vento, o mundo.

Tempo consumido por uma tranquilidade imóvel.

Mas o bolbo fermenta.

Começo a andar em volta do quarto e a sair do quarto.

Sim, sim, digo eu, sim.

Ando de um quarto para outro, fechando portas, voltando atrás para abrir portas.

Depois paro e fumo diante das janelas.

Eu, diante da noite, com as mãos cobertas de sangue.

Eu, cheio de medo.

Irrisória medida pessoal: comida, urina, fezes, esperma, suor.

As unhas e os cabelos que crescem.

E a noite adiante, atrás, por cima.

Uma distância avassaladora e inóspita.

Desamor, crueldade, sensibilidade na criatura, na estranha criatura coroada com a sua comida e as suas fezes.

E sangue nas mãos, não há lágrimas — masculinidade, podridão fria.

Os papéis são um motor, trabalhando ininterruptamente; os papéis trabalham pelos dias dentro e no meio da noite.

Um tremendo motor.

Acordo de madrugada para ouvir a trepidação do motor.

Comunica-se à mesa, e da mesa ao soalho, às paredes, e a toda a casa.

É uma força espantosa.

Divago pela casa, bêbado de hesitação, dissipo-me em passos, mergulho em sonos brutais.

Uma manhã, caminho debaixo de árvores frias.

A terra trabalha à minha volta, interior e silenciosa, o mar vibra sob um céu extenuantemente liso.

Enfrento este calmo sonho do mundo, eu — o homem exaltado.

O meu poder é profundo e obscuro.

E então canto.

É uma canção essencial, ingénua — desalojada dos labirintos da ciência.

Empunho essa arma inocente, atravesso com ela meu ser dúbio, o vocabulário das contradições.

Sim, sim, penso eu, sim.

Talvez a alegria comece nesta terrível purificação.

Vieram ter comigo à noite, numa rua deserta, e disseram: porque fizeste isso?

Pareceu-me reconhecê-los, reconhecer-lhes os rostos implacáveis de ressuscitados, e a voz, aquela voz triste e violenta de quem irrompeu do tempo e violou a sua qualidade mortal.

Pensei: quem sou eu para que me ataquem as vozes?

E o sangue vacilou na minha carne, as mãos tremeram, e a minha boca estava gelada.

Porque eu sabia quem era — conhecia-me.

Que fiz eu?, perguntei, e eles olhavam-me com a sua terrível melancolia.

Vieram ter comigo numa rua de não sei que cidade, e quem sabe se eu era puro?

Tinham caras ferozes e dolorosas, e queriam conhecer a razão por que eu fizera aquilo.

Olhei em volta — e apenas uma noite sufocada pelo nevoeiro, o rumor apenas do vento arrastando papéis velhos pelas ruas.

Era uma vez um lugar — pensei — onde os pássaros apanhavam insectos e os cravavam nos espinhos dos cardos selvagens.

Era uma vez uns pássaros que cantavam, enquanto os insectos agonizavam enterrados em espinhos brancos e duros.

O seu canto era belo.

E então, voltando-me para aqueles rostos amargos e cruéis, perguntei: quereis cantar?

E eles sorriram, como quem sabe, e disseram: porque fizeste isso?

Serei um inocente? — isto, só isto o que me acudiu.

E pus-me a andar, enquanto eles me seguiam quase sem ruído pelo meio do nevoeiro.

De súbito, percebi que eu nada sabia, nada, que a minha ciência era inane, e me limpava de toda a culpa.

Estremeci de alegria e parei voltando-me para eles, e perguntei, radiante: que fiz eu?

Um deles avançou para mim e passou a mão direita pelo meu rosto, numa carícia leve e, ao mesmo tempo, investigadora.

Recordei todo o tempo inútil que vivera, e aquilo que opusera ao mundo, e pensei: como hei-de morrer, com que espécie de amor, de louvor, hei-de eu morrer?

Já sabia então toda a profundeza do meu crime, e como o meu espírito era frágil e cruel.

Terei cantado alguma vez? — perguntei, e aquele que avançara até mim recuou para o grupo, e todos me olhavam.

Ignoro em que cidade pode o nevoeiro correr assim pelas ruas, e deixar à volta dos rostos um espaço branco onde uma luz difusa trema longamente, como se não houvesse tempo e o peso incalculável das presenças fosse irremovível.

Vieram ter comigo nessa inexplicável cidade e, enquanto o nevoeiro passava, olhavam-me implacavelmente, conhecendo o meu medo, o ponto instável onde inocência e crime se equilibravam no meu coração, e disseram: porque fizeste isso?

Eu sorri.

Decerto, comecei a dizer.

E de novo reparei que os rostos escapavam ao nevoeiro, quase brilhando na massa escura e gelada da noite.

E o meu rosto, brilharia ele também, estaria como que suspenso na noite, seria um rosto implacável?

Como recusar que eu sempre me preparara para a morte do mesmo modo que se prepara uma vingança?

Decerto, disse sorrindo, decerto houve um erro qualquer, porque eu não posso ser procurado.

E recomecei imediatamente a andar.

Sim, isto é um lugar, isto é uma noite, mas há outros lugares e outros tempos.

Há uma libertação, algures, num tempo que não sei, mas que existe.

E eles seguiam-me, e tanto fazia que eu caminhasse depressa como devagar, porque se mantinham à mesma distância.

Ando à procura da minha velocidade, mas o que é isto, que é procurar a sua própria velocidade, se aparecem vozes com uma pergunta fora do tempo e dos lugares?

Há um erro, gritei, e enfrentei-os, há um erro, um erro.

E então um deles avançou para mim e passou a ponta dos dedos pela minha boca.

E não sei se eram os dedos que tremiam ou se era a minha boca, e não sei porque tremeriam os dedos ou tremeria a boca.

Ele afastou-se devagar, e eu perguntei: que fiz eu?

As ondas de nevoeiro abraçavam as figuras imóveis e o vento arrastava jornais velhos.

Os rostos continuavam a palpitar no ar frio.

Um dia chegará a luz.

Um dia correrão as águas, e as plantas sairão das trevas com a chama branca das suas flores, e alguém louvará o renascimento da vida.

Um dia o homem estará nu e inocente.

Então reconheci os seus rostos atrozes de ressuscitados, e aquela voz que irrompia do tempo e violava a sua qualidade mortal, para dizer: porque fizeste isso?

Quem sou eu para que as vozes me ataquem?

Porque fizeste isso? porque fizeste isso? porque fizeste isso?

Ah, um pouco de paz, um dia de paz, apenas um dia, para que saiba ao menos a qualidade da minha culpa.

E um deles avançou e deu-me um beijo no rosto, e depois recuou, e depois recomecei a minha caminhada sem propósito, e depois senti que a face me queimava no sítio do beijo, como uma chaga.

Era uma rua enorme, estreita e varrida pelo nevoeiro húmido.

Eles andavam atrás de mim, quase sem ruído.

Talvez a inocência seja mesmo a minha verdadeira vocação.

Que espécie de ciência terão eles, para fazerem tal pergunta?

Era uma vez um lugar onde pássaros terríveis cantavam inspirados pela agonia dos insectos.

O seu canto era de uma beleza inocente e parecia louvar a própria vida.

Há um erro, disse eu, e parei para olhar as caras brancas e amargas.

Quereis cantar?, perguntei, quereis alimentar-vos da minha inocência?

Então um deles destacou-se do grupo e veio para mim, cambaleando como um ferido, e depois tomou-me as duas mãos nas suas e levou-as lenta e apaixonadamente aos lábios, e comecei a chorar em silêncio, enquanto as minhas mãos ficavam entregues àquele beijo de um amor terrível.

Porque fizeste isso?, perguntaram os outros, dirigindo-se a mim.

E os seus rostos eram implacáveis.

O que estava junto de mim abandonou-me docemente as mãos e voltou para o grupo.

Disse: porque fizeste isso?

Um dia chegará a primavera, num lugar longe daqui, haverá homens e mulheres para louvar a vida, pensei eu.

E, virando-me para eles, perguntei: que fiz eu?

Ah, vieram ter comigo à noite, numa rua deserta, e pareceu-me reconhecê-los, reconhecer-lhes os rostos implacáveis de ressuscitados, e a voz, aquela voz triste e violenta de quem irrompeu do tempo e violou a sua qualidade mortal.

Porque fizeste isso?, perguntavam.

Mas nem eu avaliava bem a verdade da minha culpa ou da minha inocência, nem conhecia que espécie de sabedoria era a deles.

E caminhava pela cidade cheia de nevoeiro, e eles seguiam-me e às vezes beijavam-me apaixonadamente as mãos, e eu dizia: que fiz eu?

Se acaso eu pudesse pensar na morte, isso era como uma vingança, e parecia que eles sabiam tudo.

De nada servia que eu protestasse existir um erro.

Mostravam-me o seu amor demoníaco, e acusavam-me até eu sentir que tudo vacilava dentro de mim.

Talvez agonizássemos todos e todos nós esperássemos cantar, movidos pela agonia alheia, talvez estivéssemos ligados por

insondáveis tramas de inocência e culpa, e as vozes fossem um obscuro esforço de libertação.

Eu parava e dizia: mas que fiz eu?

E um deles avançava para mim e encostava o seu rosto ao meu e afastava-se.

E depois eles perguntavam: porque fizeste isso?

Quem sabe?, talvez fosse muito rudimentar toda a nossa sabedoria de crime e inocência, e o amor e o medo enchessem o nosso coração, e assim caminhássemos pelas trevas com os rostos brilhando ao alto — dolorosos, implacáveis e doces, doces.

OS RITMOS

Vejo-lhes o rosto sem sombras, um pequeno rosto branco que tem raízes em águas lisas.

A peste neles é uma tarefa tranquila.

As raízes bebem-na na própria paz, e o sono não dá conta.

Sólido sono que nenhum pavor atravessa.

Um dia hei-de falar melhor deste sono, desse distraído e falso equilíbrio que regras estéreis secretamente alimentam.

Eu via esses rostos, esse sono, e não tinha paz.

Sabem como é?

Começamos por reconhecer aí os seres do nosso amor e gentileza — sei lá — a mãe, as irmãs, a rapariga cujas altas ancas atravessavam os quartos obscuros, atravancavam corredores, e onde a luz viva se quebrava.

Nas fotografias antigas, com forma oval e uma cor ambígua, a três quartos, de frente, de perfil — sim, reconhecemos isso.

São rostos brancos, e dormem.

Dormem o sono onde a lepra estremece: a tenebrosa semente.

Depois vemos que tudo era vazio, lá dentro: era uma casca — e, precisamente, nada significava.

Mãe — dizemos nós.

Mas a mãe fora tomada por aquela grande desatenção.

E chamamos pela jovem tremendamente irradiante e íntima.

Mas nada há, além de um nome inventado pelo nosso tempo e colocação, o nosso próprio mistério.

Fazemos um apelo aos retratos, cercamo-los de uma quente expectativa, e temos sobre eles uma teoria emocionante.

Contudo, é forçoso deixá-los: dormem daquele sono.

Estou rodeado por dezenas de cabeças assim — calmas e vazias.

Vou para os lugares do norte — é talvez um projecto.

Sim, tenho esse projecto.

No norte a neve é grande, e eu andarei sobre ela, possivelmente descalço.

Lá em cima, se me aplicar bastante, segundo uma regra minha interior que hei-de descobrir, ficarei com os pés queimados.

Quando voltar a ver as antigas memórias, terei os pés cobertos de cicatrizes.

Que pensarão de mim?

Que sou um mártir? um vagabundo a quem faltaram os sapatos? um homem a quem faltou a prudência?

Deixemos-lhes os alvitres, os sensos morais.

Temos de pensar nos nossos pés.

Não para lamentos.

Porque, evidentemente, quem possui pés marcados não pode deixar de ser suspeito.

Quero eu dizer: se a neve e o gelo os marcaram, como fogo, é porque o coração tinha o seu crime, a sua regra violenta.

Escutem vocês.

Não temos família, nem amor, nem paz, nem casa, nem país, nem fraternidade, nem.

Realmente nem isso.

Nem projecto.

Quando eu disse muito baixo: mãe.

Sabem vocês o que aconteceu?

Veio aquela mulher muito velha, sonâmbula, que sorria estupidamente, que deveria estar a dormir.

Aposto em que era oca, igual ao ovo de avestruz que havia na horrível sala de jantar.

Bem sei: a minha versão era outra.

Uma mulher silenciosa, sentada junto a uma janela com cortinas brancas onde batia o vento marinho.

A criatura gentil e atenta, cuja melancolia era uma espécie de inteligência subterrânea que todas as coisas, e uma memória oculta, ajudavam no silêncio.

Mas a velha oca sorria, e a inteligência dela era apenas andar pela casa.

Uma galinha.

Vejo-a a esgravatar a terra, a morrer da sua peste, com a cabeça dormente sobre as curtas asas.

O que eu digo é bastante simples: a gente precisa de encontrar o seu verdadeiro lugar para morrer.

Aí é que se vive.

Não é junto de fotografias amarelas, de mães empestadas, de raparigas esplêndidas guardando com ignorância o seu cancro fatal.

Onde é bom para morrer, não há perigo.

Está limpo, é definitivo.

Oh, deixemo-nos de invenções menores.

Já somos puros e responsáveis, depois de tudo o que sucedeu: as pessoas que dormem embrulhadas em volta da sua tenebrosa doença, os retratos oblíquos, inclinando o seu suspeito sorriso e a sua seriedade gramatical.

Merda para os espantalhos.

Estamos sós, libertos dos bons sentimentos, das pequenas grandezas de alma, das vozes solícitas.

Fomos ao norte ou, se não fomos, havemos de ir — isso é o menos.

E aquela dos pés descalços sobre a neve, o diabo tece-as.

Pode bem vir a ser uma verdade.

Não seria assim uma coisa como que heróica, hein?

Uma espécie de santidade, martírio, ou crime exemplar?

Às vezes penso mesmo que é necessário assassinar alguém, ter as mãos cobertas de sangue.

Não que isto possa vir a ser o começo de uma ressurreiçãozinha, mas apenas porque há a necessidade de algo bastante concreto.

Temos contas a liquidar, e o sangue continua a ser, vindo da simbologia antiga, um sinal indiscutível.

Não melhoraria coisa alguma, não senhores.

Mas — enfim — havíamos actuado, tínhamos esse acto como reserva de consciência.

Afinal a mãe estava morta, e a avó que empestava a casa estava morta, e morta estava aquela extraordinária rapariga de ancas altas, a que andava pela obscuridade, essa tinha a sua doença repugnante e estava morta.

Chegámos aqui a um ponto importante.

A minha teoria é a seguinte.

Matá-los não era possível, pois eles estavam todos mortos, sorrindo nos corredores, nas janelas, nos retratos.

Mas nós devíamo-nos sentir os executores.

A sua justa morte, posterior, deveria ter sido obra nossa, milagre, violência nossa.

E então partíamos para a neve, com uma alegria feroz, uma essência pura — libertos por nossas próprias mãos.

Que esplêndidos pés marcados.

Mas afinal sentamo-nos a uma mesa e escrevemos as palavras ambíguas para que haverá todos os sentidos, aqueles mesmo por onde escapará a pequena parte de nobreza que era a nossa intenção.

E agora, para mais, assaltam-me imagens de uma beleza terrível e degradante para o que tenho pela minha alta vocação: o esquecimento.

Sabem o que vejo?

Mãos quentes e seguras que fazem desenhos sobre a mesa, no ar, na conversa.

Irmãs, primas, mulheres que atravessam um frio e nítido pomar de laranjeiras anãs, o cabelo húmido, o rosto grande aberto, o olhar muito vivo.

Enquanto sufoco com tanta beleza, eu, criança comovida, pequeno monstro sensível entregue às ciladas da falsa memória.

Na realidade, eu deveria estar no deserto, de pé, porque tudo é impiedoso, e eu sou impiedoso.

É preciso deitar fogo às ervas, as ervas altas, estar sobre areia, sobre cal.

Há uma pureza, decerto.

E não será feita com detritos, emoções fáceis, figuras repetindo gestos a que nos aplicámos a dar uma virtude — e que constituem

depois o exemplo do tempo, do lugar, do acto.

A história que eu conto é esta.

Houve um engano nos nossos pensamentos, e do engano fizemos a alegria e a tristeza, chegámos a fazer a nossa força.

A pureza não deve ser a ingenuidade e a segurança com que a podemos ter.

Por isso falo de uma viagem onde é possível perder o próprio nome, e morrer disso.

E então viver.

Não dormindo, como as nossas bestas respeitáveis.

Viver — digo eu.

E que o nosso afastamento, o silêncio vibrante, a grande morte pensada e amada nas profundidades — fossem bastante para vergar as bestas todas, empurrá-las pelo seu próprio sono abaixo, afundá-las até ao inferno.

Gostaria de cantar quando o ar estivesse completamente límpido.

Mas não passo de um fraco — nem sequer matei os prestigiosos monstros do meu tempo: todas essas criaturas que me entregam uma velhice pecaminosa, essas obscenas figuras de retórica que são as descobertas da intimidade.

Todos os dias os mortos ressuscitam e bebem o meu sangue de homem, e eu sorrio-lhes, cheio de gratidão e amor.

Grande filho de puta.

Por acidente: fui ter ao inferno.

Eu passeava à hora mais movimentada, na parte baixa da cidade.

Era a minha cidade, a cidade onde vivo, de que tão bem conheço as ruas e casas, os labirintos, os nomes, a secreta matemática dos fluxos e refluxos, as temperaturas.

Não é preciso ser estrangeiro — tomar comboios ou aviões, atravessar as águas.

O inferno é o último segredo do nosso conhecimento quotidiano.

A multidão andava de um lado para outro, era primavera.

A luz varria o ar.

Eu olhava as pessoas envolvidas exaltantemente por essa luz pura.

Pensava no corpo das pessoas, a alegria fervia dentro dos corpos — via-se isso.

A alegria passava de dentro dos corpos para fora, para os vestidos e fatos — e as ruas e prédios pareciam levitar.

Eu procurava palavras, para oferecer às alegrias das coisas, e uma palavra para a geral alegria do mundo.

Estava a olhar uma mulher, segui-a um pouco pela rua principal da cidade, vi-a desaparecer numa tabacaria.

Hesitei, parei à porta, estive a examinar as revistas expostas na entrada.

Via a mancha branca da mulher, lá dentro, junto ao balcão.

Pensava nos nomes.

Ocorriam-me: Corpo — Idade do Ouro — Liberdade.

De repente, eu recuperara a inocência.

Pensei: o saber doloroso dos anos, as mortes dia a dia, a profundeza das noites onde se acumularam todos os silêncios desembocam aqui, quase inexplicavelmente, nesta inocência que me faz tremer.

Nas capas das revistas havia cores explosivas, primitivas.

As letras saltavam como pequenos animais cheios de respiração e circulações de sangue.

Entrei na tabacaria e surpreendi-me por lá não ver a mulher.

Pensei: saiu sem que eu desse por isso.

Mas eu já perdera a inocência.

É assim: por uma distracção, por querer olhar para todos os lados da inocência, a gente perde a inocência.

Comprei cigarros, saí.

Mas as capas das revistas já não eram as mesmas.

Estavam mortas e sobre elas respirava agora ferozmente um alfabeto sombrio e indecifrável.

Salvação, pensei, preciso salvar-me, preciso ressuscitar no meio desta cidade branca, elevar-me aos nomes justos, ao conhecimento dos corpos ambulatórios.

Mas aquela rua não era já a rua principal da cidade de que eu conhecia a matemática e a meteorologia, as imagens e os altos sons vivos.

Andei pela rua, olhando os rostos desconhecidos, e as vozes diziam palavras de uma língua estrangeira.

Em que cidade de que país deambulava um homem perdido, de súbito órfão dos seres e das coisas, dos vocabulários e gestos — órfão do seu contexto diário?

E voltei atrás, procurando a mesma tabacaria, uma referência no caos — um ponto sólido neste espaço inimigo.

Mas já nada reconhecia, e a tabacaria em que entrei era diferente da outra.

Ao fundo havia uma porta onde me pareceu ver escrita, na minha língua, a palavra: ENTRE.

E então entrei.

Atravessei um corredor, desci escadas, percorri novos corredores, e uma exaltação maligna obrigava-me a um enredamento cada vez mais desesperado em escadas e corredores.

Sim, os labirintos sempre me fascinaram.

E de novo a alegria, mas agora uma espécie de alegria negra, brotava não sei de que obscuros lugares da minha já grande idade.

Porque, pensando, eu era velho, velho, os meus anos acumulavam-se num tempo indeciso, e estavam cheios de coisas monstruosas.

Encontrava-me eu então num subterrâneo de pedra, cercado de prateleiras onde se alinhavam muitos recipientes de forma rectangular.

Nesse instante revelou-se-me o verdadeiro silêncio.

Não aquela pausa feita para se reconhecer o valor da voz que parou ou que se erguerá, mas um silêncio sem vozes antes ou depois: o silêncio.

Contudo, alguma coisa riscava esse silêncio.

Parecia-me o ruído de pequenas rodas metálicas no chão de pedra.

Uma enfermeira empurrava um carrinho de criança e, quando se aproximou de mim, vi que sobre o carrinho estava colocado um recipiente igual aos que se encontravam nas prateleiras.

Um ser inqualificável metido em gelo, ele próprio uma vaga forma azulada, congelada, com escamas, uma espécie de peixe.

Estava na caixa rectangular.

Apenas a cabeça fora relativamente salvaguardada.

Tinha guelras, sim, e a boca era uma boca de peixe desesperado — uma boca que quisesse falar, não pudesse falar.

A boca abria-se e fechava-se, sim, como a de um peixe fora de água, as guelras batiam.

Procuravam o idioma, a água.

Alguma coisa fora salvaguardada.

Era uma cabeça quase humana.

Havia o cabelo, os olhos aterrorizados, a testa nobre dos homens.

E então gritei: não — gritei: não, não.

Porque eu sabia: aquilo era a loucura.

Com uma facilidade extraordinária, a mulher levantou o recipiente do carrinho e arrumou-o numa prateleira.

Agora chegavam enfermeiras de todos os lados, empurrando carrinhos.

Ouvia-se o bater das bocas e das guelras dos peixes.

Eu procurava fugir, mas estava cercado pelos muros de pedra, não havia portas.

Via aqueles paralelepípedos de gelo em que seres fusiformes batiam a boca sem voz.

Não, não.

Mas uma das enfermeiras solicitava-me doce e energicamente.

Era persuasiva, a enfermeira.

E eu meti-me dentro do recipiente onde a água principiava a gelar.

O meu corpo transformava-se no de um peixe, sentia escamas nascerem na carne, formarem-se dentro de mim e rebentarem para fora, duras, frias, azuladas, insensíveis.

A intensidade do corpo diminuía, diminuía.

Mal o sentia, agora.

Não, pensava ainda, mas a carne mergulhara no gelo, e eu não tinha braços e pernas, nem tinha coxas, nem pénis, nem ventre, nem peito.

Só a cabeça saía do pescoço de gelo, a boca batia desalmadamente, sem linguagem.

Eu estava morto, e toda a antiga intensidade das mãos, dos pés, do sexo e do coração — todo o fogo dos órgãos trepidantes subira à cabeça.

Eu estava morto, mas atrozmente vivo pela cabeça — pensando a uma velocidade terrível, com força, com muita força.

Encerrado num subterrâneo, numa caixa de gelo, batendo a boca de peixe, sem um só nome para a louca e brutal multiplicidade dos pensamentos, com toda a minha delirante inteligência, sob o doce sorriso de uma enfermeira antisséptica.

Uma mulher está sentada junto à sua janela.

Por detrás fica a casa.

Ainda hoje não entendo isso.

Porque venho através dos corredores, eu, o mensageiro ardente e desordenado, e caio naquele espaço de silêncio, e quando digo mãe, ela volta-se e sorri do fundo de uma terrível sabedoria.

Os olhos são límpidos e de uma beleza dolorosa.

Sim, sim, diz a mulher, e sorri sempre.

Agora a memória é a minha tarefa, e tantos anos de trabalho assíduo não me levam a grande coisa.

Sou um homem de pouca qualidade.

Lento.

A cabeça da mãe, essa, é tremendamente alta, no meio da luz.

Não compreendo.

Mas vejo que há distâncias, e a distância é uma dor.

A maturidade, uma dor: apenas isso.

A grande maravilha é a tal cabeça muito alta que a luz ataca por todos os lados.

Na casa é tudo assim, e eu sou a única criatura que possui uma velocidade cega.

Uma criança voraz batendo contra o implacável fulgor de todas as coisas.

E então não tenho o amor das palavras e significações, e quando chego as pessoas sorriem e são pacientes comigo.

Param, andam devagar: o seu ritmo é inacessível.

Eu desejaria saber alguma coisa mais acerca dos ritmos.

Talvez quisesse, digo.

Hoje, o meu ofício tornou-se a lentidão, e o meu ritmo é escrever sobre a veloz cegueira de um ano mais antigo.

Eu tinha oito anos, parece-me que é bom dizer isto, e a casa ficava por detrás da mãe, e agora acho que me vou pôr a falar da casa.

A qual parece uma grande esponja.

Atravessam-na múltiplos, longos e estreitos corredores, lançados em todos os sentidos.

É por aí que eu corro, gritando as palavras bárbaras.

Não, não é a infância.

Refiro-me às musas inquietantes, e a mãe, como o carneiro de fogo, a tremenda força animal, arrasta tudo atrás de si.

A mulher sentada — essa bela criatura destruída — ela, imaginem, o carneiro de fogo.

E é.

A casa que tem pregada às costas é o meu amargo, exaltante e inútil prodígio.

Não tenciono ser demasiado claro a respeito de coisa alguma.

Falo da casa.

Trata-se de uma grande casa.

O que há mais são corredores e escadas, e vastos quartos onde irrompe a luz abrupta.

Tenho uma teoria acerca desta casa.

Falsa, sim.

Mas está certa com o espírito de tudo, quero dizer: com as regras da memória.

A minha teoria é que os quartos esmagam os corredores.

Segundo as leis da memória, eles desenvolvem-se como seres vivos, e os corredores e escadas são apenas consentidos acessos, um pouco ambíguos, à inacessível alma dos quartos.

Porque os quartos são adultos.

Caminho pelos corredores e escadas e procuro atingir a mãe que sorri na sua violenta mas imóvel força, e a avó completamente enigmática, e as irmãs e primas que, vou dizê-lo, são assim como cercadas de uma atmosfera de irrespirável beleza.

Amo-as em pânico.

Este amor oblíquo, vejam, não o escrevo com qualquer tergiversão lírica.

Os meus oito anos são monstruosos, mesmo com a distância dita transfiguração, ou dor, se quiserem, ou talento.

Qualquer desses erros é cuidadosamente implacável, porque escrevo.

Escrever não é uma simples volúpia, ou uma responsabilidade moral.

Deve ser um acto de cruel religiosidade, uma espécie de inteligentíssima expiação do crime obscuro de não ter morrido.

E quando se escreve sobre o que eu amaria chamar de temas centrais, há que saber cometer bem os bons erros.

Falo de musas, e a casa — segundo o que penso — é uma esponja.

Ando pelos corredores como para ter acesso à dor incompreensível.

A casa desenvolve-se a partir do quarto grande, o da frente, voltado para o mar, e de onde quase nunca sai a mãe.

A força concentra-se ali e é por um impulso secreto que os outros quartos se desdobram, empurrando-se uns aos outros e abrindo altas portas estreitas para os corredores esmagados.

Há muitas escadas que exprimem um atento esforço para tudo ligar, na linguagem exterior da utilidade.

Porque, afinal, tudo é unido através daquele coração nuclear.

O quarto da mãe.

E então foi-me dado o labirinto e a minha tarefa é dura e fascinante.

Encontrar chaves, decifrar enigmas, descobrir pistas.

Porque estas mulheres que me amam, e que eu amo num segredo doloroso, não me ajudam.

O seu auxílio executa-se em planos inextricáveis.

Ensinam-me os nomes, narram as fábulas e apresentam-me a tradição.

Em certo sentido, conheço tudo.

Mas sou um sôfrego: tenho o talento do amor.

Desejo tocar os vestidos das mulheres, vê-las pentear-se, saber as mínimas razões dos seus movimentos, e o que é aquilo, aquilo — o silêncio delas, a pausa e a luz fixa dos olhos.

A mãe está a essa janela.

Eu cresço, durmo só.

Ouço de noite os ruídos da casa contra o fundo do mar.

Nada é simples, mas todos dizem que eu cresço, e sinto-me crescer.

Não sei o que vou fazer do meu crescimento, senão que agora é mais difícil fazer qualquer coisa, pois as irmãs também crescem e de um modo fulminante.

Porque sinto que se retiram e não posso segui-las.

Muitas vezes mandam-me embora, e os seus vestidos tornam-se de repente deslumbrantes.

Passo os dias a procurá-las pela casa.

Vejo-as, ora uma ora outra, no alto das escadas, e desaparecem.

Minhas primas voltam das aulas e riem loucamente, a cabeça para trás, e depois ficam muito sérias.

A avó diz: raparigas, raparigas.

E então, uma noite, estou sentado no chão, num dos corredores, com as costas junto à parede.

No quarto ao fundo do corredor, por cuja porta aberta sai a luz quente e o murmúrio curvo das vozes, as mulheres trabalham.

Eu ouço.

Das sombras, da luz, das vozes — sobretudo daquele calor como que distante — nasce uma súbita razão.

Em mim, uma alegria tão forte que se torna necessário fazer qualquer coisa.

Tiro do bolso o meu pequeno canivete e, no braço nu, traço um golpe fundo.

Vejo o sangue correr, o meu sangue.

Desliza pela carne, pinga para o soalho.

E as vozes continuam, mornas e ricas, e a luz e as sombras no corredor são as mesmas.

Distingo até o ruído leve de alguns movimentos das mulheres, e o seu riso abafado.

Levanto-me devagar, atravessado de alto a baixo por essa incoerente alegria que, parece, não deverá nunca mais extinguir-se.

Não tiro os olhos do sangue, mais abundante agora.

Sei que é o meu sangue.

Meu.

De pé, fico encostado à parede.

E depois ponho-me a rodar sobre mim mesmo, ao longo do corredor.

Deixo na cal marcas de sangue.

Sinto na cara, a cada volta, a frescura da parede.

É uma lenta marcha que cumpro ritualmente, às vezes beijando a parede, premindo contra ela o braço rasgado.

O sangue corre.

Devo estar bêbedo.

As vozes parecem agora mais altas, a luz mais intensa, e a minha alegria torna-se inseparável de uma confusa e decisiva dor.

Uma dor conquistada com inspiração e sacrifício.

Depois é o meu espectáculo.

E o monstro aparece em cena.

Em frente da porta, vejo as mulheres dobradas sobre os bordados.

A mãe lê.

Num canto, à mesa, as primas estudam.

Levanta-se uma cabeça.

Um grito, o começo do triunfo.

Estou ali, diante de todas as mulheres que me amam, e sangro por mim e por elas, e para elas.

Estou coberto de sangue.

É a glória.

Contou que caminhava pela praia, nu, correndo.

A areia, o sol, o mar e a profundidade extenuante do céu embriagavam-no.

Tinha extrema consciência da sua nudez, e isso também o embriagava.

Ia com um projecto, ou uma missão, estava carregado disso, mas tratava-se de uma coisa inominável.

Na praia havia gente, gente — parece — com aquela disponibilidade sem expectativa de gente na praia.

Estavam em fato de banho, ociosos e alheios, e quando ele passou pelo meio dessa gente, a nudez que tinha ainda o embriagou mais.

Depois encontrou três degraus de pedra, e subiu-os.

Continuou a correr, mas — segundo contou — o céu, a água e a areia, agora perdidos, haviam deixado nele um espaço vazio onde a ideia de missão se pôs a crescer, de modo que ele se encontrava como que louco da pressa e densidade da missão.

Corria por um labirinto de pedra negra, e nos corredores estreitos havia casas baixas, também de pedra, sem telhado e sem portas e janelas.

Eram cubos negros abertos em cima e com buracos rectangulares a diversos níveis.

Correndo pelos labirintos, cheio da sua pressa e com a espessa ansiedade daquela mensagem tão obscura, viu de súbito que tinha dois longos pénis brancos, delgados e longos como duas serpentes, e que se contorciam e enroscavam um no outro.

Não sentiu medo, sequer espanto, pois imaginava que isso também fazia parte da missão.

Mas quando avistou uma mulher que vinha em sentido contrário ao dele, procurou tapar com as mãos aqueles pénis-serpentes nascidos da mesma sombria raiz, quando corria pelos labirintos.

As serpentes, no entanto, escapavam-se por entre os dedos, desciam-lhe pelas pernas, subiam pelo ventre até ao peito,

avançavam em todas as direcções, com as suas pequenas cabeças cruéis, sagazes e esfaimadas.

Cheio de terror, parou em frente de uma daquelas casas.

Quando entrou — contou ele — havia já perdido a sua força e leveza de mensageiro, e apenas sentia medo.

A casa estava vazia como todas as outras e, como elas, sem tecto e sem portas e janelas.

Naquele cubo negro e devassado, onde adivinhava excrementos e restos podres de comida, através de uma luz sinistra, pensou que viera de longe, percorrendo com a sua nudez os caminhos do dia e estes labirintos tenebrosos, apenas para se encontrar vazio, cercado pela podridão.

As duas serpentes brancas continuavam a fremir entre as suas pernas abertas.

Estou no fundo da casa, no abismo possível dos oito anos.

A glória sangrenta é uma lembrança.

Da minha doença horizontal — súbita e esmagadora — pressinto a glória como uma coisa pequena.

Como se um indefinido grão de ciência tivesse um preço monstruoso: uma espécie de morte e um difícil renascimento, entre penumbras.

E o que se perdia — que perdera eu? — seria talvez tão precioso pelo menos como aquilo que se ganhava.

(Não reconhecia também o que ganhara.)

Aparecera em mim uma nova fragilidade, e o meu corpo crescera no seu conhecimento, o amor crescera e a confusão.

Contudo, eu havia decifrado um enigma.

Não sabia qual.

O mundo, entretanto, compreendera alguma coisa a meu respeito.

Os outros viam que eu crescera até ficar como que às portas da loucura.

E então as mulheres vinham observar o enfermo, com algum espanto, uma curiosidade cúmplice, talvez mesmo com certa gratidão.

Traziam as coisas femininas: as mãos, os vestidos, os cheiros, os longos cabelos, os olhos cheios de pensamento, e as maçãs, os bolos, a nenhuma referência verbal à minha glória.

Eu percebia, percebo isso.

Descubro também que sou pobre.

Que os homens não possuem outra arma além de um comovido e estéril entendimento.

Terei talvez de morrer gloriosamente um milhão de vezes, e ressuscitar sempre, com uma acrescentada ciência estéril.

A mãe chega e olha para mim.

Devorado pela febre, descubro a máxima lentidão das suas mãos e a máxima profundidade dos olhos.

Beija-me.

É como se ela tivesse também inteiramente descoberto quem eu sou.

Beija-me como se, de certa maneira, eu estivesse morto, para ressuscitar noutro sítio, noutra linguagem.

A avó, essa, tem uma idade verdadeiramente espantosa, porque me traz maçãs.

Põe-nas na mesa de cabeceira e diz: amanhã estás melhor.

Tremo.

Alegria, terror, gratidão, admiração.

As mãos e a cara dela são muito velhas — inesgotáveis.

Ajeita a roupa da cama e não sorri.

Não precisa sorrir.

A sua força é para além disso.

Uma força de presença, apenas.

É uma presença total, um bloco de idade.

Mas as irmãs e as primas sabem menos, por isso posso tocar mais facilmente nelas o pequeno milagre da minha nova sabedoria.

Vejo nelas um vestígio de culpa e reconhecimento.

Põem vestidos claros, beijam-me muito, contam tudo o que lhes aconteceu durante o dia.

Parece que desejariam dizer: não temos qualquer segredo para ti, queremos que te levantes e venhas connosco para todos os lugares.

Sabemos, no entanto, elas e eu, que nada mais temos do que amor para nos darmos.

Nunca possuiremos o mesmo conhecimento, o mesmo crescimento.

Eu deverei aprender devagar e penosamente o ritmo da feminilidade, aquele lugar onde elas têm vestidos claros e riem, ou onde de súbito ficam silenciosas e são lentas, como se receassem quebrar algo que trouxessem dentro de si.

Descobrirão logo o sentido da minha espectacular emoção, e ficarão gratas.

Depois vão-se todas embora, e eu permaneço com as minhas trevas onde o corpo está a crescer tanto que poderei rebentar de

dor.

A minha luta é para fixar a pequena luz que germina no escuro.

Preciso curar-me de um conhecimento tão recente e tão vivo.

Curar-me da sua intensidade, da sua surpresa.

Só então me será possível sair do quarto, andar pela casa, aproximar-me das mulheres sem terror — e falar-lhes.

Contudo, nunca lhes poderei dizer o que conheço.

Mas ser-me-á concedida a alegria.

Voltarei a ter o meu próprio corpo.

A ferida do braço cicatriza.

Os dias são brancos e extensos.

Durmo e acordo, e há sempre luz e tempo.

Quando as sombras chegam, ouço vozes que cantam.

Percebo que existe algures uma grande simplicidade a que não poderei chegar nem cedo nem tarde demais.

Tenho oito anos, uma primeira glória violenta, a primeira morte e um modo novo de avaliar-me.

Brutalmente, aparece a grande certeza de que estou vivo.

É impossível continuar doente.

Os dias andam depressa agora, já não apalpo o subtil tecido de que são compostos.

Quero fazer coisas.

Levantar-me da cama, ver, mover-me.

Devo afirmar que o mundo é o meu espaço e o tempo não poderá existir sem mim.

As mulheres já sabem.

A avó deixou de me trazer maçãs, e prepara-me a roupa.

A mãe anda como que atarefada noutra esfera.

Julgo que enche frascos de compota.

Há nas irmãs e nas primas um leve receio de que eu tenha crescido demasiado e comece a partir, pela casa fora, tudo o que apanhar à mão.

Esta esplêndida violência do meu ser atemoriza-as um pouco e, embora sorriam gentilmente, sei que acabo de alcançar um perigoso prestígio.

Elas nunca terão a minha violência.

Isso torna-me monstruosamente feliz.

Apenas a minha próxima morte as libertará, até que eu de novo renasça, para então as atemorizar de novo.

Um dia, porém, elas serão como a mãe, e estarão fora do meu alcance, porque nessa altura devem conhecer a minha essencial esterilidade.

E, mais tarde ainda, serão como a avó, terão toda a inteligência, e pelo seu espírito não passará a mais ligeira dúvida: saberão tudo o que haverá para fazer.

Estarei reduzido à completa masculinidade.

Mas muitos anos terão de passar até ao momento dessa desesperada tarefa.

A glória e o conhecimento só agora principiaram, nem eu sei ainda ao que me conduzirão.

Gozo o poder violento deste instante, não me volto para trás nem para a frente.

Deixo as roupas moles da cama, o círculo sensível e intuitivo das mulheres, o silêncio — e abandono o quarto, estonteado pela debilidade da doença e pela força da cura.

Cresceste, diz a avó.

Sorri agora, sabendo o que é e o que será tudo isso.

Cresci, penso, cresci durante a minha doença.

As irmãs olham-me com pudor e curiosidade e as primas tocam-me de passagem no ombro.

Parece que estou com os braços e as pernas muito grandes para o resto do corpo.

Há qualquer coisa em mim de desproporcionado, talvez um pouco repelente, mas também comovedor.

Temível, do mesmo modo.

Riem timidamente do meu aspecto.

Ah, sim.

Gostariam de entregar-se a uma veemente e feliz troça, mas a minha desproporção é inquietante.

Os braços e as pernas.

Sem dúvida: desenvolveram-se demais.

Mas trata-se apenas de um sinal grosseiro de outra coisa que ganhou novo espaço.

A vida cresceu, a diferença cresceu entre mim e elas.

Eu sei coisas.

Eu tenho forças.

Outro país, não o delas, está a florescer em braços e pernas, em obscuro poder.

Dá vontade de rir.

E devido à insólita transformação no fundo da doença, aos oito anos, os anos delas vão-se pôr também a crescer, sabe-se lá como, com que poder e sinais.

Mas não penso nisso, nada sei.

Não me importam os seus risos e frases, nem a minha doença acabada, nem sequer o que diz a avó.

Estou interessado nos meus braços e pernas e no modo como aplicá-los ao vasto lugar onde se encontram e ao tempo atravessado pelo calor de junho.

Vejo que os posso colocar bastante bem em cada momento, no espaço todo.

Não há desproporção.

Os dias absorvem a minha desproporção.

Quando vou para a praia, movo-me melhor na água e corro sofregamente pela areia.

Por enquanto, durante toda esta ocupação de aplicar o meu novo tamanho, o corpo, o meu coração posterior à glória, à morte e ao renascimento, por enquanto sim, sei que desprezo um pouco as mulheres.

É preciso ser a avó para entender isso.

Eu ia nadar para as águas negras e geladas do porto, disse ele.

Mas havia uma voz antiga, um sopro por detrás da memória.

E disse: os tubarões.

Eram os devoradores de testículos.

E apareceu um navio monstruoso, disse ele, branco.

Monstruosamente alto e branco.

E a voz antiga disse, aquele sopro interior e cantante: cega-os.

Foi o que a voz disse: cega-os.

E então eu fiquei a olhar as águas frias e tenebrosas da baía, em frente da brancura vertical do barco, disse ele.

Eu procurava na praça desolada os meus testículos, disse ele.

Minha mãe, disse ele, a mãe regressada de uma juventude impossível.

A mãe estava lá, na enorme desolação da praça.

Procurávamos.

Havia um monte de roupa a um canto.

E ela voltou para mim o seu grande rosto que tremia de uma beleza incrível, e parecia perguntar severamente por que razão não encontrávamos, disse ele.

E depois afastou-se ao longo da praça, e criou-se um espaço terrível.

Eu remexia ainda na roupa, disse ele.

Eu estava à porta de um bar, disse ele.

Entre, disse o porteiro, escolha a mais bela mulher.

Mas eu tinha medo, disse ele.

Que seria aquilo?, uma armadilha?

Aquele lugar onde me era prometida a mais bela mulher, disse ele.

Mas entrei.

As mulheres estavam em volta dos copos, no meio do fumo, disse ele.

Eram monstruosas.

Não me interessam, disse eu ao porteiro, disse ele, e saí.

Agora sou uma criatura esfaimada, disse ele.

Ele lembra-se de setembro, o mês.

Setembro é um mês obrigatório.

Chegara para alguém o tempo do conhecimento.

Os ladrões são assim: espreitam, esperam, a ver como é.

Depois, do conhecimento dos outros instituem uma parte do seu conhecimento próprio.

Pode-se pensar que são coleccionadores de selos, acumuladores de riqueza, espíritos vorazes intensamente ocupados na extravagância dos espectáculos.

E emocionam-se, deslumbram-se, sofrem — monstros hábeis metendo tudo nas algibeiras.

Vamos rir: se calhar, aquilo de nada lhes servirá.

Alguém diz: tornam-se maiores as dimensões da realidade.

E o coleccionador, perdido em espaços demasiado grandes para si, diz devagar, muito devagar: merda.

Ninguém ouve, e ele mantém o seu orgulho de guardador de coisas, ele, o das vastas dimensões da realidade.

Porque é que em setembro acontecem coisas?

É por causa da luz.

O terror, por exemplo, é de setembro.

As noites rebentam inesperadamente no que pensamos ser o meio da luz do mês de setembro.

A morte diverte-se muito em setembro.

Vejamos: as pessoas estão a dormir, em setembro, e acordam de súbito, apavoradas.

Tiveram um sonho premonitório.

As pessoas julgam que a vida treme nelas, riem de alegria, têm o corpo bronzeado, cantam, levantam a cabeça para a luz.

É porque se está em setembro.

Então aprendem uma coisa qualquer, roubam-na, coleccionam-na, aumentam as dimensões da realidade.

E mesmo que digam baixinho: merda — não se livram do seu álbum de selos.

Estão tramadas.

Ele sabe isso muito bem.

De setembro, o mês, conhece todas as artimanhas.

Agora ri, quando as pessoas fáceis dizem: no verão, em setembro.

Elas contam as historiazinhas da praia, da alegria de viver junto ao mar, das roupas leves e claras.

Bem: nunca parou de enriquecer, ele, por obrigação.

E então chegou setembro, o obrigatório.

Nessa altura já ele tinha os braços e as pernas muito grandes e tentava metê-los no espaço, ao mesmo tempo que o resto do corpo.

Estava à procura do último ritmo, e as coisas iam menos mal.

Mas a mais nova das irmãs, com a malevolência dos seus doze anos, estava a comer uma ameixa, com os olhos sobre a mesa de estudo.

Setembro já começara a encher-se de assombro, por causa dos doze anos dela.

Embora o mês principiasse por ter uma qualidade especial de expectativa, e os dias se mudassem uns aos outros, mantendo uma subtil tensão — só nesse sábado branco é que o tumulto se levantou no meio da casa.

A irmã levantou os olhos da mesa, deixou cair a ameixa e ficou a olhar com espanto a parede em frente.

Depois, em setembro, o rosto dela correu vertiginosamente em direcção ao pânico, e ela deu um grito.

Tinha chegado o tempo do conhecimento.

Rouba o teu bocado, disse o pequeno monstro.

Vieram pessoas, vieram as mães todas: a velha, a outra a seguir, e a outra, e as novas mas ainda assim mais velhas.

Arrastaram a irmã para um quarto do fundo, e esconderam-na.

O espectador disse: agora é ela a vítima, foi apanhada de súbito pelo conhecimento.

E perguntou: o que é que cresceu nela, a comedora de ameixas aos doze anos?

Os dias de setembro unem-se uns aos outros, sob a enorme luz da tarde.

As mães todas correm pelos corredores, falam baixo, pretendem tornar inalcançável para ele os doze anos da comedora de ameixas.

Porque ele fica junto da mesa, à procura da ameixa mordida que rolou para o soalho.

Mas ele próprio já sabia demais para convencer-se de que procurava no chão ameixas mordidas.

Caberia isso na cabeça de alguém?

Um criminoso de oito anos procura, em setembro, quando a irmã grita e é levada para o inacessível.

Digo: um criminoso de oito anos perde tempo à procura de uma ameixa? quando uma rapariguinha de súbito cai em pleno espaço do sacral e as sacerdotisas se alvoroçam à sua volta, dizendo: chegou o tempo.

Levam-na para o inacessível, para o fundo da casa.

Que procuras tu, farejador?

Comigo foi assim, pensa ele: golpeei o braço, expus-me, criança doce e dramática, em frente do espanto e da comoção das mulheres, caí no abismo, ressuscitei sob a delicadíssima atenção feminina, cresceram-me os braços e as pernas, insinuou-se em mim um novo ritmo, soube que ultrapassei um perigo e fiquei de uma outra maneira diante de tudo.

Depois diz: aconteceu-lhe o mesmo a ela, mas de um modo particular.

Deve existir um sinal.

Havia no soalho, junto da cadeira, uma pequena mancha de sangue.

E ao longo do quarto, até à porta, um rasto de pingos de sangue.

E havia no corredor, ao longo do corredor — havia sangue.

Acerca das ameixas já eu sabia tudo, pensa ele.

Acerca de sangue de golpes no braço, pensa ele, já eu sabia tudo.

Quanto ao sangue de uma irmã de doze anos que de repente pára de comer ameixas e olha a parede e fica em pânico e grita e atrai as mulheres e é arrastada para o fundo da casa — começo a saber uma pequena coisa.

Tenho medo.

Quando uma mulher tiver fluxo de sangue, e o sangue lhe manar do corpo, ficará sete dias em reclusão, na impureza das suas regras.

Todo aquele que a tocar ficará imundo até à tarde.

O leito em que ela se deitar ficará imundo, e o sítio em que se sentar ficará imundo.

Todo aquele que tocar no seu leito deverá limpar as vestes, e lavar-se em água, e ficará imundo até à tarde.

Todo aquele que tocar num móvel, seja qual for, onde ela se tenha sentado, deverá limpar as vestes, e lavar-se-á em água, e ficará imundo até à tarde.

Se um objecto se encontrar no leito ou no sítio onde ela se sentou, aquele que lhe tocar ficará imundo até à tarde.

Se um homem se deitar com ela, atingi-lo-á a impureza das regras.

Ficará imundo durante sete dias.

O leito onde se deitar ficará imundo.

Principiou assim um tempo novo, uma coisa difícil a favor ou contra a qual ele não possuía qualquer arma.

Se se passasse pelos dias brancos e lisos, talvez nada se notasse, mas ao fundo deles vibrava o ambíguo e cerrado transe feminino.

O crescimento dramático e obscuro da irmã perpetuava-se algures, era o intangível e terrível remate desses dias tão planos.

Deve-se acreditar nos arquitectos, na tradição?

É verdade que uma casa se construíra e nela se instalara um campo de forças, de linhas cruzadas e tensas onde assentava o equilíbrio.

Podia-se então, sob a luz peremptória de setembro, averiguar o valor das pequenas coisas, o sentido de algumas transformações e, embora nada disso se fizesse sem alguma surpresa e sofrimento, ah, ressuscitava-se, sim, ressuscitava-se sempre.

Na verdade, não existia mácula nenhuma.

Metamorfoses, se as havia — e havia — davam-se dentro do próprio sistema de que se fazia parte.

Já se falara em terror?

Sim, falara-se na terra que treme debaixo dos pés, no medo e na confusão.

Não se falara contudo em mácula.

O que estava dentro de uma pessoa crescia, era certo, crescia por vezes espectacularmente, tornava estranhos e inóspitos, por um tempo, o lugar e o estilo — mas recuperava-se tudo, e pensava-se depois: descubro novos dons dentro de mim, eu cresço.

Mas que o mundo crescesse, ele, que o mundo fosse tão brutalmente activo, e não matéria apenas expectante à espera do nosso talento que crescia, isso, ah isso.

Isso não, não se sabia.

Tinha-se medo.

Havia sangue — um sangue corruptor.

Afinal, o trabalho das mulheres era o da ocultação da sua mácula.

Não se tratava de uma riqueza que fosse necessário decifrar, fosse difícil pela sua mesma natureza, mas cujo singular valor se relacionava obscuramente com o crescimento de uma criança.

As mulheres eram secretamente impuras, inspiravam o terror.

Eis que ela grita, aquela que agora se inicia, mas que em si trazia os húmidos e soturnos germens do mal, todas as virtualidades demoníacas.

E se olhares para o alvoroço feminino, com o teu coração tão acessível ao patético, onde o gesto e o movimento curvo se gravam pela impressividade da graça e da inspirada reticência — se olhares assim, aprendiz, ficas a saber que as mulheres continuam o seu trabalho de surpreendentes tecedeiras do milagre.

Mas descobriste outra coisa: que há uma mentira.

Descobriste isto: as mulheres nem roçam por ti.

Nunca soubeste nada, não decifraste o menor sinal, elas sempre estiveram a uma inimaginável distância.

Se perguntasses: o que há em setembro?, apareceriam todas as mentiras.

Maria: a roupa seca mais depressa; Francisca: é o melhor tempo de praia; Filipa: a luz estonteia; Luísa: pode-se dormir ao ar livre; Merícia: custa a adormecer.

Mas em setembro aparece a menstruação.

E ele anda pela casa, em volta daquele círculo de treva ardente, rondando a sagrada vileza das mulheres.

Mas há nessa espécie de desavinda sede de conhecimento, ou nessa angustiosa fascinação, uma repugnância e um medo próximos do amor, um silêncio crispado e atento que quase se abre num louvor incoerente.

Todo aquele… todo aquele que tocar… ficará imundo…

Sim, arrebatam-na, e ela cresce, cresce.

Que é isso de pernas e braços que se põem ridiculamente a sair do seu tamanho, como tomados de um ímpeto próprio, comparado com aquilo que nem se nomeia, não se pode ver, e é sagrado e intocável pelo poder da sua própria maldição?

Uma irmã come ameixas, e isso é mentira.

Ele olhou-a, a ela, e olhou as outras raparigas, e a mãe, e a avó.

Aprendia, pensava ele, aprendia.

Tocava-lhes nos vestidos, via-as pentear-se, andar, falar, calarem-se.

O grito, sim, o grito era o limiar: a primeira e última verdade.

Depois, a treva.

E a irmã estava de repente no seu lugar — a ausência perfeita.

Em setembro, as crianças não dormem.

São rapazinhos de rosto atemorizado, o olhar aberto e imóvel, as mãos espalmadas sobre a colcha.

Talvez pudessem ficar assim, até serem homens, e o que cresceria então neles?

Quem sabe se apenas os cabelos e as unhas?

Mas ele levanta-se no meio da sua noite, um destes rapazinhos, porque afinal existe a força do amor.

Levanta-se para novos corredores e escadas — e anda como um sonâmbulo comido pela febre.

Que o crime é uma vocação — sim, diga-se dessa maneira; diga-se que o crime é uma vocação, do mesmo modo que o conhecimento.

Que são uma só coisa, isso; que o crime e o conhecimento são uma só coisa: uma vocação.

Ele levanta-se na sua noite, cheio de confuso amor, e precipita-se na sua silenciosa vocação: o crime do conhecimento.

E assim se aproxima, tacteando, com as mãos trementes de febre, dos lugares sagrados.

Bem pode ser que haja setembro, luz, coisas aparentemente fáceis, nenhuma dúvida.

Mas agora é sempre noite, sempre um fervor culpado, a descoberta da violação.

Pode-se falar de alegria?

Pode.

É disso mesmo, é de uma monstruosa alegria aquilo de que se fala.

Assim se caminha pelos corredores e quartos, pelo equívoco das velhas arquitecturas, e a inspiração é esta: uma alegria cujas dimensões são ainda imperscrutáveis.

Não se conte isto em tempo: foi muito tempo, ou foi muito pouco.

Não há tempo.

Porque esta alegria, este amor, este medo que anda, esta violação servida por minúcias mesquinhas, estão prontos para o muito ou o pouco tempo.

Exerce-se, e nisso se basta.

É uma aranha, tem as virtudes inteligentes, miúdas e tenazes da aranha.

Aquele rapazinho que fora apanhado pelo espanto e o terror, que se deitara de mãos abertas como fulminado, e estava pálido e já não sabia nada, esse, sim, esse.

É desse que se fala.

Pois levantou-se, e agora procura, cada vez mais perto, mais perto.

É ele.

E um dia então descobre um pano manchado de sangue menstrual e mete-o debaixo da camisa, contra a sua própria carne.

Parece que não chegou a deixar a cama, porque podemos encontrá-lo tal como estava: deitado de mãos estendidas, respirando com a boca entreaberta, e o olhar fixo no tecto.

Talvez um resto de sorriso fugindo dos lábios, ou o princípio de um sorriso.

Mas agora é ele que desaparece, cerra-se, corta todas as pontes que poderiam conduzir ao seu segredo.

Fica só.

Não atravessem corredores, nem subam ou desçam escadas.

Nunca o encontrarão.

Lentamente, a mão que talvez se julgasse adormecida sobe da colcha.

Nunca esteve tão acordada, nunca foi tão forte — aquela mão de rapazinho deitado.

Desabotoa a camisa — ela, a mão, a mão que sabe — e tira o pano para fora.

É sobre um rosto de olhos fechados que essa mão parece voar docemente, com o pano vermelho bem agarrado.

A mão desce sobre o rosto, e o que se poderia ver seria um fremir de narinas, e um tremer de lábios.

O odor tão vivo daquele sangue morto enche-o, passa pelo olfacto e enche-o turvamente.

Sim, sim, também isso, também isso é verdade: um beijo — o beijo do amor.

E, pelas pálpebras fechadas, lágrimas para que não há nome.

Quando ele abre os olhos, talvez ninguém saiba, mas abre-os para a alegria — a mais terrível das alegrias.

O que me exalta nas fotografias é o roubo — aquele roubo abrupto, resguardador, defensivo — às forças expansivas do tempo.

Vejo ali o máximo de poder centripetador.

A fábula da imobilidade defende-me da devastação e, no entanto, ponho-me a investigar nesse texto obsessivo o estremecimento dos germens.

Será possível que a criança já tudo saiba?

Sim, a fotografia apenas concentrou a maligna ciência infantil.

A adolescente de quinze anos ergue-se, por virtude do vestido branco e do cabelo solto, como num pequeno voo, uma levitação distraída e cheia de comovente confiança.

O medo.

Bem, não se vê?

É nas pálpebras que acabaram de bater e mostram um veloz arrependimento, a presciência de que a impulsão não a fará libertar-se numa onda de entusiasmo branco.

Realmente, é um olhar apavorado.

Nenhum movimento ascensional descarrega uma adolescente do crime da sabedoria, nem um vestido é suficientemente branco para deslocar a verdade.

O pai é um senhor robusto, pretendendo tapar tudo com o braço sobre o ombro da mãe, o casaco abotoado e o sorriso voltado demasiadamente para o fotógrafo, para quem o verá na fotografia, os exegetas da sua confiança e solidez de patriarca.

Contudo, há um ponto no casaco estático que parece latejar, e o que eu digo é que lateja de podridão, debaixo da luz.

A outra irmã encontra-se encostada à perna do cavalheiro, e se calhar vai ser feliz com aquela perna pela vida fora, andando e parando com ela, rapariguinha herdeira de uma espécie de estúpida frontalidade.

A sua arma é não entender as subtilezas e, assim, alegre sem arrebatamento, tranquilamente formal com a pata do cavalheiro

como grande memória infantil, irá dia a dia adquirindo uma morte bastante material.

Não vai dar por isso.

A mãe está horrivelmente parada, e o menino de oito anos encosta-lhe a cabeça à barriga.

Parece incrustado no ventre materno — um cancro quente que o devora.

Pagará por isso, decerto.

A mãe é fascinante.

Vejam que não sorri, não sente o braço do cavalheiro sobre os ombros neutros, olha num ângulo insólito para ninguém, para nada, sem curiosidade.

Não se percebe que é a esposa dele e a mãe deles, a não ser com a condição de se estudar tudo, durante horas e horas, como se na fotografia pretendêssemos a chave do enigma que um dos quatro tivesse vindo a criar em si próprio, pelos anos fora.

É preciso ter desesperado de tudo e, depois de fazer viagens, julgando ganhar e perder coisas, parar de súbito num sítio, dentro de um quarto, e ficar para ali, com todo o fervor de uma última vontade de conhecimento, estudando e estudando e estudando a fotografia.

Uma noite descobre-se que se trata de uma criança perversa, de boca desordenada e olhos abruptos.

Tem a cara implacável dos meninos de oito anos que se encostam aos ventres das mães.

As mãos dele parecem inocentes, estão caídas ao longo do corpo e, disfarçadas pelos oito anos, pretendem confundir o tempo com esta ideia: têm oito anos, estas mãos, e por isso são limpas — as mãos caídas das crianças são inocentes.

Vejam que foram necessários muitos anos, com viagens loucas, buscas, algo como a mística demanda dos infernos, para compreender que as mãos estão ali assim para iludir a maneira da cabeça: enterrada no ventre materno.

A cabeça do filho é a morte da mãe — e o modo como está a mãe é que é o saber isso.

Ela haveria de gritar, a mãe?

Ter medo, cólera, expulsar aquela externa inocência dissimuladora?

Raízes invisíveis, múltiplas e nocturnas ligam aquele ser, pela cabeça, ao ser devastado pelo ventre.

Ela olha, no ângulo insólito, a difundida devastação da sua vida — e isso é tão forte e completo que nada tem importância: nem o voo simulado da adolescente, nem o senhor com um braço para o lado e uma perna um pouco para a frente, nem a menina com a pata patriarcal pela vida fora, e a felicidade compacta disso.

A mãe comove.

Depois, é outra coisa.

E é terrível.

No quarto onde se parou, tantos anos depois, com a decisão de esgotar o conhecimento, o que se vê é isto: há um pacto.

E só eles dois é que sabem, tendo a adolescente adivinhado qualquer coisa, devido a não se conhece que afinidades, que simetrias insondáveis.

Depois mete-se a fotografia dentro de um livro, anda-se para aqui e para ali, regressa-se a qualquer coisa, faz-se uma tarefa, descansa-se.

Está-se a fingir muito bem.

Finge-se quase até ao esquecimento.

Há paisagens, ruas, cinemas, amores, dinheiro, pensamentos, palavras, estações do ano e obras de arte.

Diz-se: a vida.

Ou: o tempo.

E um dia abre-se o livro e vê-se de novo a fotografia.

E já não se recomeça a leitura no mesmo ponto.

O que se roubou foi o tempo, sim, mas não naquele primeiro sentido suposto.

A antiquíssima imagem fixa serve para se roubar ao tempo a sua qualidade de perdão.

Porque a idade não ensina a anuência aos bons e fáceis sentimentos.

A idade é: cada vez mais atenção.

Só te resta isso, caminhador: o perigo.

O perigo que é o conhecimento, o conhecimento ganho na atenção.

Um homem que conquistou a sua idade não pára diante da fotografia antiga para se comover e murmurar: a mãe com o seu filho ou o filho com a sua mãe.

Ele pensa: quem são? o que fazem um ao outro?

Ele ouve: vou morrer, e vou deixar-vos descansados.

E ouve a sua própria voz: então morra.

E as mãos inocentes.

De uma delas sabe que se moveu como se agarrasse um punhal — a pequena mão inocente registada com oito anos.

Descanso?

Mas isso conhecia ela bem que seria impossível.

O que ela dizia era assim: morro para que tu, tu, tu, não tenhas nenhuma espécie de descanso.

Um pouco mais, um pouco mais — é para isso que as imagens são imóveis.

Tu próprio não és uma criatura móvel, a menos que fales em atenção, em profundidade.

Desce àquilo em que te encontras imóvel.

Mas em vez disso saímos para a rua, à procura dos velhos companheiros: os que se vão suicidar, os que se encontram à entrada do seu irrevogável romance de esquizofrenia, os que de longe escreverão uma carta pedindo para os ajudarmos a virem morrer nesta cidade branca que, do outro lado, quando se está com o fígado desfeito e a cabeça a tremer, a gente imagina metaforicamente aérea, varrida por ventos puros.

Saímos em busca dos bêbados.

Pretende-se a ilusão de espaços dinâmicos, figuras que se propaguem através deles, o empolgante cinetismo das visões.

E que haja tempo, o tempo, o tempo.

Que as coisas avancem, desfazendo os nós ferozes onde a angústia se concentrou.

Uma semana de bebedeira ininterrupta — e aparecem as amiguinhas, vamos todos de um lado para outro, bando apocalíptico, animado por um furor malsão, uma alegria brutal.

Arranjamos um quarto, despimo-nos, e depois estamos noutro quarto, e estamos a despir-nos, e de novo a fazer amor, quatro, seis, oito em cima do tapete — o terrível milagre de uma alucinação de pernas, braços, seios, mãos, sexos, coxas, cabeças, vestidos, camisas.

E uma madrugada, só, vagueando pelos cais desertos, no meio da luz suja e trémula, ressurge o horror da inteligência.

Vê-se tudo, e seria preciso morrer.

E então volta-se para casa, procura-se a fotografia no livro, no fundo de uma gaveta, e está lá isto: o tempo não existe.

Seria possível uma pequena piedade por nós próprios, mas somos tão pouco sentimentais, nós.

Não gostamos da piedade.

Descobre-se que a mãe não era para piedades.

A perversa cabeça infantil entra nela como um punhal, e a mãe, sem conhecer o peso do braço do cavalheiro, olha o espaço, de lado, neutra, ligada àquela espécie de enigmático crime, à obscura vingança no outro lado da sua profecia do descanso para eles, para ele, ele — para ti.

Decifrando a metáfora, percorrendo os caminhos para descobrir as deslocações das partes e, assim, recompor a verdade do texto — a fotografia, a realidade, a vida — ele descobre que toda a gente tem as mãos cheias de sangue.

Que nada foi criado que o não fosse no abismo das destruições.

E entendendo enfim a linguagem das fotografias, ele assume a sua desgraça, e a insignificância dela, e supõe poder avançar, liberto, para a sua própria morte, algures num tempo.

Uma pessoa estava sentada no meio de outras, num quarto iluminado.

As belas luzes envolviam-lhe o pescoço e caíam sobre as mãos repousadas no vestido.

Falava-se, e o silêncio atravessava os blocos do diálogo.

O diálogo avançava e recuava.

Movia-se para os lados.

E de novo o silêncio o atravessava de um lado a outro.

A pessoa fez um movimento vagaroso em torno de uma dessas pausas e as vozes recomeçaram, mais quentes.

A mulher consumia-se.

Estava no centro da conversa e do calor.

Consumia toda a espécie de dons humanos.

Uma criança sorriu em baixo, sentada no tapete.

Qualquer paixão obscura parecia tomar conta de toda a gente, porque se viam os gestos rápidos dos braços e os troncos inclinando-se para diante.

Depois o riso fazia ferver as gargantas.

Ao lado da janela estava um tripé de madeira escura com um grande vaso de avencas em cima.

Para a criança era um mundo de colunas ascendentes iluminadas ao alto.

A mulher pôs-se a falar do piano.

Disse: está desafinado, é preciso mandar vir o afinador.

Era um piano vertical, negro, instalado ao fundo da sala.

Estou a ficar com os dedos presos, disse uma rapariga, gostaria de tocar todos os dias.

E os outros sorriram, um pouco divertidos, um pouco solenes.

E então deslocaram-se para trás e ficaram na periferia da luz, onde não eram tão vivos.

A atmosfera tornou-se subtil.

E as pessoas deviam estar a pensar.

Alguém suspirou.

Um motor trabalhava, alimentando as pessoas caladas, um pequeno motor silencioso.

E tudo isto avançou pelo tempo dentro, até que a mulher se retirou para outro quarto defendido por altos muros.

Nutria-se de uma solidão inexpugnável, uma coisa fria e sumptuosa que excluía os outros.

Estava doente.

Alimentava-se da sua doença — fascinava-se.

E ninguém compreendia a fascinação.

Era repugnante, escandalosa.

A atmosfera inumana, onde a doente desenvolvia o seu novo talento, afastava todos os propósitos vitais.

Era um espaço rarefeito em que as mãos das pessoas arrefeciam e a linguagem se tornava absurda.

Os que deviam cuidar da doente arranjavam uma couraça de diamante, atravessavam friamente a doença e, na sua solicitude, não deixavam transparecer as violentas qualidades de seres vivos.

Não se concediam.

Cercavam a mulher de uma atmosfera antisséptica e, dentro dela, executavam gestos puros e precisos.

A sua ternura pelo corpo isolado da outra era uma ternura antisséptica, limpa da calorosa eloquência do mundo.

A doente afastava-se com a sua doença.

Abandonava as pessoas que riam, girando entre massas de luz e sombra, e que ficavam depois a pensar.

Vai morrer, diziam, e sentiam pelo corpo emparedado uma piedade irritada.

Mas quem poderia conceber a morte dele, do corpo?

A mulher não deveria afastar-se com a horrível maquinação da sua doença.

Era uma solidão revoltante.

Abriam-se as janelas do quarto ao lado.

Violenta, a luz batia contra as coisas.

E era o barulho do mar, e a salsugem picava as narinas.

A espuma envolvia as rochas, e passavam barcos de pesca com faixas amarelas e vermelhas.

Então alguém sorriu irresistivelmente e depois tornou-se muito sério.

Porque a doença estava no outro quarto, e não se sabia decifrar a situação.

Quando os garotos passavam na rua e gritavam debaixo do sol, e quando se ouviam as vozes dos operários que voltavam do outro lado da cidade e as gargalhadas quase impudicas das mulheres do povo — então sentia-se perplexidade, confusão, uma espécie de terror.

Como se podia trazer no meio de tudo isto uma mulher que cada dia mais se destinava à morte?

Ao fundo retumbava o mar.

Era dia de vento, e o vento metia-se na água, enchia-a de força.

O sol metia-se atrás do vento, e a água do mar levantava-se e estendia-se em grandes ondas de luz.

Alguém sorriu.

A mulher esgotava-se atrás dos muros.

Riam, falavam na rua.

Gritavam na rua.

O fundo era de água — como direi? — água de uma alegria trágica.

Depois disseram: morreu.

O meu estúdio é uma espécie de túnel: longo e estreito, com o tecto muito baixo em forma de ferradura.

Ao fundo há uma janela, sugerindo que se pode escapar, pela visão de uma paisagem assente, cheia de equilíbrio — verde e branca.

No decorrer dos anos, a assinalar a minha caminhada pela sabedoria, fui escrevendo nas paredes frases obscuras, palavras soltas, anúncios de jornais, obscenidades, passagens de autores desconhecidos.

Escrevi também nomes de países que não existem, indicando por baixo a fauna e a flora, e as fontes da sua pobreza.

O estúdio transborda de objectos inúteis e a poeira, cobrindo-os, deu-lhes tempo, gratuidade — uma dignidade mítica.

Encontram-se elevados a um nível de beleza indecifrável, fora do seu clima.

Há uma porta — uma só.

Fica no lado oposto à janela.

Quando entro tenho a visão súbita e global do estúdio: as suas possibilidades e dificuldades.

Ao meio deste túnel, pendurada pelos cabelos obscenamente compridos, está uma cabeça.

Foi decepada pela base do pescoço.

O rosto volta-se para a porta.

Se uma corrente de ar se estabelece entre a janela e a porta, a cabeça balança, move-se, pretende às vezes apresentar-se de perfil, fugitivamente.

São tão longos os cabelos que, se eu avançasse da porta em direcção à janela, não poderia evitar que a cabeça fria roçasse pela minha, a boca morta batesse na minha, me beijasse — aquela boca escurecida pelo tempo, quase negra.

Negra.

De resto, os caçadores de cabeças da América do Sul estão cheios de medo.

Eles pensam: é preciso ocultar, disfarçar estas cabeças, desembaraçarmo-nos delas.

Quebram o crânio.

Extraem os fragmentos pelo buraco do pescoço decepado.

Lavam as cabeças mortas e deitam-lhes dentro areia quente.

As cabeças vão-se reduzindo, aos poucos, até ficarem do tamanho de um punho.

As feições mantêm-se fiéis, na nova escala.

Dentro dessa escala, cortam as pestanas.

A boca é cosida com linha forte, para que nada revele.

Trata-se de vender aquilo ao turista empolgado por uma espécie de conivência no pequeno crime índio.

É o folclore.

É um souvenir da América do Sul.

A pessoa pode ter, barato, o seu arrepio de horror, europeiamente em casa, durante o ano comercial.

Mas a cabeça do meu estúdio possuía uma boca livre, poderia talvez falar, tinha os olhos abertos — e como olhavam.

Estavam vivos, vivos — luzindo da feroz inteligência de quem está ali para compreender, testemunhar, para agir.

Além disso, parecia maior que o natural.

Quando se encontrava completamente imóvel, pendurada pelos longos cabelos cor de mel, exoftálmica, quase sorrindo com a boca negra, não me deixando passar até à janela, onde, à janela onde, sei lá, onde eu poderia respirar, ver as árvores e as nuvens e o rio lá em baixo — às vezes parecia enorme, vibrando de colérica ironia — autónoma, inteligente, presente, suspensa.

Meu Deus, seria sempre assim, sempre?

Imagino que durante o ano há alguns dias de primavera.

É uma suposição.

Pelo menos, assim acontecia antigamente.

Havia manhãs em que as folhas das árvores tremiam e a luz se desenvolvia pelas avenidas fora, com as casas no meio, parecendo mais altas, e um cheiro vegetal que vinha não se sabia de que sítios.

Se a gente conseguia apanhar o ritmo destes dias, era possível descobrir muitas coisas.

Nos arrabaldes apareciam cavalos brancos, havia cães que andavam de um lado para outro, como se tivessem várias ideias para decifrar os labirintos de um mundo de cães.

Era possível ver as pessoas por toda a parte, e eram um espanto os vestidos das mulheres.

Junto da porta, procurando escamotear a cabeça pendurada pelos cabelos, o meu olhar tentava descobrir pela janela esses dias hipotéticos.

Mas como era possível?

Os olhos da cabeça fixavam os meus, liam-me, e eu ficava fascinado.

Dizia: ela pensa que ainda existe em mim qualquer esperança.

E então encostava-me à porta e perguntava se seria sempre assim.

Um dia, enchera-me de coragem, avançara pelo túnel, até junto da cabeça.

Pensava eu que pretendia chegar à janela, ver ao menos se ainda existia a cidade, com as casas, roupa a secar, ruas, automóveis, pessoas, as pessoas em baixo.

A cabeça encostara-se à minha, era como se tremesse contra o meu rosto que absorvia esse tremor frio.

Meu Deus, pensava eu, será sempre assim, sempre, sempre?

Esperei porventura ouvir uma voz.

Enfim, a boca dela não fora cosida, era uma cabeça normal, ainda que decepada.

Tinha ouvidos, olhos, boca.

Olhava-me, estava encostada ao meu rosto e, embora gelada, quase negra, estremecia de encontro ao meu rosto de homem desesperado.

Não, não era a cidade que eu desejava observar, do alto da minha janela.

Desejaria fazer um pacto com aquela cabeça?

E que pacto?

Não existia já um pacto?

Ah, não sei.

Que pacto existiria já?

Pensei também: é uma cabeça morta, não pode entrar em pactos.

Morta?

E então comecei a chorar em silêncio, e as minhas lágrimas quentes molhavam também o rosto, o outro rosto, iam-no ensopando, e parece que ele tremia cada vez mais.

Talvez fosse do vento que entrava pela janela.

Que posso eu fazer, eu, um homem desesperado que escreve coisas absurdas nas paredes do seu estúdio, eu que não durmo nunca, nem amo, que já tudo desaprendi?

Eu que apenas possuo uma cabeça decepada, suspensa pelos cabelos do tecto do meu estúdio?

Que apenas possuo a cabeça de minha mãe.

É a cabeça de minha mãe, e de uma coisa tenho a certeza: fui eu mesmo quem a decepou.

Não sei quando, mas fui eu quem a cortou de um só golpe.

Mas atirei-a fora, penso que a atirei ao rio, de noite, embrulhada num jornal.

Contudo, ela voltou, a cabeça, teatral, verdadeira.

Suponho que foi ela própria que se pendurou no tecto, no meio do estúdio, entre a porta e a janela, e será sempre assim — nunca de lá sairá.

Começo a pensar, como os tribunais, que o crime não compensa.

E a cabeça olha-me, quase docemente, por este meu pensamento.

Ah, meu Deus, e se a polícia tivesse razão, se o crime na verdade não compensa?

E cada vez mais doce, mais pendurada e horrível, aquela cabeça inteligente no meio da minha vida.

Suspensa.

Sorri?

Há entre mim e ela uma cumplicidade tenebrosa.

O cadáver foi trazido para o rés-do-chão através dos corredores sufocados na penumbra.

Era a mãe agora irreconhecível.

Entrava, horizontal, nos braços e ombros dos homens.

Saía e entrava pelas portas, e atravessava os patamares, e recuava para o quintal.

A aragem que passava sobre os ramos das acácias bateu nos cabelos mortos e o sol desenhou as folhas das árvores no rosto morto.

Depois os homens conseguiram meter o caixão naquele quarto.

Ora o caixão estava sobre uma sábia montagem de caixotes soberbamente ocultos por um pano de veludo negro — rico e pesado.

A mãe tinha um vestido preto, do qual explodia o rosto extraordinariamente limpo.

A mãe não era bela.

Ou antes: era muito bela se, vista em certos momentos capitais, daí partisse para uma sua integridade e permanência futuras.

Porque a mãe era evidentemente bela e grande.

E não é difícil encontrar exemplos.

Ela estava junto da janela, e a mão esquerda acariciava o lóbulo da orelha esquerda.

A cabeça inclinada para o lado esquerdo, auxiliando a mão e a orelha — o gesto.

O vento batia nos cabelos.

Tudo vinha pela esquerda — a luz, o vento e o rumor do dia — enquanto o braço direito caía fora da cadeira, dando volume, peso e densidade ao lado direito.

Como uma réplica.

Ora a mãe era bela e tinha-se posto a crescer.

Crescera até demais, depois da ausência no seu quarto de doente e da viagem morta pelos corredores e escadas.

Enchia agora o quarto.

O cabelo docemente desarrumado fazia voar a cabeça.

Levantava voo subtilmente, com o cabelo desordenado.

Os braços indistintos e negros corriam pelo vestido abaixo.

As mãos eram demasiado brancas.

Um pouco gordas?

Muito bem.

Havia círios enormes nos quatro cantos do catafalco e flores brancas espalhadas à volta daquela mãe morta.

Era uma câmara ardente.

Exactamente a câmara ardente daquela mãe que apodreceria, começando devagar a cheirar mal.

Bem.

Eu andava por ali.

Experimentava olhar para a morte da mãe de todos os lados possíveis.

Primeiro, colocava-me junto aos pés, entre os dois círios cujas chamas se dobravam no vento que vinha da porta aberta.

Os pés da mãe avançavam contra o meu peito, por altura quase dos ombros.

Via aquele território negro que as chamas vergadas e ondulantes faziam palpitar.

Ao fundo desse território que ondulava, cheio de cristas e crateras sombrias, estavam as neves mortas do rosto, e depois os cabelos.

E então eu ia para um dos lados do caixão, e o corpo da mãe atravessava o quarto.

Corria, partindo da cabeça, terrivelmente morto.

E era engolido pela áspera luz que irrompia aos pés, onde a porta rasgava um precipício.

Mudava de posição, e a cabeça ficava tão perto de mim que poderia tocá-la com as minhas mãos de criança inábil.

A cara descia pela testa e passava pelos olhos que, debaixo das pálpebras, não se sabia para onde olhariam.

E o nariz ocultava a boca.

E tudo o mais desaparecia branca e abruptamente no seio negro.

Experimentava outros ângulos, de onde era um ombro que crescia, ou o peito, ou era a cabeça despenhando-se sobre mim, ou então era uma perna negra.

Às vezes as flores, os círios, às vezes os cabelos, ou as mãos dobradas, ou o rosto desconhecido, ou às vezes o rosto momentaneamente muito conhecido.

Que sorria e se deslocava, vivo.

O corpo de uma pessoa estranha, invadindo a casa.

Entravam e saíam pessoas, e eu andava por ali, apropriando-me da morte, talvez a fim de ficar com ela para sempre.

A sala esvaziava-se, e as chamas dos círios curvavam e endireitavam-se — e nenhum, nenhum ruído no meio das sombras móveis.

Mãe, disse eu, e nada mudou, e eu era o filho.

Odiava uma coisa indefinida que, num certo futuro, seria uma como que abstracta injustiça.

E que seria depois o desencontro das pessoas, e a permanência delas dentro do desencontro.

Agora, por mais vezes que murmurasse: mãe — nada mais acontecia, e o sol branco rolava pelo quintal, e havia o ruído subtil das folhas das acácias sob o vento, e a corrida fulminante das lagartixas.

O meu dia talvez estivesse assegurando pela tradição de todos os dias.

O dia lúdico, com o qual todo o meu ser comunicava, a presença da luz, das nuvens e do vento, e de todas as coisas indestrutíveis do mundo.

Então saí do quarto e avancei pelos corredores cheios de cotovelos e atravessei portas e salas.

Lá fora, o sol e as árvores, mas o tempo terrífico já começara, e eu não sabia.

O mar batia nas rochas, era o que eu ouvia, e havia no ar o cheiro à água salgada.

Ouvia o mar que sempre tinha ouvido, e aspirava os mesmos cheiros, e às vezes, no meio de tudo, chegavam-me vozes perdidas.

Pregões, conversas na rua, risos e o barulho de um motor.

Mas a maneira como via a luz e ouvia as vozes era uma última maneira.

As coisas, as imagens, os seres existiam no ar atravessado pelo vento e pela luz — e era tudo uma última maneira.

E começava a memória, intensa mas purificada.

Voltava sobre os meus próprios passos.

Fiquei parado um momento sob o vento e o sol, no meio da tradição dos meus dias.

Fixo na móvel atmosfera de rumores marítimos, barulhos de motores, vento e vozes e risos.

E já sabia tudo.

Era terrível.

Dirigi-me então para as mesmas portas e corredores.

A câmara ardente estava vazia.

E assim como que seco, comprimido pela súbita pressão de um novo saber, eu olhava para tudo, e compreendia.

Um ser desaparecera, deixando pegadas na terra viva.

Eu mesmo desaparecera.

O irrevogável corpo da mãe sentava-se e levantava-se das cadeiras, debruçava-se às janelas.

Enchia a casa com o seu movimento e a sua força silenciosa.

Tinha um olhar, uma voz, um sorriso ardente e uma inteligência.

O tempo tomara isso ao seu cuidado, daquele modo implacável com que trata essas coisas.

Ali continuaria ela a existência truncada, repetindo-se, acabando a meio, voltando ao princípio.

Mas tudo estava morto, e mais pesado, porque estava morto.

Quanto ao corpo, era uma casca rachada.

Levaram-no.

Atravessava agora a cidade de linhas severamente puras, por entre plátanos e casas brancas.

Os automóveis tocavam os claxons, as crianças gritavam de incompreensível alegria, as montras expunham os belos objectos quotidianos e os cães passavam de um lado para o outro das ruas, rápidos, perseguindo a confusa teoria dos cheiros.

O céu era o mais admirável céu de havia muitos anos.

É possível que alguém cantasse dentro das casas.

E isto era extraordinário.

Sim, sim, cantavam.

Quanto ao corpo, levaram-no.

E o catafalco transformara-se num amontoado de caixotes, cujo primitivo equilíbrio se perdera.

A sua repentina inutilidade escapava a todos os estilos humanos.

Havia outra lei.

Era um espaço de terrível beleza.

Um dos círios caíra no chão, e havia flores esmagadas, e os castiçais tinham sido encostados à parede.

Cheirava a cera queimada.

E existia outro cheiro, subtil, ou somente adivinhado.

Talvez não existisse, talvez não.

Mas infiltrava-se como uma delgadíssima agulha através da substância dos outros cheiros.

Um cheiro a cadáver.

As vidraças das janelas eram de um verde de água profunda.

A luz do dia tornava-se verde, podre.

As minhas mãos, atacadas pela luz fria, pareciam corrompidas por uma doença desconhecida e ignóbil.

Eu estava parado no meio dessa luz, cheio de terror.

E era tempo de subir ao andar de cima.

Porque este quarto deveria afundar-se pela terra dentro.

O primeiro andar desenvolvia-se a partir de um grande quarto assente nos rochedos, sobre o mar.

A luz e o cheiro das águas e o vento batiam nesse quarto, e davam-lhe a força de iniciar a casa.

O andar desenvolvia-se em quartos poderosos cuja vitalidade mal permitia a existência dos corredores.

Os corredores moviam-se subtilmente por entre as possantes massas dos quartos, e eram escuros, e encolhiam-se ao pé das portas grossas.

Avançavam até ao quarto dos livros, branco e simples.

Eu andava pela casa, e havia os móveis, roupas, objectos e cheiros.

E outra coisa indefinível: a energia, ou o espírito, ou o génio da casa.

Um dínamo subjacente.

As cortinas estremeciam.

Minhas irmãs riam no meio das cadeiras, nas escadas, por toda a parte.

A mãe lia, mexia nos objectos.

Tudo estava ligado.

Minhas primas encostavam-se aos móveis, e também riam, com as grandes e pesadas cabeleiras tombadas para trás.

A luz acumulava-se nas suas gargantas, e era dolorosamente belo.

Que é que estão a fazer?

Nós, nós? que fazemos? ah, rimos — ora aí está: rimos.

Raparigas, raparigas.

Sim, rimos.

E riam.

Eu compreendia tudo, e despira a roupa para meter-me nu na terra mole, e comera terra, e andara à roda até cair para o lado.

As pessoas calaram-se.

Primeiro foram tirados os reposteiros e as cortinas, depois desapareceram alguns móveis.

Eu passava de um quarto para outro.

O quarto da frente ficou aberto durante muitos dias.

O sol queimava as paredes.

Espalmei a mão contra a parede.

Era uma mão alheia, cruelmente viva.

Tinha uma forma ardente e parecia feita de madeira nova, embebida profundamente de seiva.

Afastei-a da parede, e as eminências da palma e os dedos haviam ficado bem marcados, e cercavam o pó intacto que passava a representar a concha da mão.

Resposta fantástica de uma pequena mão viva.

Uma coisa quente destinada a um qualquer futuro.

Os quartos ficavam cada vez mais vazios.

Os meus pés desenhavam pistas múltiplas que se corrigiam sobre incompletas pistas anteriores.

Destruíam-se, e fechavam-se em círculos.

A luz vinha pelas janelas abertas, e os quartos eram dolorosamente grandes, e eu compreendia tudo.

(Ouço o meu nome como se viesse de uma região sombria, e através dele escorresse alguma coisa fugidia e densa — mercúrio.

Abro os olhos e vejo a vidraça fria e viva de uma janela sem cortinas, a parede erguida de um quarto, uma velha mala aberta no chão.

Estou numa cidade qualquer, num quarto de hotel.

Ninguém me chamou, não há ninguém.

Que vozes são estas, vozes inexistentes que me chamam?

Que mundo perdido, mas insistente, fabrica vozes para me surpreender, em quartos de pensões, no meio de uma outra busca, outra viagem?

Eu sou um movimento.

Surjo do abismo.

Inclino para o guarda-fatos a minha cara, o espelho põe-me diante de um novo objecto de ciência.

É uma cara espantosa, de louco, uma cabeça primitiva de pássaro inclinado para o seu próprio canto, o seu silêncio.

Uma cabeça queimada.)

Pendurada pelos cabelos, no meio do estúdio, há uma cabeça decepada que pensa: é este o meu filho?

Vejo-lhe o rosto apavorado, as mãos frágeis, e não consigo imaginar que pudessem erguer um cutelo de açougueiro.

Tem os olhos sofredores das crianças que percorrem os quartos, abrindo e fechando portas, esquecendo-se também de as fecharem.

Mas esses olhos de crianças deambulatórias enganam, e sobretudo porque este ser não é uma criança, é um homem.

Intriga-me a idade dele.

Não será um velho?

E se é uma doce criança, ou um homem tão fraco, ou se é um velho — para que subi eu das águas e atravessei a cidade, uma cabeça sem pernas, até chegar a este estúdio, e erguer-me apenas pela força do meu delírio, da minha astúcia e dor, e amarrar-me ao tecto pelos cabelos?

Teatral eu, sim — mas uma cabeça cheia de terrível amor.

Entre a janela e a porta, para lhe ocultar o mundo, para afundar os meus olhos nos olhos do filho.

Ele entra e hesita, existe ainda qualquer coisa fútil naquele coração que um dia desejou abandonar-se à luz.

Espera uma cidade com pequenas surpresas quotidianas, pensa em pessoas andando pelas ruas, arrabaldes com cavalos, e aragem passando nas árvores.

Julgo às vezes que ele nada conhece dos crimes.

Imagina libertações.

Procuro ajudá-lo com o horror da minha presença irremovível.

É bom no entanto lembrar que a sua cara se encostou à minha, e as suas lágrimas banharam o meu rosto que irrompeu do meio dos mortos.

Será sempre assim?, pensava ele, mas a ideia de um pacto nascia já dentre a confusão de todas as outras ideias.

E confunde tudo, ele, confunde as coisas todas, quando quer saber se o crime compensa.

Compensar seria para ele libertar-se dos profundos pactos do amor.

Mas as faunas e floras daqueles países que não há, consignadas na parede do estúdio, que são elas senão alusões aos mistérios do amor, metáforas do crime, deslocações subtis de sentido para chegar ao centro do próprio amor?

E eis-me aqui, pendurada por esta cabeleira que me esforcei por fazer crescer até ao rosto dele.

Eis-me tornada suspensa, voraz, aterradora, dando o melhor do meu conhecimento, da minha força — para que ele compreenda, este mau estudante.

Meu Deus, será sempre assim, sempre?

Estou cansada.

Duvido já da minha ciência, já quase me distraio às vezes de que o amor é para aterrorizar e matar.

Procuro sorrir, ser doce, utilizar um código humano.

Ele treme, talvez jovem demais ou excessivamente velho.

Uma cabeça pendurada não pode saber tudo.

Depois, falta-me o corpo — que ajuda a não ter cabeça, de quando em quando.

Sou forçada a possuir uma cabeça permanente, eu, cabeça.

Utilizo pequenos truques de teatro, oscilo, volto-me, torno-me maior.

É para aterrorizá-lo, afirmar categoricamente a minha realidade maravilhosa.

Mas ele tem terror do terror, não o recebe como alimento da sua própria vida.

Faz comparações tolas com a América do Sul, escapa-lhe a significação das coisas.

A grandeza que me concede é por comparação com o folclore.

Ah, mete-me no centro do teu coração, não durmas mais, caminha até ao fundo da angústia.

Não sou uma mestra-escola.

Sou a frontalidade do crime.

E ele cambaleia, treme, hesita, tem delicadas mãos de fantasista de paredes.

Eras tu quem me deveria erguer ao alto, com as tuas mãos fortes e ensanguentadas, com o teu negro coração cheio da minha eternidade.

Contudo, sou eu que me penduro pelos cabelos, fazendo teatro.

Se pudesses ouvir que nunca houve primaveras com cheiros vegetais, roupas idiotas a secar, casas altas no meio da luz.

Escuta: avança pelas trevas.

É um literato, este pobre diabo: leu o *Apocalipse*, o *Inferno*, Lautréamont, Rimbaud.

Não se leu a si próprio, não leu o mistério da minha aparição.

O que deseja, o fraco, é curar-se do pouco que ainda sabe.

E então eu sorrio, envergonhada de nós dois, aspirando às vezes a perder-me no esquecimento, não supor que houve um crime.

Talvez o crime não compense, sim, no outro sentido, talvez o crime não seja uma coisa exemplar, criadora.

Sou uma cabeça triste, envelheço.

Deixo-me balançar ao vento, quero libertar-me.

Pergunto mesmo: há realidade, amor, crime?

Este homem gastou-se no medo.

Encheu-se de ideias de salvação, penetrou-se de doçura — o que ele ama é a interpretação mais superficial da minha presença.

Gosta que eu sorria.

E talvez eu própria comece a gostar de sorrir, talvez deseje libertar-me da presença deste homem.

Hoje, quando ele estava encostado à porta, olhando-me nos olhos, perguntei se isto não terá fim.

Nunca mais, nunca mais?

Quem sabe se não se encontrará aí o segredo da minha aparição?

Suponho por instantes que foi ele quem me tirou do rio, quem me trouxe para aqui e me pendurou do tecto.

Talvez quisesse saber até que ponto eu suportaria um pacto.

Talvez eu seja uma criação sua.

Meu Deus, e se assim for, nunca mais me libertarei?

Haverá um pacto?

Que pacto?

Digo a verdade: não foi ele quem chorou com o rosto encostado à minha face gelada.

Fui eu.

E as minhas lágrimas caíam na cara dele, rolavam até à sua boca implacável.

Porque eu não sei, ele não pronuncia uma só palavra.

Meu Deus, será sempre assim? sempre, sempre?

Tenho medo desta tenebrosa cumplicidade que há entre nós dois, porque ele é um homem, um ser perigoso, e eu sou apenas uma cabeça de grand guignol.

Atravessei depressa a juventude.

Tinha duas coisas — a alegria e o terror.

Percorri-os sem tomar fôlego.

Quando cheguei ao outro lado, encontrava-me em frente da maturidade — estupefacto.

Não conhecia os nomes nem as subtilezas.

Falando com certas pessoas, eu dizia: conheci a alegria e o terror.

Elas sorriam.

Parece que eram sábias.

Ou estúpidas.

Nada sei disso.

Encontrei um homem louco que tinha uma frota de quebra-gelos no sul da Itália.

Contou-me também que descobrira um processo novo de prever os terramotos.

Construíra uma casa no meio da planície — dizia ele — e criara veados a toda a volta.

Quando se aproximava um tremor de terra, os veados vinham para junto da casa, de cornos trémulos.

Era uma planície de cornos trémulos.

Encontro pessoas assim: loucas, sérias — gente total.

Falam-me destas coisas, ou de dinheiro, progresso, política e felicidade.

Vê-se como me encontro desorientado, com a minha idade e as coisas que são dela ou não são.

Fui aos psicanalistas e mandaram-me deitar num divã.

Tenho a alegria ou o terror — por onde devo começar?

Fale do que quiser — diziam.

Eu estava de olhos abertos, deitado, na obscuridade do gabinete.

Ainda assim, distinguia bem uma reprodução medíocre das *Musas Inquietantes*, de Chirico, na parede em frente.

Representa a Piazza Vecchia, em Florença, com o Palácio Palatino ao fundo, bastante vermelho.

O céu tem a cor das garrafas verdes.

Representa chaminés de fábricas.

A atmosfera é de ameaçadora suspensão.

No espaço essencial, representa as terríveis figuras inspiradoras.

São estátuas que o não imitam, possuem mantos pregueados.

Espalham-se em volta os frios objectos do seu jogo.

Um bastão cilíndrico, paralelepípedos de cor, um cubo azul onde se senta a mulher de pedra branca, com seu escudo rubro ao lado.

A cabeça de uma das estátuas tem a forma de grande pêra ou bola de rugby.

Outra não tem cabeça.

No pescoço decepado, que não sangra, floresce um rebento negro.

Poderia segurar nas mãos a sua própria cabeça de cautchou.

Disse que o céu é tremendamente verde.

Sim, há uma figura disfarçada na sombra.

Esta ameaça total ou suspeita, ou longamente elaborada pergunta, suspende-se sobre abismos trementes.

Julgo que se poderia enlouquecer, olhando essas linhas vivas e áridas durante vinte e quatro horas.

Eu disse: tive um sonho.

Dei-lhe um nome, dou um nome a todos os meus sonhos.

Este chama-se — *Os Animais Domésticos*.

Era uma sala de teatro.

Ao fundo, em vez das portas de entrada e saída, havia uma esplanada no passeio de uma rua larga, com árvores, movimento e um céu vibrante por cima.

A plateia estava cheia de pessoas que conversavam umas com as outras, levantavam-se, sentavam-se — trocavam de lugares.

Eu encontrava-me no palco, deitado, com a cabeça no colo de uma velha sentada no chão.

Uma telefonia monstruosa, ocupando quase todo o palco, emitia uma louca canção — violenta, insuportável.

Um jovem mexia nos botões da telefonia.

A mesma canção violenta — sempre, sempre.

Depois levantei-me e desci para a plateia, misturando-me às pessoas, falando com elas, indo de aqui para ali.

De repente, encontrei-me na esplanada, despedindo-me de uma mulher que ia para a Suíça.

Vou para a Suíça, adeus.

Levantei-me para dar-lhe um beijo de despedida, e disse-lhe: adeus, viaja, viaja, faz bem viajar — a Suíça.

Sim, sim, sim, disse ela, sim.

Eu estava de pé, com a mão dela entre as minhas, e dizia-lhe: viaja, viaja, é muito instrutivo.

Sim, sim, dizia ela, e afastava-se, sim, dizia afastando-se, sim, sim.

Sentei-me e ouvi ao longe o grito da mulher: sim, de avião, sim, sim.

Respondi: a Suíça.

Reparei de súbito que conservava nas minhas a mão da mulher.

Fiquei preocupado.

Como se arranjará ela na Suíça, sem a mão direita?

Então atirei a mão para o ar.

A mão voou rapidamente em direcção à Suíça.

Resolvi passear pela cidade.

Mas, antes, fui espreitar para dentro da sala.

Na voz grave de um homem, a rádio transmitia agora o boletim meteorológico.

Previsão para amanhã: tempestade de areia no deserto, tempestade de neve no pólo, maremoto no mar, terramoto na terra, muita luz, muita treva.

Eu andava à procura pelas ruas.

Era uma cidade confusa, de casas muito baixas, sem portas, com grandes janelas.

Junto de cada janela, no interior, uma cama desfeita.

Eu espreitava para dentro destas casas de um só piso.

Todas as camas estavam vazias, menos uma, onde se encontrava uma criança de colo, nua, uma menina.

Uma menina.

Uma menina alarmante.

Tinha um sexo de mulher, cheio de pêlos eriçados.

Tirei então a criança da cama, pela janela, e levando-a ao colo voltei para o teatro, através das ruas vazias.

Pensava: é horrível, horrível.

É uma espécie de glória negra.

É bela e horrível.

É bela, bela, bela.

É horrivelmente bela.

É uma espécie de negro, negro triunfo.

No teatro, a criança transformou-se num enorme ramo de cravos negros que estremeciam nos meus braços, tremiam, pareciam respirar, viver tremulamente, cheios de seiva negra.

Comecei a colocar um cravo na cabeça de cada pessoa da plateia, como se cada cabeça fosse a boca de uma jarra.

Estavam agora no palco duas pessoas vestidas de espelho, em frente uma da outra, de perfil para a plateia, fazendo uma com o lado esquerdo do corpo aquilo que a outra fazia com o direito, numa simultaneidade rigorosa.

A cabeça de uma das figuras era branca e a da outra era negra.

A telefonia transmitia uma canção vertiginosa, e os cravos negros que eu ainda tinha nas mãos transformaram-se em fumo.

As minhas mãos estavam cobertas de sangue.

Então a música parou abruptamente, e a mesma voz que lera o boletim meteorológico disse no meio de um silêncio total:

Nascido para o inferno.

Não se sabe bem então como é.

Como ciência rudimentar existe o terror, máquina apocalíptica do pressentimento.

Este saber desordenado instala-se no sonho, é aí que trepida um velho motor furioso.

É o coração, imagine-se — um órgão de profecia.

As altas coisas anunciadas vão à procura de personagens, e então aparecem o Pai e a Mãe: rostos demoníacos.

Conseguiram desprender-se da idade, da podridão, do crime de se haver amado a sua morte.

São figuras para todas as traições.

É terrível ser o filho, isto sabe-se — é a maligna sabedoria, enquanto pode não ser esquecida.

Com os labirintos dá-se isto: há que percorrê-los.

Então os pais agarram na infidelidade, cada um pelo seu lado, devorando-a.

Sabe-se, entretanto, que a infidelidade não pode ser de duas pessoas, porque tem de haver sempre traidor e traído.

É uma regra — foi banida a verdade dupla.

O papel monumental pertence à mulher — é sempre assim, sempre.

Possui a grandeza do destino, ela — é a terra, a sua cegueira superior, a clarividência.

E quando trai, com o corpo curvo e receptivo como a terra, é-lhe concedido o direito da mentira redonda — ela é a terra.

O pai parece ter morrido, sepultado nos terrenos da angústia — símbolo arcaico, metáfora pulverizada pela tremenda força compressora da terra — a dúplice, a ambígua, a feminina, a pactuante e protectora do filho atormentado pela embriaguez dos crimes.

E a mulher escreve no pergaminho: minha é a inocência.

E o filho recebe o legado — deita-se para dormir com ele, encosta-o ao coração, essa palavra de inocência que circula na

circulação do sangue dele, o filho adormecido.

As justiças elegeram os pelotões de execução que esperam fora das câmaras, no pátio, em frente do muro onde se encostará o condenado, para receber no coração negro a bala libertadora.

Bastará talvez que o filho desenrole a palavra escrita pela mulher: inocência.

Nunca o fará, e chora pela última vez, enche o último instante com o valor duplo da inocência — palavra onde se juntaram mãe e filho, os amantes no crime.

A mãe é aquela face do enigma, no centro do labirinto, face da catástrofe, luz horrível que se recolhe como um ramo de flores venenosas.

Resta ao filho caminhar lentamente com a sua festa negra: o segredo que se não revela, o amor maldito, incesto, canto da sua glória tenebrosa.

E quando todos se meteram pelos anos dentro, caíram de podres, desapareceram, e os lugares foram esquecidos, e os tempos, e os antigos modos de trair e mentir e criar um enigma — então fica o filho, o órfão, com a verdadeira morte instalada no seu coração de homem, para com essa morte poder gritar:

Eu sou o crime, levanto-me com o meu crime, e então sou inocente, e atravesso o mundo para instaurar os novos lugares, o silêncio e as palavras sem culpa.

Mandaram-me fazer um electro-encefalograma.

Era para ver como ia o meu ritmo alfa.

Eles tinham desconfianças.

Falavam de estados crepusculares.

Divertido.

Eu não tinha estados crepusculares.

O ritmo alfa estava óptimo.

Cumprimentaram-me muito.

A sua cabeça é sólida.

Bem, eu tinha uma cabeça sólida.

Era uma coisa alegre.

Encontrei-me algumas vezes ainda com o psicanalista.

Nessa altura, ele interessava-se particularmente pelo *Apocalipse*.

Não no aspecto erudito, é claro.

Falávamos durante horas sobre a besta com a grande prostituta de escarlate assentada entre os cornos, sobre os cavalos, os sete candelabros, os sete selos e os terríficos gafanhotos de rosto humano e cabelos longos como os das mulheres.

Eu saía do gabinete fervendo de inspiração.

Escrevi poemas apocalípticos e o psicanalista pôs-se a examiná-los.

Foi um bom tempo.

Mas eu tinha uma cabeça sólida, um belo ritmo alfa.

Então, com a minha sólida cabeça, comecei a pensar na morte.

Estudei os melhores venenos, em livros da especialidade, as mais subtis combinações de drogas e, com receitas que arranjava entre os médicos amigos, organizei uma boa colecção.

Gosto da palavra suicídio.

A frequência dos ii, como golpes, as duas sibilantes, e a última consoante, malignamente dental, fascinam-me — fascinam-me.

Mas bastava-me o prestígio da palavra e o jogo de coleccionar comprimidos mortais.

Como alegria, imaginei alguma coisa:

Uma cidade com torres brancas, espancada pela luz, e com navios que saíam das águas vibrantes para todas as partes.

Havia uma árvore inocente no meio da cidade.

Na primavera, enchia-se de espinhos ferozes e dava flores monstruosas, cor de púrpura.

As mães não deixavam que as crianças brincassem perto da árvore.

Durante dias e dias, a luz espancava a cidade.

Nada havia a fazer com a minha maturidade.

Certas noites, vagueava pelas ruas e entrava em todos os bares.

Os bêbedos formam uma maçonaria.

Andávamos pela cidade à procura uns dos outros, bebíamos no meio de inextricáveis conversas.

Um deles disse-me: tens um espírito essencialmente religioso.

Gostei.

Ficámos muito amigos.

Passámos a beber os dois, falando do espírito religioso.

Eu também possuo um espírito essencialmente religioso — garantiu-me ele uma noite, quando já tinha cerveja quase até à garganta.

A minha juventude, disse-lhe eu, foi uma violenta e fulminante viagem através do terror e da alegria.

Estive agarrado às trevas, ouvia o barulho das águas negras, não podia dormir.

Ou então tremia de puro júbilo, era admirável ter um corpo, uma voz, viver no meio da luz e da chuva e das grandes nuvens sobre os campos.

É o espírito religioso, dizia o meu amigo.

Talvez fosse, sim.

Era, com certeza.

Entretanto, principiei a duvidar.

Uma vez em que bebíamos um mau brandy, revelei-lhe a minha paixão pelo crime.

Gostaria de cometer um crime.

O meu amigo falou-me mais uma vez de espírito religioso.

Merda, respondi.

E ele quis saber se eu lera o *Crime e Castigo*.

Emprestou-mo.

A expiação, disse-lhe depois, é o verdadeiro centro religioso do livro.

O crime é apenas a circunstância propiciatória para o desenvolvimento religioso da personagem.

Ela necessita da expiação, para sua profunda glória.

Eu não amo a expiação.

O meu amigo disse: então és louco.

Tenho uma cabeça sólida, o que desejo é saber o que se faz com um terror morto e uma alegria morta.

E ele respondeu: bebe.

Não bebo mais, estou farto, vou-me embora para um lugar onde me não possa mexer muito — estou cansado de me mexer.

Apareceram então as pessoas que ajudam.

Tinham teorias.

O meu esforço, no entanto, era para recuperar a alegria e o terror.

Não é fácil.

As pessoas incitavam-me a diversas tarefas: a ética, a estética, a política, a numismática.

Sugeriram mesmo que eu deveria ir para África, e falaram da maneira rápida como ainda se pode enriquecer lá.

E depois há as florestas, ainda por cima, diziam.

Comecei a ter medo das pessoas.

Escreviam-me cartas assim:

Creio que te posso ajudar.

És um espírito rico, contraditório, de uma espantosa vitalidade.

Podes fazer coisas, resolveres as tuas contradições, ganhar a partida.

Então fiz as malas, e ia dizendo baixinho: merda, merda.

Parti para um lugar, com o propósito de semear cabeças de crianças, e ouvi-las cantar quando o dia acaba.

Como se fosse um campo de trigo.

Esta é, realmente, a minha embaraçosa chegada à maturidade.

Não me é possível pensar em qualquer salvação.

Este lugar não existe, fica na Arábia Saudita, no deserto.

Gosto do deserto.

Levei tábuas e pregos.

Ferramentas, as belas ferramentas dos homens.

Levei água, víveres, sementes.

Não eram sementes de trigo ou aveia, nem de cravos — também não eram sementes de máquinas.

As belas máquinas dos homens.

Não me lembro se fui pelo ar.

Não me lembro da lenta e progressiva despedida, quando se anda pelas terras, o labirinto doloroso, a alegria, quando se vai pelas terras, e nos despedimos, primeiro de um corpo, depois de um sítio, depois de um odor, uma luz, uma voz, os arrabaldes, os sinais, as palavras, as temperaturas.

Não me lembro de quando se vai deixando.

Foi portanto pelo ar.

Levei tudo para experimentar o deserto.

Comprei tábuas, água, sementes, ferramentas — as belas ferramentas.

Tenho uma pequena ciência.

Aprendi.

Vamos lá ver esse lugar que não existe, na Arábia Saudita, no deserto.

Ficava no meio.

No meio é bom — há uma coisa que se chama à volta.

Serve para estar bem só.

Comprei tábuas, sementes e águas.

Não era trigo, nem cravos, nem sementes de cores, das cores que amamos com uma dor no corpo.

Eram sementes de cabeças de crianças.

Não serão nabos, ou rosas, ou sementes de algodão?, perguntei no ervanário.

Não serão sementes de sono, ou sementes de tabaco, ou daquelas sementes de paisagem verde ocidental?

Eram sementes de cabeças de crianças.

Tenho uma pequena ciência.

Fiz como nos livros.

Dividi-me em sete dias.

Com os meus dez dedos enchi os dias, e depois com os meus ouvidos e o meu coração sôfrego.

Da minha virgindade dos desertos tirei a minha ciência dos desertos.

Espalhei os dez dedos pelos dias e, primeiro, criei os céus e as areias daquele lugar que não havia.

Depois, os dois luzeiros: um para o dia e o outro para a noite do deserto.

No terceiro dia, fiz uma casa com um alpendre e uma cadeira no alpendre.

Foi então que senti o sangue bater na minha noite e soube do sinistro silêncio de toda a minha vida, e era o quarto dia.

No quinto, lancei às areias, a toda a volta da casa, até onde podia, todas aquelas sementes que não eram de cravos, nem de trigo, nem de algodão — as sementes — lancei à minha volta o futuro nascimento, e fiquei no meio do nascimento, cercado pelo futuro nascimento.

Depois pensei, como pode pensar um animal criador extenuado, porque eu tinha-me criado a mim mesmo, e era uma criatura quente e exausta, e estava cheio da dor e da alegria da minha obra — era então o sexto dia.

E no sétimo dia vi que tudo tinha um sentido, e sentei-me na minha casa, no meu alpendre, na minha cadeira.

Pela escrita tinha eu pois chegado ao sétimo dia, ligando tudo, ligando o que não é como que visível mas é como que audível, semelhante às correntes de água subterrânea que o nosso próprio corpo solitário sente deitado sobre a terra.

Estava sentado na cadeira criada no terceiro dia, rodeado pela sementeira do quinto dia.

Era uma sementeira de cabeças de crianças.

Não serão nabos ou rosas?, perguntei no ervanário.

Não eram.

Porque principiaram a sair da areia na tarde do sétimo dia, e floresceram, sombrias e doces cabeças de crianças — era terrível.

Seriam verdes-garrafa?

Cabeças de crianças do tamanho de cabeças de crianças — vivas, oscilantes, latejantes sobre o pedúnculo que irrompia do deserto, à volta da minha casa, do meu alpendre, da minha cadeira, do meu coração que nunca mais dormiria.

Começaram então a sussurrar — e eu pensei: a aragem do fim do sétimo dia passa sobre um campo de corolas verdes, como no mundo, e há o sussurro vegetal, o ondular verde-garrafa, em frente da casa de um proprietário como no mundo.

Mas eram cabeças de crianças.

E as minhas tábuas e pregos e víveres, a minha água e a cadeira, e o meu coração estavam cercados pelo sussurro das cabeças das crianças.

Eu nunca mais dormiria — era de noite, era agora a minha noite.

E então elas começaram a cantar — na minha noite.

Eu estava sentado na cadeira, no alpendre, na casa — e as vozes levantavam-se, eram altas, altas, inocentes e terríveis, cada vez mais belas, mais sufocantes.

No deserto.

O meu coração nunca mais dormiria.

Não serão cravos, ou nabos, ou máquinas?, perguntei no ervanário.

Eram cabeças de crianças.

AS IMAGENS

Ele disse que era uma mancha de esperma, esperma ainda vivo.

Esperma?

A mancha azul, ao meio do quadro, no chão, entre aqueles corpos grandes das mulheres.

Que era esperma?

Disse que era esperma ainda vivo.

Disse que ele próprio tinha esperma nas mãos.

Havia esperma por toda a parte.

Terrível.

Sim, terrível.

Um dia agarrou-me na cabeça, passou os dedos pela minha boca e disse: tens esperma na boca.

Já não sabia que fazer, pois encontrava esperma entre as páginas dos livros, nos bolsos, nos cigarros.

Uma vez atirou fora os cigarros e gritou: porque está aqui esperma, nos cigarros?

Nem se pode fumar.

E depois como foi?

Parece que o esperma invadia tudo.

Descobri que ele não imaginava que o esperma era posto aqui e ali pelas pessoas.

O esperma aparecia simplesmente, existia uma força qualquer, uma extraordinária força corruptora, que atingia tudo.

Mas essa ideia não o repugnava e revoltava, unicamente.

Era, para além disso e mais fundo, uma alegria dolorosa, como se o espírito fosse por fim vencido, na sua orgulhosa pureza, pela carne, pelo sangue, pelas fezes, as unhas, os pêlos, o suor, o odor áspero e invencível do corpo, pelo movimento e acção do corpo, pelo esperma, por tudo aquilo que.

Certo angelismo.

Entendes?

Seria isso?

Ele disse-me que estava impotente, mas que eu poderia salvá-lo.

Terrível.

Sim, é claro que era terrível.

Pediu que eu me despisse, para ver o meu corpo que já não via desde a infância, quando tomávamos banho juntos.

Que éramos irmãos, disse eu.

Fui estúpida.

E despiste-te?

Sim, acabei por me despir, mas já era tarde.

Eu estava nua, num canto do quarto, completamente constrangida, sem saber os gestos, se havia de sorrir, dizer qualquer coisa.

Ele olhava-me friamente.

Com uma espécie de frio terror.

E disse-me: tens o corpo todo sujo de esperma.

Ela diz odeio viagens.

Descia-se da camioneta e começava o ritual, as pessoas negras abanando devagar as cabeças e a saberem demais sobre o que ia acontecer.

Eu não.

Ele diz viajava sempre, todos os meses, todas as semanas.

Ao princípio era pelos corredores, durante o dia inteiro.

Eu sabia tudo acerca de corredores.

Então ela diz atravessava um jardim, doce jardim, atravessava uma casa, doce casa, que tinha cortinas no lugar de portas, e via o quintal surpreendido, cheio de flores, florinhas.

Eu entrava em crença, à falta de indícios do mal.

Mais tarde começou o período das escadas diz ele, eu ainda não conhecia as pessoas.

Não tinham cor.

Ensinaram-me aquilo.

Era uma grande paixão, tinha doze andares, e em cima ficava a torre toda envidraçada à volta.

Explicavam-me a cidade.

Eu estava apaixonado.

Diziam vê a cidade, e como as pessoas não tinham cor senão darem-me as escadas e a torre em cima, eu absorvia com a paixão aquela cidade: telhados, parques, caminhos-de-ferro, mar, colinas, e aquilo distante era uma fortaleza com um nome de santo.

De cada vez que eu acreditei diz ela então construí uma cadeira para me sentar, e veio o inesperado movimento bêbedo da mãe e partiu tudo.

Foi assim que construí muitas cadeiras e que perdi a esperança de me sentar.

Depois diz ele.

Depois diz ela vi-me no espelho.

Diz ele depois foi a época dos túneis.

Viajava por um túnel, e numa ponta havia a porta fechada, na outra a poeira quente.

Uma vez gritei.

Sabia o que era — medo, medo.

As pessoas não existiam.

Senti que tinha de procurar, tinha de viajar cada vez mais, e mais depressa.

Não se sabe se uma pessoa desaparecerá depressa do lugar, não se sabe mesmo se o lugar vai desaparecer.

Vi-me diz ela vi-me no espelho, com o meu corpo à superfície — e achava arriscado tê-lo assim.

Falo no imperfeito, porque elas deslizaram já, estas coisas, e o imperfeito é o bom tempo da narração.

Narrava-se.

Anoitecia-se.

Entravam-me pelo quarto.

Era por causa do corpo.

Andava de uma casa para outra, naquela cidade, é o que posso dizer.

À força de conhecer tanta gente, ganhei uma inteligência muito aguda — inteligia as pessoas.

Inteligia que elas nunca estavam lá.

Uma criança não fala sobre o conhecimento, a profundidade.

Ela pensa.

E pensa isto: são inferiores a mim, estas pessoas que estão e que não estão.

É preciso procurar mais.

Esta ideia devorava-me: havia o espaço todo e o tempo todo para percorrer.

Havia um dínamo.

Não julgues que aumento diz ela que aumento as coisas, o espaço que ocupam é mesmo a mais.

Aprendi a desistir de um modo ainda mais sóbrio, isento, que o sóbrio e isento modo masculino de desistir.

Nunca caí em tentação.

Bem, bem, bem.

Diz ele bem.

Depois diz era no que eu caía sempre.

Caía em toda a espécie de tentações, porque eu era um espião.

Estava a espiar os lugares para ver se apareciam as pessoas, espiava as pessoas, alguma coisa poderia passar-me desapercebida.

Estava louco de atenção.

Tinha medo da minha inteligência.

Ela exercia-se apaixonadamente no vácuo.

Dei passeios, fui ver a levada, era uma água completamente branca onde as pessoas iam contrastar.

Gostei.

Também havia o poço dos afogados, mas era escuro, sobrecarregado de historiazinhas de coração.

O jardim estúpido funcionava.

Em casa agitava-se a mãe.

Agitou-se.

Foi um ser com barulho interior.

Mexeu-se demais.

Mexeu demais: nos telefones, nas revistas, na solidão dos outros.

Olha: começaram a dar-me nomes, esperavam coisas de mim, mas eu só pensava nisto: aniquilar-me na impossível decifração do grande espaço desabitado.

Aprendera a viajar tão furiosamente que só podia desejar disse ele desejar morrer.

Sabes como é a morte de uma criança cheia da ira do conhecimento?

Sabes perguntou ele como é o desejo de morte de uma criança que principiou pela ciência dos corredores, e depois caminhou por aí fora, passando pela visão alta de uma cidade, e andando de pessoas para pessoas, a saber cada vez mais, até ao vazio sabes? perguntou.

Tinha também um ferro esquisito para arranjar o cabelo, a mãe.

Punha o ferro na lenha em brasa e ficava a olhar.

Depois cuspia em cima do ferro, e quando já havia sinais de tudo arder ficava extremamente alegre e ia a correr para o espelho enrolar o cabelo sexual.

Decerto, decerto murmurou ele, havia as irmãs.

Eu descobrira essa coisa espantosa da menstruação, via panos sujos de sangue, havia o odor da menstruação, o segredo.

Vi as irmãs nuas.

Como é possível saber tantas coisas?

Mas ninguém estava próximo.

E é assim: saber coisas é ficar só, sobretudo se se não sabe a idade, que é um conhecimento demasiado tardio, e é o que traz a paz.

Apenas a ciência dos cem anos é que tem em si a paz.

Quando se é criança, não se tem cem anos.

Tu existias por longe das pessoas diz ela, mas nunca percebi bem.

Parece que te viram passar no baldio.

Nunca foste para o lado da levada, mas não te pergunto agora porquê.

Eu era uma pessoa negra sim diz ele, mas era outra a treva, e o que eu sabia era outra coisa, e não abanava a cabeça devagar.

Talvez pensasse em ti, pensaria se estivesse mais livre e não houvesse tantas escadas, tantas mudanças de coisa nenhuma para coisa nenhuma.

Fui ao baldio disse ela.

Fui a toda a parte, a ver se havia saída, mas não.

O baldio tinha as amoras silvestres, e havia umas hastes duras que eu enterrava nas amoras, devagar, como se a haste estivesse a fazer amor com as amoras.

Eu tinha a febre de enterrar hastes em amoras e amoras em hastes, e era uma febre quente como não podes supor.

Ele disse só pensava em ir para a cama com as minhas irmãs.

Dia a dia, acrescentava-se a minha ciência.

Examinava a roupa interior delas, as calças, os panos da menstruação.

Punha-me a ouvi-las urinar.

Uma mulher a urinar.

Às vezes as lágrimas desciam-me dos olhos para a boca, e era o gosto exaltante das lágrimas.

Masturbava-me muito depressa, porque era preciso encher o espaço, encontrar alguém, morrer depressa.

Mas nunca te encontrei, a ti.

Daquela terra percebo eu disse ela, tinha um castelo podre, o céu era íngreme, as casas lisas, é tudo muito bonito, tenho o filme disso.

Tu existias no quarto interior, pegado ao meu, mas eu não te via, e a culpa era tua.

À tua volta estavam as coisas, mas não se pode entrar no lugar delas.

E à volta das coisas estavas tu com o teu delírio: nunca chamaste por mim.

Detestava-te.

Sabia porquê.

Sabia que havias de ir para uma cidade distante.

Sabes, olhei tanto tempo para o relógio, que nem sequer estava certo, e pensei: deixo o tempo passar disse ela.

Eu não via nada, nem ouvia, nem falava disse ele, estava ocupado naquela profundidade vazia de saber tantas coisas ao mesmo tempo.

O meu ofício era aquele grande erro que se tinham esquecido de não pôr lá.

Preparava-me ferozmente para a distracção.

Era preciso ser forte disse ele, e isto quer dizer passar depressa.

Eu já nem olhava, pois sabia que não estava ninguém.

Só havia uma coisa: andar, encher o espaço, mexer as mãos e os pés como se isso fosse respiração.

Não havia quartos ao lado.

E ela disse escondi garrafas.

Nunca cortei com elas os pulsos, para espantá-los.

Soube sempre que ninguém era espantável naquela região.

Parece que nas ilhas, por exemplo, já se não passa assim: se acredita no espanto e se pode correr riscos.

Podia dizer-te mais e mais, mas eras capaz de te assustares.

Ele perguntou medo?

Só tenho o meu disse, o meu terror.

Estou sempre ocupado nisso: chegar ao pé de portas, sair de túneis para o meio da poeira, espreitar para os enigmas, andar depressa pelos labirintos, estudar topografias.

Sim tenho disse ele o amor dos mapas.

Parecem reais.

Foi ali fixada qualquer coisa extremamente móvel, fugidia, inexistente: os lugares, e as pessoas nos lugares, mas isso nem nos mapas vem.

Talvez fosse bom parar, mas talvez eu já não saiba.

Não me lembro de ter estado imóvel.

É por causa do medo: é imóvel.

Amo-te disse ela, chamei-te.

Sim, sim, amo-te, talvez eu tivesse querido ouvir, já não sei, talvez eu queira saber foi o que ele disse, sim.

(Eles estavam deitados, e isto pode perceber-se, pode perceber-se tudo.

Pode perceber-se que ela lhe desabotoou a camisa e esfregou o rosto e a boca no peito dele, e esteve assim muito tempo, e nenhum deles falava.

E ela despiu-o, e depois despiu-se, e esfregou de novo a cara e a boca pelo corpo dele, e encostou o rosto ao sexo dele, e sentia-se só no meio das trevas.

Estava cega.

Beijou-lhe o sexo devagar, e a boca tremia, queria desaparecer, morrer, ou queria amar aquele homem como se isso fosse poder amar de repente o mundo todo, parar, parar.

E apertou entre os lábios o pénis, devorou-o lentamente, enchendo a boca com aquela coisa quente e viva, e isso dava-lhe um sombrio e doce desejo de dormir.

E então ficou imóvel, somente a boca tremia, e isso quase que podia ter um nome: paz.

Que eu seja humilhada pensou ela, humilhada.

E fechou os olhos e abriu-os: a treva, sempre.

Então ergueu a cabeça, subiu na cama até junto ao rosto dele e disse-lhe ao ouvido puta, chama-me puta.

E ele disse puta.

E ela voltou-se e pôs-se de joelhos na cama, dobrada, e disse mete no cu.

E, se fechavam ou abriam os olhos, era a treva.

Para ambos e para sempre.

Amavam o terror, um no outro, cada um o seu terror no outro.

Talvez pudessem morrer.)

Num país estrangeiro, ao norte, cercados pela noite onde a neve palpita friamente.

O ruído chega ao quarto como um vapor ligeiro, indistintamente iluminado.

Falando baixo, enquanto a neve desliza pela janela e um comboio passa, brutal.

Isto ao mesmo tempo que a noite, a neve e o rumor.

E a conversa interrompe-se, tendo ficado pelo meio uma qualquer palavra, com sentido, essa também, porque todas as palavras eram animadas de uma inspiração capital.

Era tudo terrivelmente importante.

Tudo é importante, enquanto a noite cria o seu labirinto e o quarto se desloca para o coração do labirinto.

Estamos inclinados um para o outro, por dentro, e eu sinto uma vertigem leve, como se soubesse que o chão poderia não ser completamente seguro, e o abismo sempre prometido se fosse revelar.

O amado e temível abismo.

Estamos a pensar nos enigmas.

Na cidade, em nós, em todas as leis.

Naquela anarquia que a nossa força e fraqueza introduziram na ordem, para que se possam criar as novas leis — as outras.

Pensamos nos enigmas, e falamos como de outra coisa, fazendo alguns gestos que parecem possuir apenas a intenção prática, a deslocada intenção, agora que se supõe não haver nenhum acto prático a realizar.

Num país estrangeiro, ao norte.

Colocados rigorosamente nesta situação definitiva de duas pessoas com a carga de uma equação.

Ela diz que eu pareço um morto.

Pareces um morto, diz.

E sorri com uma hostilidade distraída.

Encosto-me à parede, erguendo o corpo sobre os lençóis frios.

Peço um cigarro.

E ela estende-me um, aceso.

Merda.

Pareces um morto.

Um decapitado.

Estou atento e nada se perde: decapitado.

Decapitado?

Sim, diz ela, decapitado e descolhoado.

Sem colhões?

Isso: sem tesão, sem força.

Morto.

E sorria sempre, enquanto eu fumava encostado à parede, sobre os lençóis húmidos.

Ela sentara-se no chão com a cabeça debruçada para a cama, por altura dos meus joelhos.

Perguntei: como é?

Sou uma espécie de puta, eu, e não tenho medo, murmurou levemente.

E a frase quase se perdia no rumor, na luz, na noite, na neve, no estrangeiro.

Eu tinha toda a atenção, e a frase foi essa, essa coisa tremenda e quase errada, quase certa.

Contudo, ela não se prostituíra, não, nem eu tinha medo.

E no entanto eu parara, como morto, e alguém, antes da subversão das leis, poderia dizer que ela se prostituíra.

Não é assim.

Inclinei-me mais, e rocei a mão onde tinha o cigarro pela sua cabeça muito viva.

O fumo descia, subia, metia-se-lhe nos cabelos, e eu estremeci, porque de repente aquilo era belo, embora nós talvez estivéssemos perdidos.

Ouve: eu tinha a mão na tua cabeça, e o fumo do cigarro confundia-se com os cabelos.

Não, não chega.

Havia na sua voz uma espécie de maligna exaltação, porque lhe parecera porventura que eu procurava uma fuga.

Ouve: há uma estranha beleza em tudo isto.

E ela então levantou-se, vestiu o velho casaco grosso e saiu, sem me olhar, sem dizer nada.

Eu estava encostado à parede, fumando ainda, e olhava o fogão de granito preto, vazio e retórico.

Ela tinha saído para a cidade, caminhava pela névoa.

Embebia-se da fria luz do norte, sob a qual os cabelos se tornam húmidos e brilhantes.

Vi o quarto horizontalmente, ao clarão geladíssimo da lâmpada.

Malas, roupas, a mesa com bâtons, pontas de cigarro, um frasco de compota vazio, um livro velho.

Estes quartos forrados de papel.

Via o quarto a direito, sob a luz áspera.

Estou num país, estou só.

Desejava pensar bastante nisto.

Completamente só, com alguma fome acumulada, uma certa angústia para definir uma posição pessoal perante não sei que enigmas, que movimentos do tempo.

Só, até que ela voltasse.

Às vezes um de nós saía, andava misteriosamente pela cidade e voltava com cigarros, pão, queijo, café.

Partilhávamos do que um e outro conseguíamos apanhar.

Havia um silêncio quente e aéreo em volta dos cigarros e do café.

Bebíamos, fumávamos.

Uma noite embebedámo-nos com cerveja.

Pusemo-nos em frente do espelho, inteiramente nus, abraçados, e eu perguntei:

O que nos vai acontecer?

E quando ela entrava com a cara vermelha do frio e o ar delicadamente enigmático de quem vinha do meio das noites, de uma zona indevassável, e fora apanhada de repente pelas luzes fortes.

Sorria, tinha segredos.

Dispunha sobre a mesa o que trazia.

A cidade fecha-se, confunde as pistas, lança neve sobre as pegadas — para que fiquemos isolados.

Tudo contra as virtudes do homem: armadilhas, caminhos, muros, luzes ferozes, e o idioma, a base idiomática da emoção e do pensamento.

Eis um homem e uma mulher, e tremem: estão providos de forças, lutam contra a memória, e têm outra memória.

Eles lutam, e vejam: é um sentido, uma medida, uma arma, uma virtude.

Isto é no norte.

Quer dizer: o homem e a mulher são extremos, despiram muitos vestidos, são implacáveis.

E, dentro da sua justa ferocidade, em frente do norte ascético, possuem uma doçura essencial.

Estão acordados.

Há muitas coisas por cima da cabeça deles.

Vejamos: fome?

Sim.

E cansaço?

Sim.

E doença e frio e medo?

Sim, sim.

E ela voltou mais tarde.

Escuta, disse eu, não tenho medo.

Trazia café e cigarros.

Vamos salvar isto, murmurei.

Mas ela sabia tudo.

Tomámos café, fechando as mãos em volta das chávenas quentes, para desentorpecer os dedos.

Se tivéssemos algum dinheiro, podíamo-nos embebedar.

Ela veio, com a sua maneira solitária e profunda de andar, e o seu movimento entre os objectos assumia uma dignidade extrema.

Então, tocou-me com a ponta dos dedos na cara, e os dedos escorregaram com uma subtileza incrível, passando pelos meus lábios.

Depois a mão caiu e fechou-se.

Escreve o teu livro.

Mas qual era o meu livro?

Para que escreveria eu um livro?

Salva tudo isto.

E a mão estava fechada contra a coxa, fortemente.

Saio, não é?, e aparece sempre algum dinheiro.

Tens a certeza de que eu o não arranjo indo para a cama com homens?

E tu sais, e como arranjas algum dinheiro, às vezes?

Não, não tinha importância.

O assunto era este: para quê?

Decerto: para a gente se livrar de tudo, ser cada vez mais rigorosa com as coisas, salvar aquela fonte cujo sussurro se perde entre todas as vozes.

Não te quero ver morto, não quero morrer, oh não.

Escuta, disse eu, não tenho medo.

Não te impacientes.

Foi a última vez que me decapitaram.

Mas eu abaixo-me sempre, e apanho a cabeça que rolou pelo chão.

Coloco-a, cheia de sangue, sobre os ombros.

É um livro?

Ela girou de novo pelo quarto, lenta, densa, e estava na ponta do quarto, junto ao fogão.

Entre nós, a mesa desordenada, as malas, as chávenas sujas.

Percebes?, perguntou, percebes isto?

Não é um livro.

É um acto onde já nada se disperse, e onde tudo esteja contido com rigor.

Aquela beleza na minha cabeça, percebes?

Não é assim, não.

Há uma forma para as coisas, não uma forma para cada coisa, mas uma forma una e pura de todas elas.

Uma única forma.

Devemos estar completamente juntos, percebes?

E nada mais tem importância.

Não estou morto.

Não, tu respiras.

É preciso atenção.

Quando a cidade for pelos ares.

Eu sei, disse eu, nunca mais morreremos.

Depois, ela começou a despir-se, e eu também, e quando estávamos ambos nus fomos para diante do espelho.

Estamos nus, percebes?

E, apesar de eu ser um homem cansado, apesar da minha memória e solidão, disse que percebia.

E percebia.

A luz vinha pelas nossas costas e, no espelho, parecia que os nossos corpos saltavam para diante, como tremendos anjos brancos, cheios de uma violenta anunciação.

Lá atrás, junto à janela, escorregava a neve, e havia ainda a noite, e todas as coisas difíceis.

Os nossos corpos saltavam na luz.

Éramos fortes como o diabo.

Merda, disse ela, temos de salvar tudo.

Também éramos frágeis, no espelho, e tremíamos por causa da nossa força.

Como se fôssemos demasiado frágeis para a nossa força.

Escuta, disse eu, temos uma lei formidável.

Nós somos os anjos.

Ninguém mais sabia disto, porque eles estavam todos distraídos, com a noite deles, a neve e a cidade.

Se soubessem, matavam-nos.

E então a alegria, a nossa, irrompeu da maior profundidade, e os nossos corpos brilhavam terrivelmente no espelho.

Telefono à noite.

Expectativa confusa e sensível que as noites carregam de uma espécie de pendente anunciação ou insuportável subtileza.

A geografia nocturna dos telefones.

Ia por ali, quase com o vício de ganhar e perder lugares, rejeitando uma cabine em favor de nova hipótese, guiado pela cegueira pontilhada de pequeníssimas estrelas.

Breve intuição, momento de fulgor, uma imaginação gasosa.

Mas evoluí.

A idade, a idade interior, a interioridade — limpou-me da retórica.

E o meu estilo das cabines públicas tornou-se ático e centrípeto.

Talvez eu tenha encontrado o classicismo do meu próprio delírio.

O que digo verdadeiramente é que acabara por me fixar numa só cabine.

Era um telefone na esquina de duas avenidas, quase oculto por uma árvore e rodeado de uma grossa cintura de terra, onde floriam furiosamente ininteligíveis corolas: amarelas, brancas, vermelhas, lilases.

A cabine tinha as vantagens incomunicáveis a outrem, as minhas secretas.

E pequenas vantagens de pormenor, que direi:

Por exemplo:

À altura da minha cabeça faltava-lhe um vidro, e por ali, ao mesmo tempo que telefonava (ou antes, ou depois), ouvia o ruído difuso da cidade.

O rodar dos automóveis.

O barulho dos eléctricos.

Um barco que apitasse no porto.

O rangido das gruas trabalhando nos cais.

Um comboio que entrava ou saía de uma estação.

As telefonias.

A música de um bar cuja porta de repente se abria e logo fechava.

Os risos e as vozes humanas.

As pequenas canções humanas — fúteis, comoventes canções trauteadas por um grupo de duas ou três ou quatro pessoas que passavam.

E quando a cidade era atravessada por um desses espantosos silêncios que por vezes as varam como uma queimadura de gelo, eu inclinava a cabeça, afastava de mim o auscultador, e sentia tudo parado.

Não, a terra não se movia, nem a lua, se acaso estivesse lá em cima, nem as nuvens.

Estava tudo suspenso: era uma profunda, terrível ameaça.

Enlouqueceríamos, todos?

E as plantas, os animais, as coisas — tudo, tudo?

Então levantava-se a brisa ligeiríssima, as flores vibravam de leve, caía uma folha de árvore e raspava na cabine, rangiam algures uns sapatos e alguém falava não sei onde.

De novo os sons, os quentes embora distantes, embora alheios sons.

Mas não era essa a minha tarefa.

Tratava-se dos arredores dela, dos meus próprios subúrbios.

O estilo flutuante, a adolescência ambulatória ao longo da solidão.

E eu sei que as lateralidades arborizadas, floridas, sonoras, silenciosas — eram irrelevantes em volta da seca fatalidade dos telefonemas.

Desejava algo mais vasto e fundo, mais glorioso e impiedoso (conforme), nos seus resultados.

Um telefonema somente.

Aquele que iria ou não aparecer numa noite, num momento, no ocasional cruzamento de imperscrutáveis forças.

Isso — periclitante ordem nova no meio da confusão e acaso das linhas, dos poderes sonolentos, da matéria frágil e indecisa das coisas.

O resto era uma técnica: os telefonemas.

Mete-se uma moeda, sai uma pessoa.

A voz de uma pessoa, apenas?

Bem, teríamos de discutir acerca deste novo tema: as vozes.

Os sons calorosamente organizados para transportar a aflita, doce, inteligente, participadora matéria das pessoas.

Ou o contrário, isto é: outros adjectivos.

As pessoas.

A quem telefonava eu?

A ninguém, a um número.

Por detrás do número, de ninguém — deveria aparecer um dia alguém, segundo a própria base da aventura.

Não, eu não pedia.

Não se pode pedir.

Há regras para todas estas coisas.

E que pediria eu?

Tempo, gentileza, nome, conversa, amor?

Sejamos sensatos.

Não é possível meter uma moeda, ouvir uma voz, e dizer: dê-me tempo, nome, inteligência, amor.

Seria ridículo.

Aliás, eu próprio me veria embaraçado, se a voz dissesse: peça.

Bem, não pedia.

Eu não pedia.

Não se pode dizer: dê-me tempo, nome, inteligência, amor.

Marcava um número ao acaso, com seis algarismos.

Esperava.

Uma voz.

As palavras iniciais não variavam muito.

Está?, quem fala?

Ou: sim.

Ou: alô.

Ou ainda: hum, hum.

E a minha habilidade era extremamente simples, e invariável.

Trocava a ordem de um algarismo ou substituía-o por outro, dentro do contexto do número.

83 46 26 era 83 26 46.

Qualquer coisa como isto.

Não, dizia a voz, aqui fala do 83 46 26.

Foi engano, desculpe.

Não tem importância.

E eu dizia: não?, acha que não tem importância?

Ah, como eu conhecia a zona ainda anódina desse jogo.

Claro que a voz perguntaria, estupefacta: como?

Se acha mesmo que não tem importância?

E a voz: merda.

Ou: é parvo.

Não me chateie, também diziam às vezes.

Ou então desligavam secamente.

Durante um momento, o som do telefone desligado zumbia no meu ouvido, e o velho abismo refazia-se em mim, calmamente tenebroso.

Pousava eu próprio o auscultador e, através dos vidros, as ruas e as praças abriam-se como um deserto, e o céu vazio coroava o silêncio de tudo.

Recomeçava os telefonemas.

Não te entregues ao acaso, dizia-me eu.

Mas eu não me entregava ao acaso.

Trabalhava para ele, isso sim, como humildemente se executa o erro e a emenda, quando se pensa na verdade, ou como em silêncio nos aplicamos na treva em favor da nossa pequena e possível luz futura.

E que podemos fazer nós, não é?, senão amarmos no nosso espírito a possibilidade do acaso?

Merece o acaso de um instante, incitava-me eu, merece-o.

E uma noite apareceu a voz.

Reconheci-a logo.

Reconheci-a naquela espécie de desastre que a atravessava, desde o mais breve som.

Era uma voz lenta e como que vazia, onde cada palavra vacilava, destacada por blocos de silêncio.

E era, no entanto, uma voz muito próxima.

Eu dela apenas sabia que atravessava a cidade, por um milagre espantoso, e que caminhava sobre o tempo, nascida de uma amarga sabedoria ou de um pudor doloroso.

Não sei o que dissemos.

Talvez tivéssemos falado de coisas muito simples, ou de alguma coisa sem sentido.

Não sei.

Estávamos muito próximos.

E era nos grandes silêncios, nas duas pontas do fio, sobretudo aí, com certeza, que se formava aquele novo e insólito calor.

Registei o número do telefone e, durante o resto da noite e todo o dia seguinte, ele foi para mim como que o milagre de uma combinação inédita, o sinal de uma ordem concreta por onde eu entrava no equilíbrio universal.

Quando chegou a noite, fui à cabine e liguei.

Durante muito tempo ouvi o sinal.

O som repetia-se, vindo dos confins da ausência.

Cinco, dez minutos — monotonamente o telefone tocava no outro lado, num quarto vazio que eu não sabia como era.

Um quarto que não existia.

E apercebi-me subitamente de que isso estava certo, embora fosse terrível.

E quando desliguei senti, através do vidro partido da cabine, que esse gelado silêncio trespassava o mundo e que tudo ficava suspenso sobre os abismos.

Hoje sei que os telefones não existem.

Bell, que os inventou, era um homem tão rudimentar que ignorava a realidade do que, em vergonhoso calão, chamamos — alma humana.

O silêncio está nas cidades.

A peste nasce do silêncio.

Os olhos luciferinos dos anjos.

Quero dizer: têm uma luz — possuem a qualidade veemente mas fria da espera, da promessa: sim?, da anunciação.

Penso nas estátuas brancas, com seus olhos desprovidos de pupilas.

Colocadas assim nas trevas, essas estátuas ressaltam com uma doçura dolorosa e intempestiva e parecem indicar outro tempo: a luz, ou a treva maior, aquela que nem somos capazes de presumir.

Deste modo é que ela surgira no pórtico, e havia os pequenos e fortes cornos que irrompiam ao cimo da testa, acompanhando com maligna e rápida subtileza o movimento da cabeleira.

Aérea, a cabeleira.

Existia ainda uma boca para todo o silêncio.

Porque se tratava de silêncio, evidentemente.

Era esse o tema — é esse o tema das aparições.

Além do longo vestido, o tema branco — que obliquamente se insinuava, como se insinuam os múltiplos planos — no tema das trevas.

Ah, sim: era o tema branco, e as mãos não traziam nenhum lírio pictórico, a haste comprida, a corola consagrada à alta e luminosa representação do angelismo.

Os braços caíam ao longo do vestido e as mãos estavam coladas às pernas.

Era quase um emblema ambíguo — sê-lo-ia, se o tempo houvesse parado antes, e eu apenas tivesse ali chegado como se chega à história antiga, ao facto de pedra: um monumento, uma capela, um túmulo, a casa do príncipe que criara a concentração dos seus mitos tumultuosos na matéria adormecida.

Porque andava, eu, andava de um lado para outro, na penumbra em que se erguia a sobreposição de cilindros, de diâmetro cada vez menor, conforme se levantava a vista até ao cimo — e no cimo, no último pequeno cilindro, estava um longo mastro nu, sem bandeira de cidade ou nação.

Era difícil pôr-se a imaginar o serviço de todos os pórticos abertos à roda de cada cilindro — não se esperasse, como seria possível, que em cada pórtico surgisse uma árvore assim direita, uma figura, aquela mensagem silenciosa e vibrante — coisa mineral, vegetal: o coração dos dias desabitados.

Uma diferente figura em cada pórtico, ou a proliferação, num momento inflacionista, de imagens todas iguais, como múltiplos avisos, múltiplos sinais da trepidação interior?

Por quantos lados ressuscita a vida enterrada?

É apenas para que se saiba: há muitos pórticos, e em cada pórtico tu próprio podes aparecer, para o primeiro passo em direcção ao teu lugar de trevas ou à cidade de Deus.

Mas ela era só uma e tinha para si um só pórtico, e ali estava, e a sua beleza contraditória e veloz acabava agora mesmo de ferir-me no que eu andava: porque eu andava de cá para lá, à frente do edifício.

Acorda-se, há um dia em que se acorda — e então a gente põe-se a andar.

Vai-se ser repentinamente surpreendido — não ainda pelo resultado do julgamento que decorre lá dentro, no tribunal sobreposto cilindricamente, não ainda isso — mas por aquilo, aquilo que vem antes: o anjo.

E o anjo olha-te como se olhasse o espaço prometido.

O amor do anjo cerca-te como um anel de prata em brasa, e então tu ficas fascinado pela fascinação que fizeste nascer no anjo.

Vês de novo as hastes curvas no cimo da testa, os cabelos alvoroçados de mulher, e os olhos abertos para o teu movimento de criatura que respira o seu pavor e o seu desejo, e a boca que não é para dizer.

Vês ainda as vestes claras que seriam para o vento, para a condição vital onde as desejarias: vestes brancas agitadas pelas ventanias dos lugares do mundo, onde se ri, e canta, e se fica sufocado pela grandeza exaltante dos júbilos, do júbilo.

Vês ainda as vestes disso, mas ali não: ali são brancas sim, mas imóveis, caídas, hieráticas — vês as mãos tombadas: mortas, mortas, mortas.

E então ficas parado — é quando começas a amar.

E pensava: que estou eu a amar?

E eu amava o amor dela, com os cornos em cima e o vestido branco em baixo, longo, e amava o meu amor pelo seu amor, e amava-a a ela, e a mim, e, mais do que a tudo quanto estava e era, àquilo que estaria e seria — não, não sabia como, nem em que tempo, nem onde.

Talvez tivesse sido muito antes — porque: o que é o tempo, e o lugar o que é?

Pergunto: o que é a realidade?

Amava, mergulhava nesta ciência nova — e vi.

Fala-me disso que é teu — poderia eu pedir à figura que agora avançava para mim, e ela estava a responder avançando dessa maneira, na sua fascinação, e ela poderia pedir-me: fala do que é teu, mas eu avançava para ela e não dizia: vou na minha fascinação, mas era isso — porque eu amava e estava a dizer no meu silêncio, e via.

Víamos.

É como se a gente soubesse tudo, quando o pavor, como uma seiva atormentada e fria, sobe e se espalha por cada ramificação da viva árvore interior.

Eu tremia, era um modo agora de conhecer o meu corpo — e ela, sim, ela incorria nessa ciência de conhecer o corpo, tremia: e o nosso amor estava a ser vermos o corpo tremendo, vendo cada um o seu corpo e o corpo do outro.

Depois ela ergueu os braços e estendeu-mos para eu ver que ela tremia, que tinha um corpo já ciente.

Possuíamos o medo de saber assim: porque tremes? — diria ela, e ficaria aterrorizada.

O anjo pressentira a minha noite, o chão negro de onde brotava a vida, e sabia como isso seria mortal.

E, se eu pudesse gritar, gritaria: porque eu também lhe estendera as minhas mãos — amávamo-nos, amávamo-nos — e eu sabia o ser que amava e por quem era amado: a minha própria noite.

Que se amem, e se apavorem um do outro — disse ele, o que deixara tudo acontecer e agora aparecia a um pórtico superior, lá no alto, junto do mastro vazio.

Temem a loucura um do outro — disse ele — e é isso que se amam.

Depressa, depressa.

Era um crime.

Os anjos não tocam violino.

Vem das estampas de ouro, o sono encurva-lhe os cabelos, fica branca de andar encostada à noite, e respira, respira,

sim respira, como uma colina tão nua que os pulmões fossem uma renda de prata atormentada, ou água cruel aberta

por ti, tubarão crepitando pelo índico, entre geladas barragens de sal em rama, com uma garra no ventre, uma síncope, um mergulho como uma flor

que se não chama negra, nem cujo nome pode ser dito assim: aquilo é a paixão,

mas que, tremendo, se pode pronunciar como beleza este espaço, crime esta paisagem, ou então: a lua dança

como um vestido bêbedo — ata lenços de um branco que desfaleça nos dedos, e atira fora esse ramo, e aí verás como é que eu me movo:

sim, eu respiro, estou direita, deixa-me passar — aqui vai uma ilha de pés descalços, aqui é um espelho caminhando como a voz por onde entram e saem imagens cambaleantes,

e tu chamas-te então: como eu vi o tempo, era uma maneira cega de haver junquilhos que giravam até se arrancarem dos terrenos nocturnos

e viverem como crianças ondulantes, esquecidas do seu texto, num exílio de espanto e beleza brusca, de fazer pensar, súbito, na morte prometida a todas as coisas

que se aproximam demasiado do nosso amor, e é então que tu dizes: há casas desabitadas, eu estou nessas casas

que tremem quando movo as mãos, a minha cabeleira palpita: é o sangue que sobe do coração apavorado e se faz dócil, quando o pente arrefece um a um os cabelos,

e então o meu nome é: pimenta, areia sentada, abertura da luz para onde saltam laranjas que pulsam,

ah, deixa-me passar, digo-te baixo como hoje me chamo e como nunca mais me chamarei: loucura,

loucura unida à rítmica matéria das coisas, e se abrires o teu sono, dessa vez única verás o que sou: uma figura

impelida pela vertigem, a inclinação do teu próprio conhecimento sobre a morte iluminada por todos os lados,

depois terei um só nome: revelação, até que os dias arquejantes me sufoquem e, no terror que te atravessa como água dolorosa,

eu seja a tua ilha a prumo, onde habitas, tu próprio uma ilha desabitada,

entre a lua como uma rosa infrene e os peixes frios e selvagens.

AS METÁFORAS

Trata-se de uma metáfora.

Compreenda-se que escrevo para explicar: que se trata de uma tumultuosa, desavinda multidão de metáforas encerradas numa única metáfora.

Que tem, esta, o ar complacente de apresentar uma imagem exemplar do mundo.

Duvido deste mundo, desta imagem — a metáfora que a escrita foi conseguindo no seu dinamismo interno e obscuro.

Alguém falou de duas mulheres realizando a virtude do espaço através de uma peça de roupa, um grande lençol branco, que desdobravam, pegando cada uma delas numa ponta.

Penso no espaço até me doer a cabeça.

É como este papel branco, o lençol idiomático, latejando, tremendo nas intenções das mãos — delas, que tremem das intenções inspiradas na experiência e na aspiração.

Repare-se no espaço.

Eu poderia abandoná-lo, a esse espaço — mas que seria de nós?

Porque os outros talvez esperem numa ponta do espaço.

Observe-se que há luz, e essa luz se moveu de uma treva cujo simples pensamento nos faz estremecer, aos que estiveram à espera, a mim que me tinha de salvar de um crime qualquer, talvez daquele momento anterior às primeiras linhas das cosmogonias — o caos precedente aos livros sagrados, para onde se trasladou a instauração do estilo — a aparição do espaço.

É certo que falo das plantas, dos animais, do homem e da mulher — disso que se conseguiu: a idade.

A sofreguidão, a vigília desesperada, o sono onde o corpo sem defesa é trabalhado pelo sobressalto interior.

Mas explico-me bem?

Temos de recorrer às fábulas laterais, ao que não foi, ou foi por uma razão independente — nota-se que, para a criação do espaço, se fala sobretudo do medo?

Se falo de mim, movendo-me para todos os lados, esperando inspirações, consultando as coisas, inventando espelhos para um rosto que se perdeu em enredos que não podem ser violados — se me engano em pequenos apólogos, pequenas fábulas, registos acessórios — não me terei perdido no espaço?

Porque o labirinto, veja-se, só é espaço para a boa contabilidade das emoções e pensamentos, se se tem a chave dele, se ele deixou de ser um labirinto.

Atente-se nos antigos: apresentavam um espaço.

Havia uma cronologia e hierarquia de seres, coisas, factos — convergiam todos, numa ordem, para a metáfora una, viva e real do mundo, que eles depois percorriam, estendendo lençóis, edificando casas, dizendo: pátria.

Escrevo um livro, estou a falar de nós — nós que nos esperamos, homens, por dilatar, com os poderes da emissão e da receptividade, os pontos imóveis onde apenas estávamos a ter atenção, expectativa.

Acontece-me este espanto: que as paisagens existem e que sou um homem diante de paisagens.

Então, não sei.

Primeiro: porquê, as paisagens?

Depois: porquê, diante?

E como: paisagens e diante?

E isto é que seria o essencial para o espaço.

Afirma-se que se compreende o fragmento, os fragmentos.

Diz-se mesmo: não há fragmentos.

Diz-se: não há tempo.

O que há é um sentido da idade — e diz-se que idade é já um sentido de espaço, de organização, como quem afirmasse que a comunicação estava estabelecida e, com ela, a unidade e o amor.

Sabem? — é bom ver dormir uma pessoa.

Assim, de fora, respirando devagar, os olhos fechados, a cabeça inclinada — tudo nela refluindo para aquele centro único do sono — desapareceu de nós o alarme, a dúvida, a confusão: eis a unidade.

Mas eu não assisto ao meu próprio sono, nem se pode oferecer o nosso próprio sono — ele pode apenas ser colhido por outrem, de passagem, por acaso.

Não é assim que se instaura um espaço.

Devo ter conhecimento da minha unidade.

O que eu percorro são as mortes, levo às costas todos os meus cadáveres.

E o que explico é isto: estamos inquietos, porque atingimos uma verdade insuportável — a metáfora, arquitectada sobre uma higiene dos sentimentos e acontecimentos, já não pode ser erguida para segurança da linguagem, para segurança de pessoas e bens.

Para o espaço.

Temos pequenas metáforas, temos uma colecção.

Tentamos a factura do círculo, com a ideia de que uma identificação do princípio com o fim possa encerrar o cumprimento do ser, a totalidade da vida — a sabedoria.

Em seguida olhamos, como se isso fosse o espaço e pudéssemos ser, nós os vagabundos, o exemplo do nascimento, desenvolvimento e preenchimento.

Ele dizia, Poe, (na *Filosofia da Composição*?) que só havia poemas curtos, ligados por aplicação, por partes mortas, num poema longo.

É isto.

Depois, ficar numa ilha, assistindo (e participando talvez nela) à acumulação de imagens — significa que se criou um espaço, ganhou uma perspectiva, se estendeu um lençol (essa ideia do Deguy!) sobre uma espécie de vazio, noite, desabitação, de solidão?

Começo a descobrir a verdadeira tristeza.

Tristeza quer dizer: ser obrigado a recorrer a qualquer coisa como a gratuidade, e enchê-la de uma súbita comoção.

Não creiam que alguém se possa salvar.

Não há uma verdadeira metáfora humana — um estilo.

Às vezes não durmo, para poder imaginar o meu sono.

Compreendo então como o destino do espírito é a tristeza.

Mas a tristeza apenas nos dá inteligência.

E então voltamo-nos para a contemplação das imagens do mundo, e ficamos com uma imagem.

Metemo-la numa garrafa e atiramo-la ao mar.

Algures, alguém recolhe a garrafa, lê a imagem e, como tinha feito o mesmo que nós, não entende o nosso conhecimento da tristeza.

Pensa: quem terá recolhido a minha imagem?

E compreende só, e mais uma vez, o seu próprio conhecimento da tristeza.

Era uma vez um lugar com um pequeno inferno e um pequeno paraíso, e as pessoas andavam de um lado para outro, e encontravam-nos, a eles, ao inferno e ao paraíso, e tomavam-nos como seus, e eles eram seus de verdade.

As pessoas eram pequenas, mas faziam muito ruído.

E diziam: é o meu inferno, é o meu paraíso.

E não devemos malquerer às mitologias assim, porque são das pessoas e, neste assunto de pessoas, amá-las é que é bom.

E então a gente ama as mitologias delas.

À parte isso, o lugar era horrível.

As pessoas chiavam como os ratos, e pegavam nas coisas e largavam-nas, e pegavam umas nas outras e largavam-se.

Diziam: boa tarde, boa noite.

E agarravam-se, e iam para a cama umas com as outras, e acordavam.

Às vezes acordavam no meio da noite e agarravam-se freneticamente.

Tenho medo — diziam.

E depois amavam-se depressa, e lavavam-se, e diziam: boa noite, boa noite.

Isto era uma parte da vida delas, e era uma das regiões (comovedoras) da sua humanidade, e o que é humano é terrível e possui uma espécie de palpitante e ambígua beleza.

E então a gente ama isto, porque a gente é humana, e amar é que é bom, e compreender, claro, etc.

E no tal lugar, de manhã, as pessoas acordavam.

Bom dia, bom dia.

E desatavam a correr.

É o meu inferno, é o meu paraíso, vai ser bom, vai ser terrível, está a crescer, faz-se homem.

E a gente então comove-se, e apoia, e ama.

Está mais gordo, mais magro.

E o lugar começa a ser cada vez mais um lugar, com as casas de várias cores, as árvores, e as leis, e a política.

Porque é preciso mudar o inferno, cheira mal, cortaram a água, as pessoas ganham pouco — e que fizeram da dignidade humana? — as reivindicações são legítimas.

Não queremos este inferno.

Dêem-nos um pequeno paraíso humano.

Bom dia, como está?

Mal, obrigado.

Pois eu ontem estive a falar com ela, e ela disse: sou uma mulher honesta.

E eu então fui para o emprego e trabalhei, e agora tenho algum dinheiro, e vou alugar uma casa decente, e o nosso filho há-de ser alguém na vida.

E então a gente ama, porque isto é a verdadeira vida, palpita bestialmente ali, isto é que é a realidade, e todos juntos, e abaixo a exploração do homem pelo homem.

E era horrível.

Ouvimos dizer que, numa delas, o pequeno inferno começou a aumentar por dentro, e ela pôs-se silenciosa e passava os dias a olhar para as flores, até que elas secavam, e ficava somente a jarra com os caules secos e a água podre.

Mas o silêncio tornava-se tão impenetrável que os gritos dos outros, e a solícita ternura, e a piedade em pânico — batiam ali e resvalavam.

E então a beleza florescia naquele rosto, uma beleza fria e quieta, e o rosto tinha uma luz especial que vinha de dentro, como a luz do deserto, e aquilo não era humano — diziam as pessoas.

E temos medo — pensavam.

E o ruído delas caminhava para trás, e as casas amorteciam-se ao pé dos jardins, mas é preciso continuar a viver.

E havia o progresso.

Eu tenho aqui, meus senhores, uma revolução.

Desejam examinar?

Por este lado, se fazem favor.

Aí à direita.

Muito bem.

Não é uma boa revolução?

Bem, compreende.

Claro, é uma belíssima revolução.

E é barata?

Uma revolução barata!?

Não, senhor, esta é uma verdadeira revolução.

Algumas vidas, alguns sacrifícios, alguns anos, algumas.

É um bocado cara.

Mas de boa qualidade, isso.

E o rosto, que se perdera, que possivelmente caíra do corpo e rolara debaixo das cadeiras, o rosto?

Lembra-se?

Como foi que ficou assim?

Não sei: tinha uma luz.

Sim, lembro-me: parecia uma flor que apodrecesse friamente.

Era horrível.

Boa noite.

E ela trazia um vestido de seda branca, e nesse dia fazia dezoito anos, e estava queimada do sol, e era do signo da Balança, e tomou os comprimidos todos, e acabou-se.

Não compreendo.

E julgas tu que eu compreendo?

Quem pode compreender?

Ela era a própria força, aquela irradiante virtude da alegria, aquele fulgor radical…, compreendes?

Sim, sim.

Tinha um vestido de seda, e era nova, e então acabou-se.

Para diante, para diante.

Não se deve parar.

Enforquem-nos, a esses malditos banqueiros.

Este vai ter trinta e cinco andares, será o mais alto da cidade.

Por pouco tempo, julgo eu.

Como?

Sim, vão construir um com trinta e seis, ali à frente.

Remodelemos o ensino.

Cantemos esta pequena canção que fala da flor da tília.

Bebamos um pouco.

E o outro, o outro, o que viu Deus, quando caminhava para o emprego?!

Isto, imaginem, às 8 h. e 45 m. de uma manhã de março.

Uma partida.

Uma partida de Deus?

Boa piada.

Não amará Deus essas maliciosas surpresas?

Um pequeno Deus folgazão?

Folgazão?!

Ele ficou doido.

Começou a gritar e a fugir.

Que Deus vinha atrás dele.

E depois?

Bem, lá construíram o prédio com trinta e seis andares, e o outro ficou em segundo lugar.

Isto é o trabalho do homem: pedra sobre pedra.

É belo.

Vamos amar isto?

Vamos, é humano, é do homem.

E então as crianças cresceram todas, e andavam de um lado para outro, e iam fazendo pela vida — como elas próprias diziam.

E então as condições sociais?

Sim, melhoraram muito.

Mas uma delas começou a beber, e depois o coração estoirou, e dela ficou apenas para os outros uma memória incómoda.

Parece que sim, que tinha demasiada imaginação, e levaram-na ao médico, e ele disse: aguente-se, e ela não se aguentou.

Era uma criança.

Não, não, nessa altura já tinha crescido, bebia pelo menos um litro de brandy por dia.

Nada mau, para uma antiga criança.

A verdade é que era uma criança, e não se aguentou, quando o médico disse: aguente-se.

E as ruas são tão tristes.

Precisam de mais luz.

Mas nesta, por exemplo, já puseram mais luz, e mesmo assim é triste.

É até mais triste do que as outras.

Estou tão triste.

Vamos para férias, para o pequeno paraíso.

Contaram-me que ele tinha uma alegria tão grande que não podia aguentar um copo na mão: quebrava-o com a força dos dedos, com a grande força da sua alegria.

Era um ser excepcional.

Depois foi-se embora, e até já desconfiavam dele, e ele embarcou, e talvez não houvesse lugar na terra para ele.

E onde está?

Mas era uma alegria bárbara, uma vocação terrível.

Partiu.

E agora chove, e vamos para casa, e tomamos chá, e comemos aqueles bolos de que tu gostas.

E depois, e depois?

Ele era belo e tremendo, com aquela sua alegria, e não tinha medo, e só a vibração interior da sua alegria fazia com que os copos se partissem entre os dedos.

Foi-se embora.

A milhares de quilómetros de distância, eu olhava num jornal as mãos do criminoso.

No outro hemisfério — enquanto era outono e o ar muito limpo estava colocado sobre as árvores vazias.

A lisa e fixa luz dava um relevo cruel às mãos brancas.

Acima delas, o rosto virava-se para o lado, e quase que era somente uma nódoa escura.

Mas na América, em volta da prisão, erguia-se uma nova noite — e turnos sucessivos de polícia interrogavam o homem.

No jardim grave, uma folha de plátano caía sobre as mãos assassinas.

Uma folha fria, que afastei com as minhas próprias mãos — e então essas minhas mãos, depois de a folha cair do jornal, tocavam a imagem (unicamente a rígida e branca imagem) das mãos do assassino.

As minhas mãos estavam quentes: eram umas doces mãos humanas — e a fotografia do homem, das suas mãos por baixo da cabeça escamoteada: a fotografia.

Outono: tempo de espera.

Que é que se espera?

As coisas dormem, depois hão-de aparecer em alíneas diferentes, com cem rostos, as coisas talvez todas inúteis.

É um jardim para exemplo, onde seguro um jornal que fala de tudo com uma espécie de turbulenta ignorância.

Bom lugar, bom instrumento para todos os equívocos: os meus, os da América.

Posso estar só, para um grande e tortuoso pacto por cima das leis, dos países, da simples justiça das gentes.

Na América, há uma estupenda ferocidade à volta do criminoso e do seu crime.

Ele está cercado, e as suas mãos cheias de culpa recuam, com o crime, diante da ferocidade americana.

Trata-se afinal, segundo parece, de um problema complicado: política.

Então o assassino revela-se mais patético, ele, com o seu crime tão agudo, procurando defender ainda as mãos carregadas, no meio da gente feroz.

O momento do crime já lá foi — o impulso, o instrumento, o gesto.

E a vítima, também.

Ficaram as mãos.

Afasto o jornal.

Como é?

A pessoa que se assume, com um crime.

E a polícia cheirando, os espertos cães cheios de faro.

As folhas tapam tudo, vedam-me o conhecimento do tempo a trabalhar sobre o mundo.

Talvez aconteça um grande milagre nas nossas vidas.

A terra está sempre a dar bons exemplos.

Alguma gente anda atenta a essas coisas.

Outra gente, porém, está completamente só, sem exemplos — e então procura realizar o exemplo mais extremo.

Quando se pensa nisso, não há nada a fazer.

Merda, diz-se, isto é um grande exemplo.

E a terra está por baixo, com o outono.

A terra vem em todos os manuais, como um acontecimento histórico.

Mas a mim, realmente, só me interessam os crimes.

E então apenas sei que ele está tremendamente só nos Estados Unidos.

Que isto de ser assassino não é brincadeira nenhuma.

Ele foi até ao fim, esse homem de cabeça em forma de nódoa e as mãos em primeiro plano, saturadas de um exemplo desesperadamente decisivo.

Os polícias cercam-no, farejando e abanando a cauda — e ele, só com o crime, vira a cabeça, desenvolve, mostra, recolhe as mãos, fá-las voltar à intimidade do próprio crime.

De modo que tudo aquilo se torna uma só coisa comovente, ameaçada e inexpugnável — a solidão.

Uma consequência, o movimento mesmo do acto — a pessoa com a sua força terrível, para a frente.

Isto, na América, onde os polícias se vão multiplicar em todas as direcções e pessoas.

Depois, no jardim (e ainda suficientemente de dia), a cara aparece melhor na 2.ª edição.

O jornal mostra que o homem tem um ligeiro sorriso ambíguo, que eu acho inteligente bastante para as mãos, estas sempre em bom plano.

Estou com o assassino, e todo o meu calor de homem se insere no problema, e a multidão americana roda um pouco sobre si mesma, sofre uma pequena deslocação e, confusa, esbarra no extraordinário sorriso do assassino, que a minha adesão torna mais sábio ainda.

Tudo isto para proteger as mãos — espantoso sinal, agora, do único acto, aquele pelo qual se ganham toda a culpa e solidão.

Entretanto, foram descobertas mais provas.

E o homem sorri — leve, alto — tremendamente ascético na sua culpa.

O céu vai escurecendo, vê-se menos no jornal a maneira como o sorriso se dirige aos Estados Unidos, e por isso posso supor, ou adivinhar, a sua verdadeira profundeza.

A raiz do sorriso é a mesma raiz das mãos.

É, primeiro, o acto — e, depois, a própria vocação humana (até que enfim aparecida) para realizar um acto espantosamente completo.

E as poucas palavras que se conhecem do criminoso aumentam a sombria gravidade do acto, tornam-no perfeitamente denso, esférico, acabado.

E é quando, ao outro dia, continuando a ser outono e a haver a mesma luz parada e polida para ver as novas fotografias e notícias, é quando o criminoso encontra o seu próprio assassino.

Incrível.

Ao princípio, tomo o caso como um fantástico folhetim.

Foi deste modo: ao transferir-se o criminoso de uma prisão para outra, um homem destacou-se do meio dos jornalistas e, atirando-se para a frente, disparou-lhe um tiro no coração.

Há fotografias.

Vê-se tudo muito bem.

Como direi?

Há na história, evidentemente, certo barroquismo e precipitação que talvez possamos chamar — americanos.

No entanto, não sei de história mais conforme com as leis da excepção.

Com o seu escandaloso imprevisto, está implacavelmente certa, do princípio ao fim.

Pela minha parte, reconheço que as mãos da fotografia prenderam o seu velho acto criminoso e ficaram para sempre com a força enigmática que as inspirou.

Reconheço ainda que o sorriso tocou os limites da significação e que a frase — não fui eu que matei, estou inocente — dita desde o começo e levada, inteira, para dentro do silêncio, pode ficar como o melhor esforço de equívoco.

E vêde como os Estados Unidos se desdobram em todos os sentidos da confusão.

Tenho de afastar do jornal muitas folhas de plátano, enquanto o meu amor abrange crime, solidão e silêncio, como se fossem uma só coisa: um limite, espécie de milagre ou extremo exemplo.

A minha solidão também cresce, à espera do seu crime e da sua heróica (ou irónica) dignidade.

Porque nunca se sabe bem se nos merecemos a nós mesmos.

Levanto-me do banco, atravesso o jardim, e tenho na minha frente uma cidade que desejaria fazer saltar a cargas de dinamite.

Numa noite do mês de março, estava o tempo esplêndido, olhei para as minhas mãos, e vi uma nódoa branca.

Compreendam-me.

Eu era um homem sereno, emocionalmente próspero, digamos, sem entretanto me entregar à dissipação.

Convivia com muita gente e podia fazer com que me amassem.

Claro, não amava ninguém, mas a minha vida era como que atravessada diariamente por um calor tranquilo e ligeiro.

E então vi de repente que tinha uma nódoa branca na mão direita.

Gosto da mão direita um pouco mais que da outra, pois tenho aquela ideia tradicional de que ela é um nobre instrumento da obra e está ligada superiormente ao espírito.

Além desta, eu possuía muitas outras ideias em que o espírito, a serenidade e a sabedoria constituíam uma espécie de centros vitais.

É isso: tinha o meu tempo, a memória e o futuro bem arrumados.

Achava-me, de certo modo, um indivíduo sem culpas, conhecendo algumas leis seguras, amando lentamente a terra e as estações.

Organizara mesmo um conjunto de aforismos, e acreditava na imparcialidade e — quem sabe? — talvez até acreditasse na justiça.

Havia de ter um dia um talhão de rosas e ser-lhes-ia dedicado.

Rosas tornam o espírito condescendente e vagaroso e dão aos gestos uma grave e amável subtileza.

Tinha esse projecto, o das rosas, certamente.

Mas estava sentado a ler, e então vi uma nódoa esbranquiçada na base do polegar da mão direita.

Pensei primeiro que fosse da luz, depois imaginei que alguma substância deixara ali a sua marca.

Mas não era, porque desloquei a mão e a mancha permanecia no mesmo sítio.

E quando a esfreguei com o polegar da mão esquerda, não se alterou, nem de leve.

Que pensar?

Devia ser, então, qualquer coisa como irritação de pele, um eczema branco.

Bem.

Eu tinha um grande equilíbrio interior e, embora aquele sinal no meu prezado corpo (na mão direita) me inquietasse um pouco, havia tudo o mais onde a serenidade se me garantira.

O livro era mesmo excelente e o mês de março sem chuva é dos que mais aprecio.

Quanto ao resto, é óbvio que eu desprezava — embora com gentileza e rectidão — as pessoas que estavam, ou entravam, ou saíam da minha vida.

Um homem de certa cultura e inteligência, cepticismo manso, uma esparsa ternura sem compromisso pelos seres e coisas.

Apoiava-me uma grande tradição.

Contudo, mais tarde, quando me fui deitar, ao colocar a mão sobre a cobertura da cama, notei que a mancha crescera.

Abrangia agora toda a base do dedo, fazendo uma espécie de grosseiro anel.

Lembro-me de que levantei a cabeça, um pouco de lado, e olhei para a janela onde as cortinas brancas estremeciam.

Vinha da rua, de um jardim próximo, um cheiro de cravos, suponho.

Ouvi também a voz de alguém, uma voz baixa de que só apanhei duas ou três palavras desligadas que, de súbito, me pareceram espantosas.

Mas eram palavras banais, talvez sobre o tempo, os cravos, a noite, sei lá.

A minha mão tremia, também me lembro, e a noite acumulou-se de repente dentro daquele instante único.

Estive à beira do pânico, mas olhei tudo de novo à minha volta e senti que vivia no lugar que eu próprio escolhera, e que eu era um homem coordenado com os meus dias, compreendendo bem que a minha força não estava ao alcance da maioria das pessoas.

Pensei nelas, nas pessoas, e achei belos, ainda que fáceis, os seus rostos e movimentos, e pensei que gostavam de mim, sem me

exigirem demasiado.

Depois deitei-me e dormi, tendo decidido ir ao médico um desses dias, a ver do que se tratava aquela pequena mancha.

Durante a noite, tive um sonho incómodo, onde apareciam altas escadas de pedra, do cimo das quais eu fazia um imperceptível sinal de despedida a alguém que se encontrava em baixo, no último degrau.

Atravessei portas que se fechavam depois da minha passagem, sem que lhes tocasse.

Por fim, senti-me cair de um telhado que lentamente se inclinava, fazendo-me rolar até ao beiral.

No fundo, estava um pântano, e eu mergulhei nele.

No sonho, tinha a mão direita presa e fechada como sobre um punhado de brasas.

E então acordei e acendi a luz.

A mancha crescera e uma outra, ainda mais viva, apanhava-me quase toda a palma da mão.

Foi assim que os novos dias invadiram a minha vida, e eram dias sombrios e ardentes, enquanto as manchas iam cobrindo toda a mão, avançando já pelo pulso acima.

Não era ainda o medo, mas as minhas leis vacilaram e comecei a esconder a mão e a aproximar-me mais das outras pessoas.

Quanto ao médico que pensara consultar, tive de bani-lo, pois cada vez menos desejava saber o que eram precisamente as manchas brancas.

A mão ganhara uma insólita nobreza, outra, uma nobreza nova, terrível.

Ela, que me dera antes o sentido do exemplo criador, a mão humanista — perdera o seu talento de ser hábil e construtora, e era agora a mão dramática, proibida entre os homens, subversiva.

Sabia que ela se vingava, com a sua anunciação de um inédito sentido trágico, do quanto representara em dignidade plácida e inteligência sobre a desordem.

Arranjei uma luva, e esta terceira mão, de pelica, caminhava sem jeito, mas intacta, com a sua pureza artificial, nos objectos e movimentos.

Cheguei a possuir um pequeno talento de pelica.

Mas aproximava-me mais e mais das outras pessoas, e tinha com elas conversas ardentes e instáveis.

Começava a amá-las com aflição e a achar tremendamente belos os seus rostos, as palavras, as mãos com que, surpreendidas, tocavam na minha luva.

Em casa, punha-me a escutar o rumor dos vizinhos, os seus passos pelos quartos, as frases mais altas, as canções que trauteavam.

Ia para a janela, por detrás das cortinas, e tremia de emoção ao ver o movimento das ruas.

A mancha, porém, alastrava.

Já atingira um terço do antebraço e era cada vez mais branca.

A carne do polegar parecia tornar-se levemente esponjosa.

A mão esquerda principiara também a ser tocada e, uma manhã, descobri no meio da testa uma ligeira mancha circular, do tamanho de uma pequena moeda.

Ah, foi rápida a propagação.

Da raiz dos testículos subia já o florescimento maldito, enquanto nas mãos e no rosto as manchas aumentavam sempre.

Agora eu só saía à noite, a ocultas, comprando em lugares escusos alguma coisa para comer.

E o meu amor pelas pessoas também crescia, varado por singular violência e fraqueza, um pânico, uma melancolia enormes.

Um dia comprei uma garrafa de aguardente, e embebedei-me no meu quarto.

Despi-me todo, e eu era branco e repugnante.

Haviam-me caído as sobrancelhas e os pêlos do púbis e, um pouco por toda a parte, a carne tornara-se porosa como sabugo.

E então vi em mim, no meio da bebedeira, certa beleza tenebrosa, uma maldição pela qual me apaixonei.

Adormeci nu, sobre o soalho, chorando de tortuosa alegria.

Tornou-se forçoso afastar-me dos outros.

Poderia eu, acaso, meter-me inteiro dentro de uma grande luva de pelica, arranjar um talento artificial de pelica com todo o meu tamanho?

Porque era já notório o estado em que me achava.

O meu amor pelos outros, não obstante, desenvolvia-se sempre.

E só de imaginar que nas casas, nas ruas, debaixo do sol, ao vento que lhes agitava os cabelos — as pessoas andavam, corriam, falavam e sorriam e riam — só de imaginá-lo, ficava com os olhos húmidos.

Amava-as, com a maior profundeza, amava-as muito.

Nu, diante do alto espelho, tocava devagar no corpo e sentia vómitos.

Transformara-me num réptil branco e inconsistente.

Contudo, penso às vezes que não era, nem é, uma doença física, algo como lepra ou coisa assim.

Talvez o meu corpo esteja como dantes, limpo e vivo.

Talvez a lepra me tenha atacado noutro sítio, numa zona terrivelmente mais importante.

Talvez entre o amor e o mundo haja uma chaga pior, onde nem mesmo se espere esquecer ou fugir.

Os poetas interessam-se.

O amor dos mitos, dos lugares sobrecarregados.

O amor das alusões, símbolos e signos.

Os poetas interessam-se pelas crianças.

Isso — aperta a loucura contra ti, debaixo da gabardina — desce.

As cabeças já não são partes nobres das aventuras do corpo, não as envolvem as folhas que brotavam de uma grande tensão — a tremenda voltagem das imaginações.

Desce ao metropolitano — a isto que te é dado como figuração de um inferno sem maravilha.

Os poetas interessam-se pelos rostos.

São rostos esbulhados — os destes habitantes da semana.

Fazem uma vida com boa caligrafia, eles — e acabou-se.

Vão e voltam.

Uma pequena demência nos olhos?

Talvez.

Alguma coisa escapou aos dias — alguma coisa.

O corpo move-se no inferno debaixo.

A ti comove-te o silêncio por onde os corpos se deslocam com os minúsculos olhos intraduzíveis.

O silêncio esmagado pelos comboios, e logo restituído.

Um silêncio móvel, ameaçado, instável.

Aperta a gabardina.

Possuis uma alta voltagem — tu sim, poeta inédito.

Vemos que te interessas.

Lá tens as imagens turbulentas, a vertigem do silêncio interior.

Moves-te, comoves-te, desenvolves-te.

Apertas contra ti a tua loucura — e o olhar é o de um poeta inédito.

Tens uns belos olhos perscrutadores, fixos e aterrorizados.

Andas com uma graça implacável — sim, sim, incómoda.

Sente-se o circuito electromagnético em volta da cabeça.

Não tocar — perigo de morte.

Tal a terrível delicadeza do teu espírito, a força de anjo.

Tens outro ritmo.

Ainda te não calibraram.

És inédito, forte, doloroso.

Interessas-te pelas crianças.

Vemos isso quando os teus olhos tocam no rapazinho de onze anos, no fim da carruagem, e fogem, e voltam de novo para ele.

Interessas-te por onze anos, por essa estranha debilidade que os outros curam, o ritmo secreto da vacilação.

A tua loucura bate de áspero entusiasmo.

Tens uma perigosa ciência — sabes?

É que vês, revês, prevês, tresvês.

Andas para a frente e para trás, páras e corres, e ficas tenso ouvindo e vendo, com a loucura toda a trabalhar.

És sensível — demoníaco.

É quase impossível estares à altura dos teus dons.

Mas esforças-te — vê-se.

Trabalhas, trabalhas.

E de súbito és muito inteligente, alcanças tudo, ficas com o poder de te fascinares de uma ponta à outra do talento.

Um poeta como tu interessa-se pelos onze anos, pela criança.

Vê como o rapazinho sai nesta estação, e atravessa o cais.

Que pensas daquela forma de andar?

Ele oscila, parece um pêndulo, e a sua cara é triste, ele não percebe nada, não percebe a sua dor, e caminha rente às paredes do metro.

Tu percebes.

O teu ofício é perceber.

Amas.

Que pensas daquela forma de andar?

Sim, sim.

Que doçura trágica, não é?

Percebes a ambiguidade?

Se percebes.

Vê: fez qualquer coisa terrível, teve a sua grande força.

Agora está surpreendido.

Não sabia que a tinha, à força, e depois ficou com o medo da sua força maior que ele.

Vai dizer-te isso, aos onze anos, no seu ritmo, na sua linguagem suspensa e atemorizada.

Vai dizer: sabe?

E tu, tu — como tu sabes.

Segue-o.

Vemos como apanhaste o ritmo dele.

Pareces um lobo apaixonado, tens toda a esfaimada doçura de um lobo.

Pisas os passos dele, a pista insegura.

Já andas como ele, andas com onze anos, numa atenção obsessiva.

E a doçura do teu rosto, a sua velocidade amarga e calorosa.

Desce ao inferno, e vê: encontras um rosto tecido de novo, a macia textura de uma matéria quase virgem — encontras o teu enigma.

Nas escadas rolantes, quase sobre ele, aspiras o perfume da sua cabeleira de rapazinho.

Como tu o amas.

O perfume enche o teu silêncio todo.

Não, nem respiras.

Não te mexes.

Ficas cego.

Sabemos como te entregas, tão redescoberto, ao mais profundo terror.

Tens a ciência disso tudo.

É a tua profissão.

Reconhecer, instalar, ligar os contactos, mergulhar na alegria monstruosa.

És diabolicamente inédito.

A vida toda muito devagar.

E quando a boca do metropolitano vos puser — a ele, a esse espectáculo que estiveste prestes a denominar, mas ainda não; e a

ti, seguidor trémulo, mestre e discípulo de um «eu» irreparável — quando, quando.

Sim, na praça quando, sob as árvores negras, no meio das temperaturas baixas — tudo construído para o exercício da piedade escandalosa.

Quando o abordares, e ele disser que sim ao magistério da tua idade enganadora, saída do anonimato para a vacilação, o pavor urbano dele.

Estou só, diz ele, mas.

Etc.

Tu compreendes.

Sabes que ele também já tinha o seu silêncio, e do silêncio nascia um incomportável sofrimento, e uma força.

E agora falas muito, e diriges a força dele e a sua fraqueza, e colocas tudo num lugar extraordinariamente seguro, ao que parece, e dizes: vamos tomar outra vez o metro, tenho o meu carro no outro lado da cidade.

Reparaste como os onze anos olharam para ti?

Não sabem que hão-de fazer, os onze anos, com o amor que nasceu neles, agora que saíste completamente do anonimato e és tão real, tão pessoal, tão próximo, tão corrítmico.

Ele vai — estamos mesmo a ver que vai, e o seu modo de andar é curiosamente mais seguro e o teu é menos seguro — vê-se.

Os poetas interessam-se e as crianças interessam-se — e isso é um pacto.

Demasiado pesada, a vossa festa.

Lado a lado pelas ruas, vendo a festa silenciosa, um pouco vergados ao peso de uma alegria tão difícil.

A quatro mãos.

Continua, continua.

Tens uma nova maneira de ver os rostos imóveis sobre os corpos excessivamente móveis, e os olhos ligeiramente alucinados.

Uma nova maneira de conceber a tua própria loucura, de andar com ela, de parar e seguir e respirar com ela.

Sim, um modo especial, nesta tarde, de te aproximares da tua sonâmbula solidão, e encontrares o ponto onde ela de súbito se

torna expansiva e ardente, e abrange o ocasional discípulo, o pretexto, o objecto da mais trémula memória.

Cuidado com a memória.

Tu interessas-te.

Ama-la demais.

E a paixão?

És um operário da paixão.

Observamos a demoníaca inteligência de gestos, quando falas ao rapazinho.

O teu amor é lento e veloz — centrípeto, centrífugo.

Como aprendeste.

E que importam os rostos, senão como oscilante fundo para o teu milagroso rosto, esse sensível e atormentado rosto de criança, viajando pelos túneis, de uma ponta à outra da cidade que trabalha noutra coisa, descansa de outro trabalho, ou se prepara para uma estranha musa.

Sabes em que se inspiram eles, os trabalhadores desta cidade?

Nada te importa, a não ser o teu amor — vê-se.

E de novo sobes umas escadas, e a criança sorri, e tu pareces sonhar e vacilas na luz interior, e mais uma vez acreditas, e de repente é como se amasses a tua extensa vida obscura.

E já no carro dizes: vamos pelo meio das árvores.

E guias em direcção ao parque.

Vês tudo muito bem: as árvores negras, o céu brusco e mercurial e a íntima imobilidade do instante.

Sabemos: tremes, quando o rapazinho diz que quer andar sob as árvores, pisando as folhas podres.

Ele sai, caminha, abaixa-se para apanhar uma folha.

E que significa isso, apanhar a folha?

E ergue-se, e continua a andar.

Apanhou a folha como quem encontrou uma coisa perdida, como se tivesse achado a significação de uma palavra confusa no labirinto dos dicionários.

Que tremes e sufocas, sim.

É a embriaguez, o amor lancinante, a memória, a piedade, a sufocação da alegria.

Sim, é a dor — a força da tua presença.

Tens medo.

Interessas-te muito pelas emoções, sabemos.

E vês a solidão impossível da criança apanhando a folha, o distraído empenhamento dela, a frágil nuca.

Repara naquela forma de andar.

Parece que desejarias dizer o que é aquela forma de andar, mas a piedade não tem palavras, a tua piedade.

A loucura dos teus olhos confunde-se com a embriagada piedade dos teus olhos, e tremes.

E então sais do carro e aproximas-te dos onze anos, e vês cada vez mais dolorosamente a forma como eles caminham, os onze anos, sobre as folhas podres, e a imagem violenta da tua obscura vida sobe do fundo — sem perdão, sem nome.

Fechas os olhos — vacilas apavorado.

Páras, o vento refresca a tua cabeça negra, o teu pensamento negro, o teu coração negro.

Páras — maneira única de ficar apenas à porta dos crimes.

Espelho negro.

Vê-se que sabes tudo, que esgotaste a tua difícil ciência.

Há sempre uma cidade onde anoitece.

Mas haverá algum perdão para o homem perdido que a percorre, parando nas praças a decifrar os obeliscos, ou fechando os olhos nos jardins para respirar o perfume confuso e virgem das plantas e da terra húmida, ou ainda estacando na faixa central das avenidas por onde sobem e descem os automóveis e se desenvolve, em cadeia, o jogo obsessivo dos sinais luminosos?

É um homem que caminha até encontrar o rio como algo muito antigo, anterior às vozes e ao trabalho e à cólera e ao amor dos habitantes.

No rio é que vê como há um movimento verdadeiro, e sabe então que ele próprio, perdido por um momento, está muito mais perdido do que supunha: corre também, assim quase imperceptivelmente, reflectindo o que logo se desfaz.

E depois regressa ao centro da capital anoitecida e, erguendo a cabeça, tem a revelação veloz dos enormes edifícios de vidro e metal.

Estou perdido, e as pessoas são de repente arrastadas para os subúrbios, por uma secreta força centrífuga, que o apanha a ele também.

As casas engolem-nas.

Acendem-se e apagam luzes, as cortinas movem-se com a subtileza dos tecidos calmos.

Nas casas, alguém emudece, absorvido por uma lenta domesticidade.

Pensa-se como as cadeiras são inconcebivelmente imóveis e as pessoas se ajustam às cadeiras.

Nunca mais terei paz?, e de súbito a temperatura é baixa, uma árvore tremula na brisa, as casas movem-se subtilmente para uma distância ainda maior: os outros.

E imagina-se isto: estão sentados em volta de uma mesa, as mãos sobem e descem, levanta-se um rosto devagar, e a voz diz: sim, hoje, e o ritmo reorganiza-se em torno desta nova ideia, e o

tema destas vidas é esse dia referido — hoje — que se estende para trás e para diante, com as múltiplas imagens rudimentares.

A ele, o que o queima é a inspiração demoníaca.

Talvez espere um dia caminhar sobre as águas, recuperar tudo, chegar junto à esfinge que existe à entrada de todos os lugares e destituí-la de poderes, pela decifração dos enigmas.

Que pode desejar um homem perdido senão ganhar a ciência e a glória?

Para ele, só é possível a salvação completa.

É por isso que este homem caminha sempre e encontra aquele sítio onde o tempo todo se fez espaço: coisa exterior, matéria.

Há uma sinagoga construída e reconstruída desde a fundação da cidade até ao século em que toda a gente está agora a viver, como se viver fosse hoje; e há a ponte romana; a fortaleza árabe; o paço medieval; o palácio renascentista; o convento filipino; o marquês de Pombal; o pequeno teatro arte-nova; a secunda metade do século vinte.

É o tempo.

Mas este tempo é ainda aberto pelos dois lados: e há nele o começo de tudo, e o fim.

Como se subir os degraus de pedra, entrar e sair das ruas estreitas, aparecer nas praças fosse uma aventura não só através do tempo, mas para fora dele: como se fosse consumir o tempo, assumi-lo.

No alto do terrível sentimento de liberdade, o homem pensa que alguém disse: sim, hoje — e é a este tema alheio que ele de repente se devota: ah, uma tarefa simples, uma pessoa, o amor, o comércio, as virtudes e os crimes de todos os dias, do dia de hoje.

Mas sim, sim — existe alguém nesta cidade onde anoiteceu.

Só que é preciso percorrer o pretexto.

São vinte metros talvez, ou trinta, ou o medo que está no fundo da vertigem silenciosa onde a fala se prepara, com as suas quentes e graves curvas, a arguta energia da sedução.

Vamos falar, erguer da treva tumultuosa as nossas antiquíssimas imagens, a espera e a esperança?

Dir-te-ei quem sou, houve um tempo, tive um sonho, lembro-me do teu rosto, a tua voz já existia.

E ele atravessa a rua, passando pelo tempo, de pedra em pedra, com um cigarro na mão para pedir lume ao cigarro alheio, que brilha no outro lado, ao cimo dos três degraus.

Vai ser assim: dá-me lume, por favor?, e o cigarro encostar-se-á ao seu, o lume passará de um para outro, de uma pessoa para outra pessoa, e então, no meio da eternidade deserta, será sim o dia de hoje.

Mas a noite é imensa, quer dizer: a noite do lugar e do tempo, a noite da nossa solidão — é imensa, e apenas um pequeno órgão vivo palpita algures, vibra rapidamente, e amortece-se, e desaparece.

Então, uma vez mais a noite se levanta de nós, e o que estremece é a carne, a nossa, cega e desamparada — mas fremente na sua cegueira e desamparo.

Sabes que estás só? — pergunta a carne à carne —, sabes que a noite se ergueu de ti, como se fosses o seu próprio e único talento, e que esse talento te cerca como uma atmosfera, o morto clima que transportas em ti, de um lado para outro, ao longo das pedras, ao longo de todos os lugares do homem?

Ela sabe, ou pelo menos sabe que sabe.

E é demasiado.

Por isso, olha e espera.

E vê de novo a brasa que estremece na escuridão como uma planta que crescesse e florescesse na terra negra, ou um animal cujo calor abrisse uma brecha no tempo frio.

A carne embriaga-se com imprecisas metáforas de salvação — que salvação?! — com um movimento subterrâneo de analogias, e ele diz: vou pedir-lhe lume.

Vai através do bairro múltiplo, o tempo que o escuro abafou, e então é como se fosse fora do tempo, ou dentro de todo o tempo, à procura do lume para o seu cigarro.

Eles construíram e os anos destruíram, e eles reconstruíram as coisas gastas e construíram outras novas.

Que é isto?

Quer dizer que a carne renasce, e é essa a tarefa?

A noite vem sempre, mas talvez trabalhem também de noite.

Às vezes ouvem-se as picaretas e os martelos, à distância, durante certas noites.

E depois é manhã, e apercebemo-nos de que existe uma coisa nova, um corpo que se organiza para o dia, e isso foi um secreto trabalho nocturno.

Eles acreditam, então — será verdade que ousam acreditar?

Pode-se avançar nas trevas.

Uma, duas vezes, foi-nos indicada uma luz fugitiva — e depois sabemos.

Talvez ainda mais nítida, a topografia marcou-se na nossa cegueira, e então caminhamos, caminha ele com o seu cigarro por acender, a sua perseguição ao fogo.

Não é uma admirável virtude do fogo, não será até um milagroso talento das trevas que, aqui e ali, durante um segundo, o fogo abra a sua pequena rosa trémula, e o homem possa respirar na cega atmosfera dos séculos?

É — eis que ele o diz para si, com uma força maior do que ele próprio, o inventado poder da sua vertiginosa, momentânea fé.

Caminha pelos anos pétreos, com os pés a decifrarem o empedrado e os degraus do bairro.

Ouve os próprios passos, porque sempre ouviu as pancadas do coração — por aí é que reconhece estar vivo, embora isso seja violento demais e demasiado precipitado para a verdadeira harmonia que, possivelmente, seria o estar vivo.

Mas respira, isso sim, o sangue corre pelas veias e artérias, corrompe-se e purifica-se dentro da confusa massa da sua dor de homem, e anda, ele anda, sobe, desce.

Contudo, os passos que ouve, como se fossem as pancadas fortes do seu sangue, parecem distanciar-se.

Pára.

E os passos continuam, afastando-se.

Mais longe, aparece a brasa do cigarro.

O outro foge.

Porque foge?

Que medo inspira assim o desejo do conhecimento, ou o desejo do amor?

É a caça?

Existem aqui o desígnio, o jogo, o ritual — e a alegria bárbara e o primitivo pânico da caça?

Porque o amor é mortal (o amor é mortal?).

Talvez se adivinhe que sim, e obscuramente se saiba que é mortal o conhecimento.

Talvez seja isso o que melhor se conheça do conhecimento — a sua natureza mortal.

Os passos do outro fogem pelo tempo fora, ouvem-se — embaraçados e rápidos — perdendo-se nas escadas, pelas ruas ondulantes, sob os arcos.

Um momento ecoam no meio de uma praça, o cigarro brilha, forma-se uma súbita coroa de silêncio.

Haveria palavras para dizer, a antiquíssima súplica do perseguidor: porque foges?

Mas não haveria resposta.

Ou seria: tenho medo, ou então: é o jogo.

Contudo, não se sabe bem o que acontece, por isso não haveria resposta.

Medo?, porquê medo?, dir-se-ia, jogo, que espécie de jogo?

E as palavras nunca mais acabariam.

Não mais existiria este silêncio no qual, ofegantes, sabemos com tanta dor que ainda estamos vivos.

Por isso é que andamos, agora com todas as artes da caça, devagar, depressa, silenciosamente, cercando a presa.

Amo-te — diríamos nós, no exacto instante de lhe cravar o punhal no meio do peito.

E depois desejaríamos que se fizesse luz, uma grande luz branca, o sol, para vermos o sangue correr e, possivelmente, afogar a nossa boca no sangue amado.

Para conhecermos tudo, até ao fundo e até ao fim.

Porque o amor e o conhecimento são as artes do crime.

Tenho um ramo de flores para ti, diz o amante: são flores venenosas.

Mas toda a gente sabe isto: ninguém deseja nada do amor.

É o tema eleito das palavras.

Eis a razão por que o outro está escondido na praça, ao meio da qual existe um largo fontanário, com a sua rodada taça de pedra, de onde transborda uma água silenciosa e dormente.

A brasa do cigarro marca uma curva no ar e cai na água.

É um indício.

Ele está ali, bem perto.

Mas depois tudo será mais difícil.

Porque será a perseguição declarada, sem o pretexto de pedir lume.

Também não haverá já a indicação do lume, no meio da noite — o sinal de que ali está a pessoa, viva, fumando, respirando, tremendo.

Porque foges?, e enquanto, no mais secreto da sua aflição, ele o pergunta, corre em direcção ao fontanário e quase esbarra com o outro.

Sentem-se, mútuos, únicos, arfam no escuro da praça, a treva treme levemente na água adormecida.

Mas ele diz (e quem sabe se isso é absurdo?) diz: lume, e o outro escapa-se, e põe-se a correr em volta do fontanário.

Os sapatos chapinham na água e a ele, que já começou a persegui-lo, correndo também em torno da taça de pedra, chapinhando do mesmo modo na água vazada, ocorre-lhe um insólito pensamento: caminhamos sobre as águas.

Então abranda um pouco a corrida, inclina o corpo para a direita, e mete a mão na água da taça.

É um ruído novo, virgem, e o contacto da sua carne com a água faz nascer em si uma confusa alegria, o sentido de uma festa natural, o desejo de morrer ali, agora, triunfalmente.

E o outro? — o outro foge, e como não abrandou o passo, nem mergulhou a mão na água, nem pensou (supõe-se) na alegria de uma festa mortal, o outro adiantou-se, e já se encontra no lado oposto do fontanário.

E é ágil, essa criatura sem nome, o ser que se ama, aquele que se persegue e a quem se deseja conhecer, para suplicar lume, ou

voz, ou vida, ou sangue, ou sabe-se lá o quê.

Corre depressa demais.

E andando em círculo, chapinhando sempre na água, e às vezes pensando ainda: caminhamos sobre as águas, ele sente, súbito, que o outro avançou bastante.

Treme de medo, porque o outro avançou tanto que já ultrapassou o ponto onde, com o ponto onde ele se encontra, formava os extremos do diâmetro do círculo.

E isto significa: o outro é agora o perseguidor.

E, como avança cada vez mais, torna-se cada vez mais no perseguidor, e ele no perseguido.

Talvez o outro pense: porque foges?, e lhe queira pedir a sua voz, o seu amor, o seu sangue.

É quando sente perto da nuca a respiração do outro.

Tem tempo apenas para desviar-se, correr para a esquerda, atravessar a praça e meter por uma ruela negra.

Mas, parando um instante, ouve os passos do outro na sua direcção.

E então foge através do bairro, do tempo, de pedra em pedra, com o seu pavor de animal perseguido, ouvindo o bater implacável dos pés do outro.

Haveria palavras para ouvir, a antiquíssima súplica do perseguidor: porque foges?

E que poderia ele dizer?: tenho medo?

Não se sabe bem o que acontece.

As palavras nunca mais acabariam, enredar-se-iam umas nas outras, seria um jogo mortal.

Não mais haveria a suspensão do irremediável, esta espécie de silêncio na beira do crime, no qual sabemos, com dor, que ainda estamos vivos.

Ele foge.

Quem sabe se a noite terá fim?

AS PALAVRAS

Leia-se esta paisagem da direita para a esquerda e vice-versa, ou vice-versa e de baixo para cima, pode-se saltar as linhas que tremem debaixo dos olhos.

Pode-se ler a cavalo, de pé, ou sentado numa cadeira.

Pode-se sentar a paisagem numa cadeira e lê-la com extrema violência.

É uma paisagem de répteis, de ovos e de máquinas que não calculam.

Há no meio uma flor como a flor segregada pela boca das abóboras.

Quem leia, se ler, leve consigo a flor fria e amarela, crave o pedúnculo no coração, e durma com o sangue e a sua dor de pessoa.

Quem aprender, que sonhe, que lhe cresça o cabelo tumultuosamente, que saiba, saiba até às portas da morte.

Leia-se como for mais conforme com acordar de noite tremendo de espanto.

Leia-se como um milagre cheio do milagre dos erros.

Leve-se para a vigília essa visão como um espelho.

Espelho, procedimento de expansão ardente.

Veja-se no espelho que é a pessoa que tem o perfume de outra pessoa.

Ressoa, respira, transpira o que é nela a pessoa.

Espelho que soa, conspira, delira — que voa o que é nela a pessoa.

O sono, porém, tem uma qualidade de réptil e de ovo, o sono, o sono que está colocado sobre um nascimento, o sono parado sobre um movimento — o sono.

A réptil e ovóide qualidade da espera e da paciência.

A qualidade de máquina que maquina silêncio.

E a flor e o espelho, tudo sobre o coração minado de água negra desde o começo da noite.

Flor e espelho quando se dorme nu, de braços abertos, as chagas fervendo em cada parte atacada do corpo, e uma chaga de cal viva onde o corpo não estremece.

Diz qualquer coisa como se o vinho enchesse o teu sono e transbordasse, e lê-te a ti mesmo de lado a lado, entre os pés e as mãos.

Lê o escuro que tomba entre os teus braços como um ramo tenebroso, desfolha-te pétala a pétala, até seres puro como uma paisagem expectante.

Leia-se agora tudo num idioma cada vez mais estrangeiro e, de súbito, nas palavras onde sempre se nasce — sempre.

Esta ciência chama-se ver com o corpo o corpo iluminado.

A pessoa escolhe a parte mais fria, e dispõe absolutamente a camélia ou a viva madeira da viola.

Tu sentas-te ao meio.

Fechas as janelas para que trema a treva sentada na cadeira.

Devagar move a mão, mais devagar a ciência.

E toma o espelho: que é veloz o terror.

Inclina o coração para o pássaro com a árvore, e a cor com o pássaro, e o canto com a cor.

Por cima, a luz com a crina espalhada em forma de rosa.

O frio lençol chega à sua brancura, o espelho chega à imagem.

A flor tropeça na roseira como, digo eu, como o sangue se infiltra no sono, e ninguém sabe.

Cravo agora e candeia, como a lua com as patas se empoleira no espaldar da cadeira.

Como tu mesmo avanças para o espelho feroz, respirando — e a sinistra imagem canta abaixo do pássaro, acima da ciência.

Como um lençol na cara, e a mão na lembrança.

Tão lenta como uma tábua ao sol — seca, dolorosa.

E o espanto que é criança a entrar na infância, e dá uma volta, e sai por uma estampa de ouro — a tristeza.

Talvez estar — maçã colocada num perpétuo silêncio.

Vivendo uma cor desesperada, um odor de mês cortado ao meio.

E o espaço que isto cria — um equilíbrio de lâmpada, uma lâmina alta.

Mas tu entras por um lado, e mexes os braços — voas, cantas abruptamente.

E estás então no outro lado — livre e morto.

Ressuscitarás inclinado, como todas as coisas.

És simples, e à noite apareces, ó árvore de cal, tábua a prumo — inodora, branca.

Deslocações de ar, de palavras, partes do corpo, deslocações de sentido nas partes do corpo.

As ribeiras tremem na base das montanhas — geladas, de costas, as montanhas tremem sobre as águas deslocadas de repente.

Os animais apoiam-se no seu próprio sangue.

As flores apoiam-se na sua própria cor.

As idades apoiam-se na sua própria memória.

E o sono desloca-se da terra para o coração.

Vive-se com o coração a tremer como uma montanha sobre ribeiras de luz — e depois a treva desloca-se da idade para o coração como um lugar inteiro.

E um dia os animais passam junto aos lençóis estendidos, e a sua passagem queima a brancura exposta a todas as deslocações.

Então candeias e papoulas deslocam-se sobre imagens cheias de patas — e fechamos os olhos para a terrível dor da carne, respiramos mal, trememos apoiados no nosso próprio terror.

Deslocações de dedos em volta de umas ancas ferozes, mão atentamente aberta sobre uma vagina viva como uma boca nas virilhas, a flor do ânus, a flor do ânus — e depois a luz desloca-se de toda a parte para toda a parte.

O dia apoia-se no seu próprio movimento.

O peixe apoia-se na sua própria submersão.

O amor apoia-se no seu próprio êxtase.

E as vozes apoiam-se no seu próprio som.

Apenas as flores se apoiam no perfume veloz.

Apenas os corpos se apoiam nas flores que eles próprios são — atados como ramos de um cego e amargo e monstruoso e veloz perfume, como um perfume de corpos.

As ribeiras de luz respiram a prumo.

As ribeiras de treva respiram a prumo.

Vive-se a tremer com o pavor e a glória.

Vive-se de uma ponta à outra o extremo amor, o amor, e a solidão como um lugar inteiro.

Alguém respira onde é vivo — uma boca, um ânus, uma vagina viva.

Alguém ferve pela luz adiante até entrar nas trevas e ficar respirando nas trevas.

Um perfume de esperma.

Um perfume de salsa.

Um perfume de enxofre que estonteia.

Alguém se transforma numa coisa inominável.

Durmo.

Durmo de pé atravessando quartos, as minhas mãos não dormem — talvez eu sorria estremecendo, estremecendo.

As minhas mãos saem do sono, para os lados, mexem, mexem, os pés estão acordados e levam com um sorriso o meu sono pelos espaços vivos e brancos, sem som — estou de pé estremecendo.

Depois tenho quatro patas como um perfume que partisse ou uma flor que partisse à procura do seu perfume.

Digo que tenho uma aflita quadrupedia, como um cão nu que fosse em busca da sua flor desaparecida em toda a parte, neste clima aberto à volta do clima.

As minhas patas saem do sono para saber como é o espaço exasperado do clima, andam pelos soalhos do clima — e ao alto do movimento há um sorriso em lume brando numa pessoa estremecendo.

Aprendi como é devagar — comer devagar, sorrir, dormir devagar, cagar e foder — aprendi devagar.

Entretanto, se me falarem de rosas não me falem de rosas — falem-me da espinhosa arte de ser rosa, da arte do devagar.

Mexes-te muito, digo eu, e penso: mexes-te muito pouco — é que eu sou o muito mais possível devagar, respondo, é que eu sou o sangue procurando, pelos tubos quentes, o pavor do coração.

Sou o sangue em busca de como há-de bater nas mãos e nos pés, através das galerias, como um ramo de ventania a bater no espaço da ventania.

Mexes-te pouco, é o sono que te leva, as mãos tremem, os pés apanham os passos um pouco atrás, o coração é terrível como um órgão oculto — mas a boca exposta é que é o órgão do amor.

Durmo, durmo, durmo em todas as direcções — abrem luzes como quem espanca neve, tornam claro como quem desdobra lençóis, tiram do sono como quem abre torneiras sobre as ervas espantadas.

Oh, deixa-me tu passar, digo-me eu, dá-me a superfície inteira desta noite irregular, a profundeza deste sono onde apenas se mexe uma incrível sabedoria à força de lentidão.

É isto que levo no corpo — a nudez, a nudez.

E a nudez põe o sono às costas, caminha, sabe, encontra, perde e caminha — toda exposta em seu espaço branco.

Não te importes com a água fria que atravessa a primeira imagem da tua ciência — tu abraças o amor como se abraçasses uma chaga ardente: a lepra, a loucura, a visão.

O dia começa a meter-se para dentro.

Leva consigo as casas de bruscas rosas acesas, os lençóis que tremem, as candeias com perfume.

A cor sobre as pedras, os lugares mais frios.

O pequeno espelho que o ar infiltrou de álcool, digo: o pássaro — o dia que começa a meter-se para dentro agarra-o pelas patas do voo, e leva-o consigo.

É preciso mais droga, ou amor, ou maior velocidade, para se ver que é o dia.

O movimento dos nomes, o espaço na beleza — e leva-os para dentro.

Já não sei como olhar as plumas que respiram entre as minhas duas mãos, o silêncio deitado, aberto, debaixo do meu de novo silêncio.

A luz pênsil como um girassol um pouco retirado.

A madeira latejante.

Agora não sei — o dia leva tudo para dentro.

Ouve-se então o interior mais escuro.

Aquele bater de águas giratórias.

Um eco de pancadas sonâmbulas, síncope, uma ardente digestão de coisas vivas.

Começa a meter-se para dentro — é uma paisagem tão móvel como a linha entre a maçã e o gosto.

O teu retrato parece uma colina de areia que caminha para os lados nocturnos, não é fixo e fascina — como um peixe dança pelas águas geladas.

Quando se dobra para trás, quente ainda o coração, pequena colina de areia sentada sobre si mesma como uma cabra, uma rosa — vem o dia que se mete para dentro, e leva-o consigo.

Tenho medo do teu rosto que desaparece um pouco loucamente, como se parasses para ver o outro lado do espelho.

Tremo olhando a convulsão de toda aquela seda.

Deita de fora as mãos e agarra o teu vestido de perfil, e tu olhas de lado como as pessoas lêem o sentido de um poema, e sorris a três quartos como as pessoas imaginam que são, e desapareces de costas como as pessoas apalpam a frescura das pêras — o dia agarra o teu vestido de pé, e leva-o para dentro.

O meu sono onde corre um ramo de sangue, como na europa um ramo de águas arquejantes.

O dia agarra pelos caules o ramo bem atado do meu sono que crepita — e a vigília põe-se a andar sobre as suas quatro patas, branca como um cão cheio de febre.

O dia como uma cadeira que se leva para dentro.

As flores que devoram mel ficam negras em frente dos espelhos.

Os animais que devoram estrelas em frente dos espelhos ficam brancos por detrás dos pêlos ou das plumas da idade.

As pedras por onde circula a água ficam vivas de tanto cantar e, quando se voltam, atingem a sua maior velocidade interior.

Se vêm às portas ver quem bate, os lençóis cobrem-se de imagens respiradoras — quando regressam ao sono, deixam as mãos abertas.

Se é uma estátua que bate, corre-lhe o sangue pela boca, e sobre os ombros torcem-se os cabelos, e as asas tremem em frente da porta.

Se é um retrato, sorri sufocado pela noite adiante.

Os espelhos são negros como os jacintos da loucura.

Os crimes que olham para o espelho têm uma vibração silenciosa.

Se é uma criança, diz: eu cá sou cor-de-laranja.

Porém às vezes é bom ser branco, é bom estar deitado.

O mel faz bem às pedras, atrai os olhos dos anjos.

Quem aplaina tábuas acumula uma obscura sabedoria.

Olha para os espelhos, tens um talento assimétrico de assassino.

Vê-se nos teus ramos frutos negros contra a paisagem móvel.

Se fosses um peixe, a porta estaria nas águas mais íntimas, frias, límpidas e caladas.

E não batias — cantavas a tua síncope terrível.

Nada se veria na vertente do espelho.

Serias como uma máquina cor de cal respirando.

Por isso te ofereço este ramo de lâminas e um fato de perfil — e andas nos labirintos.

Por isso te sento numa cadeira de ar.

Por isso somos os dois um quadrúpede de seda de uma beleza truculenta.

Temos toda a vigília para encher de silêncios.

Pensamos os dois o mesmo corpo inaugurado.

As flores que devoram mel tornam negros os espelhos.

As colinas vão olhando, e tremem na nossa carne as estampas de ouro extenuante.

Por isso, por isso, por isso — somos assim obscuros.

Ficarão para sempre abertas as minhas salas negras.

Amarrado à noite, eu canto com um lírio negro sobre a boca.

Com a lepra na boca, com a lepra nas mãos.

Este mamífero tem sal à volta, este mineral transpira, a primavera precipita-se.

Com a lepra no coração.

Mais de repente, só chegar à janela e ver uma paisagem tremendo de medo.

E uma vida mais lenta só com uma estrela às costas, uma tonelada de luz inquieta, uma estrela respirando como um carneiro vivo.

Igual a esta espécie de festa dolorosa, apenas um ramo de cabelos violentos e o seu odor a pimenta, no lado escuro como se canta que as salas vão levantar o seu voo.

Ficarão para sempre abertas estas mãos exageradas em dez dedos com sono, como uma rosa acima do pénis.

Ao cimo do caule de sangue, essa flor confusa.

Um equilíbrio igual, só a estrela ao cimo do êxtase.

Só alguma coisa parada no cimo de uma visão tremente.

A primavera, que eu saiba, tem o sal como cor imóvel.

Por um lado entra a noite, assim de súbito negra.

De uma ponta à outra enche-se o espaço aplainando tábuas.

Rasga-se seda para aprender o ritmo.

Abraço um corpo com as camélias a arder.

Abertas para sempre as negras partes de mais uma estação.

Semelhante a isto as mulheres andam pelas galerias transparentes, e o palácio queima a noite onde estou cantando.

É possível ainda cortar ao meio o ofício de ver — e num lado há espelhos bêbedos, no outro um cardume ilegível de sons obscuros.

Sabe-se então pelo silêncio em volta, sabe-se em volta que são lírios sonoros.

Passando as mulheres colhem estes sons irrompentes, e as mãos ficam negras junto à beleza insensata.

Elas sorriem depois com um talento terrível.

Levamos às costas um carneiro palpitante.

Pesa tanto uma estrela quando se acorda nas salas negras abertas de par em par, e as mãos agarram um ramo de cabelos dolorosos, e sobre a boca um lírio em brasa, branco, branco, que não nos deixa respirar.

A lepra na boca, que não nos deixa respirar.

Um ramo de lepra contra o corpo, como isto então só o movimento de águas obscuras pelos canais de um canto, como um palácio de salas negras abertas para sempre.

Este animal respira como um espelho de pé, no ar, no ar.

OS EPÍLOGOS

Vou enlouquecer, sussurrou ele para o mestre que o olhava do outro lado da mesa.

Vou matar toda a gente.

Sou um assassino, disse ele.

Vou morrer.

Vou tomar veneno, e o meu corpo inchará, ficará coberto de pústulas, será repugnante, murmurou docemente, docemente.

O mestre olhava-o do outro lado da mesa.

Só de me verem, as pessoas ficarão doentes, já não terão a mais pequena parcela de fé, disse ele.

Serei o mais abjecto cadáver da terra.

Bastará uma hora para eu apodrecer.

Haverá peste.

Terão de queimar-me numa grande fogueira, se quiserem escapar ao meu cheiro.

Tenho um cheiro, murmurou ele.

Tenho um cheiro horrível à espera.

O mestre olhava-o do outro lado da mesa.

Não pensem que me escaparão, sussurrou ele.

Hão-de ficar com o meu cheiro, hão-de levá-lo de um lado para outro, e ele contaminará todas as coisas.

Ninguém mais terá fé, disse ele.

É preciso aprender a andar sobre as águas, disse o mestre.

Às vezes as coisas desatam a crescer numa espécie de sentido ao contrário.

Desenvolvem-se em dois planos, movem-se em lugares diferentes.

Entre eles bate um coração, uma alma, um motor.

Aí é que está a unidade e o sentido — o senso, o contra-senso.

Imaginemos uma planta com as raízes no ar e a flor debaixo da terra — mas raízes eficazes, e uma flor perfeitamente organizada.

A máquina desta planta é um milagre de energia.

Foi tocada pelo sopro da alegria criadora.

Faz coisas simétricas, assimétricas — maravilhas circulatórias e respiratórias: estruturas vivas.

Mas está de cabeça para baixo.

Não se integra nas matemáticas gerais.

Falha nas relações.

É outro milagre — um rasgão, uma oposição, uma subversão: um clarão.

O conjunto estremece, abalado por uma luz nova.

Então há um refluir de todas as coisas para este centro devorador, este aparelho centrípeto.

O contra-senso é o senso.

Falo do quotidiano absolutamente real, realizado.

Vou contar uma história.

Havia uma rapariga que era maior de um lado do que de outro.

Cortaram-lhe um bocado do lado maior.

Foi de mais.

Ficou maior do lado que era dantes mais pequeno.

Cortaram.

Ficou de novo maior do lado que era primitivamente maior.

Tornaram a cortar.

Foram cortando, cortando, cortando.

O objectivo era este: criar um ser normal.

Não conseguiam.

A rapariga acabou por desaparecer, de tão cortada nos dois lados.

Isto levou muitas pessoas ao suicídio.

Outras riram, apenas — o que era uma forma de suicídio.

Algumas compreenderam.

Não me venham com teorias, estou farto.

Acontecimentos, seres, objectos, lugares.

A coluna vertebral disto tudo.

A posição vertical — eis o que me parece justo.

Se se anda com a cabeça e se põe o chapéu nos pés, não é a coluna vertebral que tem culpa.

O erro pode estar em andar com os pés e pôr o chapéu na cabeça.

De qualquer maneira, é magnífico ver uma flor ter delicadeza debaixo da terra.

Bem: pode tomar-se um espelho e colocá-lo em frente das coisas.

Na melhor das hipóteses, onde era esquerdo fica direito, e vice-versa.

Pode aparecer tudo negro, noutros casos.

É porque as coisas são negras.

Dormimos ou estamos acordados, conforme a escolha.

Atenção.

É uma espécie de espectáculo.

Vem anunciado nos jornais.

Não se inventou, apenas se tornou mais forte a pancada do martelo.

Sim, na cabeça.

Chama-se a isto malícia ou intenção.

Segue.

Estava no rés-do-chão, nu, aplainando tábuas.

Inclinava-se sobre a inocência das tábuas, sobre a sua própria inocência de criatura nua — e aplainava.

Depois subiu até ao último andar daquela ciência, e era negra a sua nudez, de onde nascera uma cadeira.

Então lançou-a ao ar, e a cadeira voou.

Ele trabalhara segundo o ritmo mais antigo da terra — isso queimara-lhe o corpo, e a cadeira voava.

Era um mestre.

As pessoas desejam saber como é a sabedoria por dentro — e ele diz que é um ritmo, até a beleza se tornar negra, até voar a cadeira.

Diz ainda que não experimentem, e fecha os olhos.

Seca, pura, voadora cadeira — uma flor estrita e alta.

A sabedoria mata em sua forma viva de cadeira.

Outro pôs-se a andar de cabeça para baixo, e depois via, falava, pensava, cantava, sorria com os pés.

Tinha uma malícia rápida, e andava depressa com o cabelo comprido.

Também voou, este — de tal modo que ele era a sua própria obra.

E à noite sangrava dos cabelos, com a dor da sabedoria.

Quiseram saber, e ele disse: tenho medo de toda a minha ciência.

Houve também quem dormisse, para aprender até ao mais fundo como a memória respira, como o desejo e o corpo respiram, como respira a treva.

Tornou-se sábio à força de respiração nocturna.

Tivera revelações, sabia dos nascimentos, das formas imóveis, de cores dobradas no escuro, dolorosamente, até que delas rebentava a luz aterradora das paisagens.

Ele tremia com esta ciência toda — perdera os nomes, o seu corpo fervia com a peste do conhecimento.

Aprendi uma ciência mortal, disse ele, nada me salvará.

Mas o último não amava a invenção — sentara-se em frente dos trabalhos alheios, não se mexia.

Preciso de ócio, dizia ele, preciso dos meus olhos, quero ver como é.

E viu como era.

Viu o ritmo humano estabelecendo relações no espaço, viu as coisas entre si, o movimento primitivo dos animais, os ciclos vegetativos, as imagens nocturnas e diuturnas.

As casas cresciam e a aveia, e os pomares cresciam, e as cores e as vozes cresciam.

Havia motores, o petróleo subia do coração tenebroso da terra, purificava-se e, ao alto de belas torres metálicas, grandes chamas de uma sacralidade moderna glorificavam as forças obscuras da terra.

Já tenho a minha sabedoria, disse o último homem, estou triste.

E fechou os olhos, porque estava cansado da sua sabedoria da visão.

Gostaria de poder morrer, disse ele, a terra é extraordinariamente rica e constante, estou cansado.

A terra está cheia de coisas vivas e inúteis, coisas irrompentes, palpitantes, ardentes — coisas de uma fulgurante inutilidade.

Fechou os olhos e disse: se eu pudesse morrer.

Esta é a minha sabedoria, tenho os olhos queimados.

Ou ainda:

Há a tentação de escrever um texto inabitável, uma espécie de mapa solitário e limpo, diante do qual o engenheiro da fábula não possa maquinar o seu empenho de aventura humana, com as palavras: aqui fica uma rua, aqui uma ponte, aqui um parque, aqui a mancha cerrada de sentimentos e ideias com o nome de bairro de gente.

Antes da escrita, alguém disse: um momento, engenheiro — eu amaria uma superfície destituída de enigmas, aonde ninguém chegasse, onde não houvesse uma casa paterna, sobretudo, e a perpetração da parábola do filho pródigo.

É um texto que se destina à consagração do silêncio, a gente já pensou tanto, já teve mãos por tantos lados, já dormiu e acordou — bom seria imaginar o espírito apaziguado, a reconciliação do pensamento com a matéria do mundo.

Mestre, não me dês um tema.

E então o texto principia a ser ferozmente habitado.

Abrem as portas do texto como se fosse uma cidade: entram as pessoas com os seus animais e mercadorias, chegam para vender, comprar e trocar.

Possuem todas o seu entendimento, o seu plano, os sentimentos, a malícia, o enigma — e o que vai circular pelo texto dantes nu e fixo é um movimento soturno, ardente: a aventura do homem que deseja ligar-se à terra.

Sabem? é o filho pródigo, o que estava no exílio e cai na vertigem da decifração.

Jamais será possível lavrar o discurso sem compromisso, a idade do ouro, uma sintaxe da desabitação — é provável o aparecimento de Édipo-o-Jovem à entrada de Tebas.

E junto aos muros da cidade é evidente que estará a Esfinge que, segundo a nota, «se aparenta aos demónios sedentos de amor e sangue que povoam o sono dos vivos».

«… tu que, mal chegado aos muros da cidade, nos libertaste do tributo que sobre nós mantinha o monstro dos enigmas…»

E como já então o texto se encontra cheio de gente! — existe a peste, o crime da aventura espiritual, fez-se carne e gesto o amor do lugar.

É a nova tentação do espírito: a união com a terra, a mãe.

«… não viram na união com a mãe a antiga hierogamia, o casamento com a terra…»

Que coisas ocorreram no espírito, que trazes tu ao texto mudável, chegando assim pelas trevas, inspirado de tal modo por um deus que, de súbito, aniquilas os prestígios enigmáticos?

Mas nada sabes afinal, ignoras mesmo que é um regresso.

Por isso eu digo: o ganho seria suplantar o espírito, aparecer no texto virgem, dançando como um rapaz nu e aí implantando o amor — celebrar o casamento com a mãe.

O resto é uma fábula lateral, a história de uma investigação policiária moderna, crime e castigo, catarse, integração moral, espectáculo dramático, os outros.

«Um crime, mesmo involuntário, mesmo legítimo, macula o seu autor, e cria a necessidade de uma purificação.»

«… ninguém pode purificar-se a si próprio.»

Desejaria afastar-me do espírito, o engendrador do princípio criminal.

Isto luta para ser um texto branco, reconciliado, a vida externa.

Olho, dou um passo atrás, desocupando o espaço interior — e então o texto põe-se a andar, cego, tacteando, procurando entrar na sua verdade própria: a clareira primitiva.

Todo o texto conduz ao exemplo do mundo, narra a parábola do regresso e apresenta a cerimónia da paisagem.

Tu és simples e essencial.

Vê o teu lugar:

É uma ilha em forma de cão sentado, com a cabeça inclinada para perscrutar o enigma da água.

O cão tem as orelhas fitas, porque, ao mesmo tempo que cheira e olha o mar, recebe notícias de vento.

O cão está sentado no atlântico.

A água cai em cordões verticais e vivos, cantando.

Cria-se uma nova, ou muito velha, espécie de solidão, onde o súbito gosto da pureza se mistura ao temor.

A água é uma matéria em si própria delicadíssima e exaltante.

Talvez os homens desejassem estender-lhe as mãos, voltando-as de todos os lados, para ficarem bem molhadas.

É uma água vasta, nua e maternal.

As casas tornam-se muito isoladas, a uma distância infinita umas das outras.

Não é tempo de comércio entre as pessoas, de qualquer espécie de fraternidade.

Sabe-se pouco a respeito da água da chuva.

É esta uma ilha estéril, fechada em cal e areia.

Há as estiagens.

E então, sucede o absurdo.

O talento do absurdo é criar o excesso.

Por isso, às vezes, cai uma chuva avassaladora.

A carne concentra-se para recebê-la, e aceita-a.

Poder-se-ia sair das casas, e não somente estender as mãos à grande chuva, mas deixá-la mesmo encharcar as roupas e a pele, limpar o homem de uma porção de coisas que não prestam.

Seria possível andar nu debaixo da chuva cantante, as próprias pessoas cantando, com alegria e terror sagrados.

Mas, na verdade, cada qual se encerra na sua solidão.

Liga-se às vontades celestes por uma comoção enigmática.

Os caminhos confundem-se, os telhados de terra batida aluem aqui e ali, o enxurro ganha os campos.

Desaparece essa frágil ordem que se cria para andar sobre os abismos.

Em dois dias, perdem-se todas as pistas do ano.

Os centros da vida onde se tece, à volta, o pavor da morte — a malícia de enganá-la e a pequena vitória com seu anel de alegria — eis que desaparecem os tais centros de audaz inteligência.

Absorveu-os a água.

Na forma desfeita, já se não sabe o lugar dos bichos, da lentilha e dos barcos.

Cavalos de areia húmida galopam nos ares.

O vento bate nos campos as ferraduras de água.

As casas abaixam-se, iluminadas por candeias cuja grossa torcida mergulha em gordura de carneiro.

É preciso inventar de novo o palpável edifício das convenções: demarcar os campos de cevada, reparar as empenas dos barcos, amar a vida.

Para ajudar, haverá uma pobre primavera de ervagem baixa e uns passos de lentilha verde.

Mas os homens da ilha não amam o trabalho.

É difícil um pacto com os segredos da terra.

As manhãs hesitam, com o seu sol molhado.

O céu curva-se para as poças.

Ao longe, no mar áspero, passam cargueiros.

De noite, são luzes pequenas que se movem.

É muito triste.

Tem de se descer fundo na matéria enigmática destes homens, entender a região do seu feroz repouso, tão trágicas fontes de imobilidade.

Estas fábulas são algo de terrível, nos seus enredos e forças.

Os caminhos afogados, as casas destruídas.

Toda a gente vem para fora, hesitante, um pouco espantada.

Não há lugar para as suas mãos, para os seus pés.

Mas o ar vai-se tornando leve e penetrante.

As coisas libertam-se do grande abraço das águas.

Durante dois meses, na trágica solidão subterrânea, preparou-se o tempo que agora se torna exterior e vivo.

Talvez que a lentilha e a cevada semeadas no outono venham a cobrir as planuras.

As sementes dormiram e imaginaram.

Talvez acordem agora para a reconstrução da alma humana.

É então que um grande silêncio cai sobre os quarenta quilómetros quadrados da ilha.

Ou vem das coisas, do interior das coisas.

É um silêncio extremamente doce.

Um equilíbrio supremo.

A ilha adquire uma grave e grandiosa imobilidade.

E a luz entra nas veias, torna belas as mãos dos homens.

É dos olhos que primeiro caem as carapaças do sono.

Em seguida, da boca.

De cada parte do corpo, lentamente, de uma e outra parte, até as pessoas ficarem nuas.

Ressurreição.

Os campos estão cobertos de erva e, no meio dela, vibram na aragem viva algumas hastes de cevada.

Principia a ordenação abstracta das cores — violentas, delicadas — no puro cheiro da maresia e da areia que já aquece.

O céu levanta-se como um animal.

A terra pensa, a cabeça de cão pensa em cima do labirinto da água salgada.

E a primavera sobe, ganha maior precisão.

A cevada amadurece depressa na exaltante transparência do espaço, agitada leve leve pela aragem.

Na atmosfera de pureza, cuja violência intrínseca se dissimula, nascem repentinas fontes de felicidade.

Desenvolve-se furiosamente no coração um grande pensamento de imortalidade, tão vivo e exclusivo que a carne verga ao seu peso.

Aspira, ambiguamente, a um aniquilamento obscuro, rápido, total.

Sem vestígios.

Uma colina branca resplandece tão veemente que parece ter levantado voo.

Os homens descem até à praia e estendem-se na areia, onde correm centenas de lagartixas, fazendo desenhos complicadíssimos e fúteis.

E enquanto os homens dormem, os montes ao alto são nus e amarelos.

Eles dormem, e os montes ficam sempre vazios e secos, sob o sol tranquilo.

O mar, com o seu perfume cru, invade a ilha.

É o perfume do mar na primavera.

Ou é o perfume do mar no verão.

Os homens sentem o sal a arder nas veias.

A cabeça fecha-se.

Há neles uma espécie de alegria cega e mortal.

Então vão para casa e fornicam com as mulheres.

Esta gente possui o orgulho firme de quem conhece o poder das coisas, o sentido da inutilidade essencial da vida, contra o qual nada mais se deve opor do que a força de uma ordem momentânea, estritamente necessária.

É preciso comer um mínimo, trabalhar um mínimo, acreditar um mínimo nestas hastes ainda verdes que estremecem ao vento de maio.

Depois, o que se pode fazer é ficar ao sol, olhando perdidamente para a água do mar, ou ir para as casas mal-reconstruídas, no meio do vento cheio de areia, e fornicar com as mulheres que envelhecem depressa.

Um dia por quinzena os homens descem ao cais de estacas e pranchas de madeira, para esperar o barco que vem da ilha mais próxima.

É um barco no estilo dos de pesca, com vela e motor.

Quase nunca traz passageiros.

Às vezes traz lenha ou farinha de milho.

Os homens da ilha vêm sempre assistir à chegada do barco.

É como os barcos dos pescadores, simétrico, largo ao meio, com a popa igual à proa, amarelo e verde ou amarelo e azul.

Eles gostam de ver o barco a entrar na pequena baía.

Durante o dia inteiro, ficam-se a olhá-lo, rondando-o, deslocando-se de uma parte para outra da praia, para vê-lo do maior número possível de ângulos.

Têm a ingenuidade, a sabedoria de sentir na contemplação a única saída para a alma humana.

Gostam de ver as coisas até esgotá-las.

Recolhem-se depois com elas.

Vivem longamente com a densidade das suas imagens.

Disso tudo fabricam um suave desencanto, uma ternura sem febre nem finalidade.

Detestam o trabalho.

Vão já querendo aos seus hábitos de renúncia misturada com tédio, à calma subalimentação e à astronomia de imagens puras.

Por nada trocariam uma vida de ócio que nem é preciso justificar.

Que está justificada pela areia, o monte estéril, a grande estiagem.

Falam pouco destas coisas, porque não são coisas de que se fale e porque não gostam de falar.

Gostam de olhar.

Olham as luzes dos navios que passam ao longe, o descarregamento do barco que vem uma vez por quinzena, ou os desenhos puros, sem sentido, que as lagartixas fazem na areia.

Também olham as mãos, as suas próprias mãos, com um desprendimento porventura um pouco irónico.

Um dia acontece a fome.

Não essa habitual fome lacunar, a fome básica da ilha — estilo central com suas tréguas que empenham de novo o homem no acto íntimo de viver.

Acontece a fome extrema.

Então as mulheres saem das casas e atravessam os caminhos em grupos mudos e sombrios.

Têm as caras das pessoas velhas, embora algumas sejam ainda mulheres jovens.

O seu passo é incerto, porque saem pouco.

Estão desesperadas e dirigem-se às autoridades da ilha.

Caminham com um passo sem jeito, vestidas de negro, com aquele pensamento femininamente feroz do pão, a determinação de fêmeas que sentem ameaçadas as bases da própria vida.

Pode dizer-se que a sua fome é, de certa maneira, uma fome imediata, um pouco sem dignidade.

Não atinge a forma de ideia, uma expressão de silêncio audaz.

É uma fome-fêmea, e por isso será remediada.

Os homens estão deitados na praia, e ir às autoridades é a última, a coisa desesperada, convincente, maliciosa e eficaz, que pertence às mulheres.

O desespero público não é dos homens.

Deles, o inútil orgulho.

Ficam na mesma posição, olhando para o mundo, e — cheios de um orgulho inerte onde não existe uma ponta sequer de ironia — sentir toda a fome por toda a parte do corpo.

É uma fome-macho, e por isso não seria remediada se, a seu lado, se não tivesse desenvolvido, em toda a sua ignóbil e engenhosa energia, a fome das mulheres.

É a salvação.

As autoridades redigem um apelo às ilhas vizinhas, mais férteis, e dias depois chega um barco com farinha de milho e barricas de carne seca.

Alguns homens fazem-se ao mar e trazem peixe.

Mas trazem pouco, o estritamente preciso para acalmar a fome.

Não está neles trazer para guardar.

Não há dia seguinte.

Isso não está neles.

Só é preciso trazer dois ou três ou quatro peixes para um dia.

Guardar não está nos homens.

Todo o trabalho de colheita para o dia seguinte é excessivo, e eles não têm dentro de si o sentimento desse trabalho.

Trazem três peixes, e algum tempo depois chega o carregamento de farinha de milho e carne seca.

As mulheres tranquilizam-se, e os dias da primavera cobrem os campos de pequenas folhas verdes, ou são os dias do estio onde as lagartixas correm silenciosamente e que enchem as pupilas de ofuscação, ou ainda os dias do outono espalhando uma doçura ferida sobre a terra.

Os homens olham para todas as coisas com a sua desapaixonada, entanto firme, meticulosa, fruidora curiosidade.

Enriquecem o já vasto tesouro das imagens.

Sobrecarregam o seu silêncio quase sem intenção, tornando mais apta a gratuita, mas nunca cínica, capacidade de destruir a verdade mais acessível da vida onde os seres se esgotam e são felizes, infelizes.

E principia o estio com o sol sem margens, ilimitado.

Urzes incendiadas.

A multidão das lagartixas distribuindo na areia a confusão das pistas imperscrutáveis até ao absurdo.

O verão de mar imóvel, cio avassalador, montes áridos — vermelhos e cinzentos — como pousados abstractamente em volta das planuras.

No meio dos trevos, meia dúzia de ventres de um verde brutal: as melancias da fome.

A cabeça do cão continua virada para as águas.
Ninguém presume o que vê ou sabe.
É um bocado de pedra com a forma de uma cabeça de cão.
Apenas intrigante.
O mais certo é nada ver e saber.
Está ali.
Está inclinada para o enigma da água.
Para os enigmas.

Os pés do vento correm na areia.

Os homens voltam-se ligeiramente sobre os seus passos, sorriem um pouco, são de novo devorados pela própria força interior, a indiferença.

Durante um instante, recolhem o violento azul do espaço, o mar fixo e as cores primitivas dos barcos.

As lisas imagens do dia instalam-se neles, como figuras abstractas e completas.

Sobem e descem dentro deles.

Respiram.

À volta, sobre a areia, as crianças fazem a vida das lagartixas, copiando o seu quotidiano do sol, fugas precipitadas, atenta imobilidade e combates incompreensíveis.

Nos campos e montes, as mulheres procuram, seguindo pistas, a bosta seca dos animais, para servir de combustível.

Os homens ruminam as imagens simples e ardentes.

As crianças movem-se no seu universo réptil.

As lagartixas vivem cercadas pelas crianças.

É delas que esperam tudo.

Alimento e morte.

Trata-se de um pacto, tácito comércio cheio de misteriosas intenções.

Linguagem de dádiva e crueldade, pela qual homens e bichos se conhecem, fascinados.

As crianças são lagartixas mais fortes que, por isso, decretam as leis de relação.

Iniciam, no silêncio amarelo e saturado da praia, o jogo religioso da cidadania.

Atraem as lagartixas, mexendo de leve na areia, distribuindo num sábio acaso miolo de pão, insectos mortos ou pedacinhos de gordura.

Podem afugentá-las de repente, com um gesto inimigo.

Ou cortar-lhes a cauda, num golpe rápido, e dar-lhes depois uma bolinha de pão.

Ou prender, na mão fechada, os corpos pânicos.

E podem então hesitar e, em seguida, conceder-lhes a liberdade.

Mas as crianças pagam os direitos do poder.

Sujeitam a atenção: a fisionomia do seu mundo interior tem de adaptar-se a certas leis profundas dos bichos.

Armam-se então de inexaurível paciência, uma secreta humildade para com as forças superiores que demarcam e condicionam o teor das suas próprias regras.

Decerto que todas estas regras se elaboram e exercem na inspiração do terrível, mas o terrível possui a sua doçura e lírica castidade, o seu transporte dadivoso.

As crianças amam as lagartixas, com uma crueldade cheia de paciência e pormenorizada paixão.

Há uma centena de maneiras de assassinar lagartixas.

Foi isto que os carrascos aprenderam com as vítimas.

Por cima de cada morte, urde-se um jogo subtil, onde cada propósito cria uma ambígua antecipação que abre uma porta imediatamente fechada.

E depois possivelmente reaberta.

As invenções bebem no gosto da dor.

Uma fúria silenciosa e inteligente corre para as mãos sábias.

Invenções e mãos jamais se aplacam.

A fúria inventa sem parar.

Aperfeiçoa os seus instrumentos e métodos, num estilo cada vez mais cerrado, puro e tenebroso.

Um estilo de propósitos severos, quase místicos.

Na manhã aberta por todos os lados, morre um homem.

Um cancro devorou-o de dentro.

Mero símbolo, porque a morte nasce e floresce dentro de cada ser, espalhando morosamente as finas e frias ramificações.

Neste, a raiz estava cravada nos pulmões, e o devoramento atingiu, na manhã branca, a sua forma terminal de flor.

O cadáver é lavado, envolto num lençol e posto sobre quatro bancas baixas, unidas umas às outras.

Do corpo, só se vê a cabeça azulada.

Uma a uma, são retiradas do quarto todas as peças.

Nem um móvel, uma estampa, um objecto.

Apenas as paredes grosseiras caiadas de branco, o chão de terra batida, e o corpo nu e limpo do morto, embrulhado no seu lençol.

Quando abrem a porta, a luz irrompe violentamente, e bate nas paredes despidas e no lençol.

No meio da claridade explosiva, a cabeça azulada do morto tem um peso quase obsceno.

Entre o corpo e o lençol, colocam a navalha de barba que pertenceu ao homem.

As mulheres gritam à porta da rua.

Lá dentro, no abismo luminoso, a cabeça do morto parece quase negra.

O mar rumoreja nos troncos de madeira que servem de pilares ao cais, arrasta-se pela praia e molha os pés escuros dos homens deitados.

Cai o sol sobre os campos secos onde as mulheres recolhem a bosta ressequida.

As crianças matam, e as lagartixas morrem.

É uma ilha em forma de cão sentado.